

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA**

**MULHERES NA POLÍTICA DA CIDADE DE SANTA
MARIA NA DÉCADA DE 1980: ATIVISMO E
TRAJETÓRIA.**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Aline Silveira Flores

**Santa Maria, RS, Brasil
2017**

MULHERES NA POLÍTICA DA CIDADE DE SANTA MARIA NA DÉCADA DE 1980: ATIVISMO E TRAJETÓRIA

por

Aline Silveira Flores

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História –
Mestrado em História, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM,
RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em
História.**

Orientador: Prof. Dr. Diorge Alceno Konrad

Santa Maria, RS, Brasil
2017

Aline Silveira Flores

**MULHERES NA POLÍTICA DA CIDADE DE SANTA MARIA NA DÉCADA DE 1980:
ATIVISMO E TRAJETÓRIA**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), área de concentração história poder e cultura, como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em História**.

Aprovado em 22 de agosto de 2017:



Diorge Alceno Konrad, Dr. (UFSM)
(Presidente Orientador)



Gláucia Vieira Ramos Konrad, Dra. (UFSM)



Leonardo Guedes Henn, Dr. (UNIFRA)

Santa Maria, RS
2017

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, torna-se indispensável agradecer à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo auxílio financeiro que propiciou o desenvolvimento desta pesquisa. Ainda, devo agradecer as mulheres Janes Siqueira, Ana Maia, Maria Rita Assis Brasil, Guiomar Prates, Vera Flores e Cleunice Fialho pela disponibilidade de compartilhar comigo as memórias de suas militâncias políticas, mulheres que lutaram por uma maior participação de mulheres em lugares que antes eram masculinos por excelência, sem essas histórias de luta não seria possível a realização deste trabalho.

Após isso é necessário reconhecer a importância do professor Diorge Alceno Konrad aceitou desafio de me orientar e possibilitou a tessitura desta dissertação. Orientação que veio acompanhada de relevantes críticas e proposições teórico-metodológicas que foram fundamentais na sua redação. Também, deixo a minha imensa gratidão à professora Gláucia Konrad e ao professor Leonardo Henn pelos instigantes apontamentos sobre a pesquisa e livros emprestados após a qualificação, que sem dúvida deram um norte para minha pesquisa.

É indispensável recordar o convívio junto aos colegas Guilherme Catto, Mariana Correa e Franciele Oliveira durante o mestrado, sem dúvida a convivência com eles durante o período do mestrado tornou este mais leve e construtivo.

Enfim, expresso a mais sincera gratidão ao meu esposo Roberto Borges Lisboa. Sem a ajuda dele nada disso seria possível, pois ele é a pessoa que me apóia em todas as minhas decisões sempre me dando ânimo para enfrentar as barreiras que apareceram durante este período de mestrado. E claro a minha filha Maria Cecília é quem me faz lutar todo dia para ser uma pessoa melhor e sem dúvida foi ela que me manteve de pé até o fim deste trabalho.

EPÍGRAFE

“É possível uma história de mulheres? Por que tão longe quanto nosso olhar histórico alcança vê-se apenas a dominação masculina. Como então elas poderiam pensar sua história? Esta pergunta ainda nos desacomoda.”

(Michelle Perrot)

RESUMO

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em História
Universidade Federal de Santa Maria

MULHERES NA POLÍTICA DA CIDADE DE SANTA MARIA NA DÉCADA DE 1980: ATIVISMO E TRAJETÓRIA.

AUTOR: ALINE SILVEIRA FLORES

ORIENTADOR: DIORGE ALCENO KONRAD

Local e Data da Defesa: Santa Maria, 22 de agosto de 2017.

Esta dissertação, intitulada "Mulheres na Política de Cidade de Santa Maria na década de 1980: Ativismo e Trajetória", pertencente a linha de pesquisa "Cultura, Migrações e Trabalho", busca evidenciar um fragmento da História do ativismo feminino no período indicado, através de entrevistas realizadas com mulheres que ocuparam diferentes espaços de poder na política santa-mariense. Neste sentido, objetiva-se identificar que espaços de poder foram esses, quais partidos, quais movimentos e associações que marcaram presença, problematizando como se desenvolveu a participação delas nos mesmos. Também, procura-se identificar que laços estabeleceram no movimento de mulheres e que reivindicações e debates propuseram na cidade. Para tanto, no primeiro capítulo o leitor poderá visualizar a participação política das mulheres no Brasil desde a ditadura civil-militar, quando será identificadas as principais formas de luta e debates que travaram contra ela. No segundo capítulo, será possível perceber como as mulheres entrevistadas interviam politicamente na cidade por meio de suas trajetórias individuais e possíveis conexões. Por fim, o terceiro capítulo deverá problematizar o ativismo feminino em espaços essencialmente masculinos e, também, como elas se posicionavam ante os debates no movimento de mulheres com suas diferentes concepções de feminismo, assim como, suas lembranças que marcaram o seu ativismo, relacionada a questão da mulher. Ressalta-se que essa dissertação foi desenvolvida com auxílio de Bolsa Capes-DS.

Palavras-Chave: Ativismo Feminino; Feminismo; Mulheres; Santa Maria.

ABSTRACT

Master's Dissertation
Masters in History
Federal University of Santa Maria

WOMEN IN POLITICS OF THE CITY OF SANTA MARIA IN THE 1980S: ACTIVISM AND TRAJECTORY.

AUTHOR: ALINE SILVEIRA FLORES

ADVISOR: DIOERGE ALCENO KONRAD

Date and Place of Defense: Santa Maria, August 22th, 2017.

This dissertation, entitled "Women in the City Policy of Santa Maria in the 1980s: Activism and Trajectory", belonging to the line of research "Culture, Migrations and Work", seeks to highlight a fragment History of female activism in the indicated period, through interviews with women who occupied different spaces of power in politics santa- Marian In this sense, it aims to identify which power spaces were these, which parties, which movements and associations that marked presence, problematizing how their participation in them developed. Also, it is tried to identify that bonds established in the movement of women and what claims and debates proposed in the city. To do so, in the first chapter the reader will be able to visualize the political participation of women in Brazil since the civil-military dictatorship, when the main forms of struggle and debates against it will be identified. In the second chapter, it will be possible to see how women interviewed intervened politically in the city through their individual trajectories and possible connections. Finally, the third chapter should problematize women's activism in essentially masculine spaces, and also how they stood before the debates in the women's movement with their different conceptions of feminism, as well as their memories that marked their activism, related to The issue of women. It should be emphasized that this dissertation was developed with the help of Bolsa Capes-DS.

Keywords: Female Activism; Feminism; Women; Santa Maria.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

Ação Popular (AP)
Assembleia Nacional Constituinte (ANC)
Associação dos Professores Municipais (APM)
Câmara Municipal de Vereadores de Santa Maria (CMVSM)
Central Única do Trabalhadores do Rio Grande do Sul (CUT)
Centro dos Professores do Estado do Rio Grande do Sul (CPERS)
Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM)
Convergência Socialista (CS)
Departamento de Ordem Política e Social (DOPS)
Diretório Central dos Estudantes (DCE)
Diretório Central dos Estudantes (DCE)
Faculdade Imaculada Conceição (FIC)
Federação dos Trabalhadores na Agricultura (FETAG)
Movimento Democrático Brasileiro (MDB)
Movimento Feminino pela Anistia (MFPA)
Partido Comunista do Brasil (PC do B)
Partido Comunista do Brasil (PCB)
Partido da Frente Liberal (PFL)
Partido Democrático Social (PDS)
Partido Democrático Trabalhista (PDT)
Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB)
Partido dos Trabalhadores (PT)
Partido Social Cristão (PSC)
Partido Social Democrático (PSD)
Partido Socialista Brasileiro (PSB)
Partido Trabalhista Brasileiro (PTB)
Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher (PAISM)
Rio Grande do Sul (RS)
União Brasileira de Mulheres (UBM)
União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS)
União Estadual de Estudantes (UEE)
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Vanguarda Armada Revolucionária Palmares (VAR)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 – A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NA POLITICA BRASILEIRA ENTRE AS DÉCADAS DE 1960 E 1980	15
Formas de luta, movimentos e reivindicações das mulheres no Brasil a partir da década de 1960	16
O Movimento Feminista no Brasil dos anos 1970 e 1980	29
2 – MEMÓRIA E HISTÓRIA DO ATIVISMO FEMININO NA POLÍTICA DE SANTA MARIA (1978-1988)	41
Maria Rita de Assis Brasil	43
Janes Teresinha Fraga Siqueira	46
Anna Maia Miragem	50
Guiomar Prates	53
Vera Flores	57
Cleunice Dornelles Fialho	58
Conexões do Ativismo de Mulheres na Política de Santa Maria	61
3 – ENTRE ATIVISTAS: GÊNERO E FEMINISMO EM SANTA MARIA NOS ANOS 1980	65
O Ativismo Feminino nos Espaços de Poder Essencialmente Masculinos .	67
Diferentes Compreensões do Feminismo e seus Desdobramentos	75
CONCLUSÃO	85
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	87
APÊNDICE	93

INTRODUÇÃO

Esta dissertação de Mestrado, pertencente a linha de pesquisa "Cultura, Migrações e Trabalho", trata do ativismo feminino na cidade de Santa Maria e suas repercussões na década de 1980. Construída a partir de pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria e financiada através de bolsa Capes-DS, ela foi pensada e organizada em torno da problemática acerca da importância desse ativismo nos espaços de poder que ele repercutiu, fosse no movimento sociais, em especial no movimento de mulheres, fosse em partidos políticos. Em outras palavras, em espaços de poder essencialmente masculinos ou femininos. Para tanto, a pesquisa partiu da hipótese inicial de que as mulheres galgaram espaços pouco a pouco no nos movimentos sociais e partidos na cidade no período da Ditadura Civil-Militar, dando visibilidade à luta das mulheres e ocupando espaços de poder até então diminutos.

Ressalta-se que este trabalho almejou inverter perspectivas históricas, a partir do entendimento de que o ativismo feminino deve ser dimensionado, realocando sua importância e participação nos processos políticos contemporâneos. Isto deve-se, principalmente, à questão da pouca representatividade dada a participação das mulheres nos partidos e movimentos sociais pelos historiadores até os anos 1960. Não se pode esquecer que o ativismo feminino esteve presente desde muito cedo na História da República em diferentes níveis, mas a participação dessas mulheres em geral foi secundarizada.

A justificativa que embasou a pesquisa e esteve presente na escrita da dissertação foi o entendimento de que a maioria dos estudos que rompem com essa lógica, acabaram restringindo-se a participação política das mulheres na esfera nacional, de forma genérica. Ou seja, dificilmente encontram-se estudos locais que explicitam determinada realidade específica. O que se quer dizer é que, apesar da importância de mostrar como essas mulheres se articularam nacionalmente em torno do movimento de mulheres em sua pluralidade e dos partidos que foram formados durante a ditadura, entende-se fundamental procurar perceber como esses espaços de poder e decisão foram construídos e desenvolvidos localmente.

Portanto, esse trabalho almejou investigar o ativismo feminino nos movimentos sociais e partidos da cidade de Santa Maria na década de 1980, no período de abertura lenta e gradual da Ditadura Civil-Militar que culminou no

processo de redemocratização da sociedade brasileira, através das trajetórias individuais das ativistas entrevistadas e do encontro destas trajetórias. Secundariamente, mas de igual relevo, os resultados da pesquisa devem identificar os movimentos sociais e partidos que elas participaram ou mantiveram contato na cidade; sintetizar o ativismo feminino relacionado às suas reivindicações gerais e específicas; averiguar suas trajetórias e os espaços comuns de construção política e identificar o perfil social dessas mulheres e daquelas que participavam dos mesmos em movimentos sociais e partidos.

Adverte-se que no decorrer do trabalho, o leitor poderá perceber como elas buscam se inserir politicamente e formulam suas demandas. Concordando com Bensaïd (1999, p.40.), é necessário enfatizar a relação desigual com ritmos e temporalidades próprios da questão de gênero ante a política geral, ou seja, o programa e/ou a estratégia nos partidos e movimentos. Não obstante, indica-se que o ativismo feminino pesquisado se insere à proposta de Benjamin (1994, p. 225-226) de “escovar a história a contrapelo”, na perspectiva da “tradição dos oprimidos”, onde o “estado de exceção” aparece como regra geral da sociedade.

Ainda, a percepção das trajetórias individuais e, conseqüentemente, do ativismo feminino foram investigadas através da realização de entrevistas, procurando destacar a memória individual, contudo, de acordo com Selau (2004, p. 221), contrapondo, quando necessário, “as informações obtidas no conjunto de entrevistas procurando evidenciar estes acontecimentos encontrados nas mesmas e também perceber as representações que os depoentes construíram sobre os mesmos e o modo como os vivenciou”.

A partir do uso de fontes orais, espera-se que tenha sido possível dar visibilidade ao ativismo feminino na cidade. O que se quer é dar a devida importância a participação política das mulheres nos anos 1980, momento de crescimento e desenvolvimento do feminismo no país, evidenciando os diferentes espaços por elas ocupados e o protagonismo político alcançado em determinados momentos.

Para tanto, o entendimento de Selau indica as possibilidades e dificuldades encontradas durante a confecção dos capítulos:

As pessoas que fazem parte de um determinado grupo mantêm suas lembranças, que são pessoais e ao mesmo tempo coletivas, pois como explicou Pollak com base nos elementos constitutivos da memória, esta

seria composta por acontecimentos, personagens e lugares, e que os indivíduos tem experiências pessoais, das quais participam diretamente e experiências do grupo, com as quais tem contato e que nem sempre participa, mas que marcam de tal forma uma coletividade que ganham destaque e passam a ser incorporados nas narrativas dos que compõem o grupo. (Idem).

Para dar conta dos objetivos traçados durante a pesquisa, a dissertação foi dividida em três capítulos. No primeiro, buscou-se localizar historicamente a participação política das mulheres em partidos e movimentos sociais entre os anos 1960 e 1980, evidenciando diferentes momentos de organização e luta, ou seja, sua evolução no contexto da Ditadura Civil-Militar no Brasil.

Assim, deverá aparecer a luta clandestina, a repressão desencadeada pela ditadura e a tortura, a organização do movimento de mulheres e, em especial, do movimento feminista, considerando as suas diferentes concepções e formas de ativismo, durante a segunda e terceira ondas/vagas, assim como, a luta pela anistia, Diretas Já e Assembleia Constituinte.

Em seguida, o segundo capítulo mostrará o ativismo das mulheres entrevistadas que participaram de diferentes formas da política na cidade de Santa Maria, valorizando suas memórias individuais sobre a participação política delas e procurando estabelecer algumas conexões dessas trajetórias em partidos e movimentos sociais, na tentativa de apresentar traços da História do ativismo feminino em Santa Maria com suas diferentes facetas.

Por fim, o terceiro capítulo deverá valorizar a compreensão das mesmas sobre a sua militância em espaços de poder e decisão essencialmente masculinos, assim como, suas percepções do movimento de mulheres na cidade e episódios que consideraram relevantes de suas trajetórias que envolvem o tipo de relação que desenvolveram com esse tipo de movimento.

1.A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NA POLÍTICA BRASILEIRA ENTRE AS DÉCADAS DE 1960 E 1980

A problemática do ativismo de mulheres organizadas em partidos políticos e movimentos sociais, no período proposto por este capítulo, não é uma tarefa simples. Indica-se que a própria posição social da mulher no capitalismo demonstra a dificuldade exposta acima. Tanto o ativismo de mulheres quanto o seu empoderamento enquanto ser social, a sua inserção do mercado de trabalho, a ocupação de postos de chefia em empresas ou protagonismo político em partidos e movimentos sociais é recente, dos anos 1970 no século passado.

Heleieth Saffioti, ao abordar o trabalho feminino, destaca que a mulher das camadas sociais mais baixas “nunca foi alheia ao trabalho”, pois ela contribuiu para “a subsistência de sua família e para criar riqueza social”, mesmo nas “economias pré-capitalistas”. (SAFFIOTI, 2013, p. 61) Ainda, o capitalismo se desenvolve em condições de adversidade à mulher. Conforme a autora:

No processo de individualização inaugurado pelo modo de produção capitalista, ela contaria com uma desvantagem social de dupla dimensão: no nível superestrutural, era tradicional uma subvalorização das capacidades femininas traduzidas em termos de mitos justificadores da supremacia masculina e, portanto, da ordem social que a gerara; no plano estrutural, à medida que se desenvolviam as forças produtivas, a mulher vinha sendo progressivamente marginalizada das funções produtivas, ou seja, periféricamente situada no sistema de produção. (Ibid., p. 65-66)

Em outro sentido, essa desvantagem social de dupla dimensão pode ser relacionada com “a marginalização da mulher nas organizações sindicais” e “a lenta evolução da sindicalização”. Sobre esta questão, Heleieth Saffioti sublinha a falta de interesse dos sindicatos em incorporar trabalhadoras e o desencorajamento da sociedade para que as mesmas desempenhassem funções de direção. (Ibid., p. 101-103) A autora evidencia que “a pequena representatividade da sindicalização da mulher não é senão uma expressão parcial da precária possibilidade oferecida à mulher de se utilizar das vias normais de reivindicação dos trabalhadores assalariados (Ibid., p. 103)”.

Ainda, o panorama geral da situação da mulher na sociedade capitalista possui diferentes contextos, épocas e lugares apresentando níveis distintos de incorporação enquanto mão de obra assalariada e na atividade sindical e política. O

presente capítulo trata dessas três questões a partir da década de 1960, enfatizando as duas últimas. Inicialmente, será apresentado exemplos do ativismo político de mulheres, a partir de pesquisas sobre a sua inserção nos movimentos sociais e partidos colocando em evidência as diferentes formas de luta, organização e debates desde a década de 1960. Em seguida, a discussão englobará a reparação do movimento feminista no Brasil e o seu desenvolvimento entre as décadas de 1970 e 1980. Assim sendo, deverá aparecer a emergência desse movimento a partir da sua evolução no Ocidente e na sociedade brasileira demonstrando seus resultados gerais mais imediatos.

FORMAS DE LUTA, MOVIMENTOS E REIVINDICAÇÕES DAS MULHERES NO BRASIL A PARTIR DA DÉCADA DE 1960

A História do Brasil, a partir dos anos 1960, traz uma série de exemplos do ativismo político de mulheres. Cada vez mais, a historiografia contempla as reivindicações dessas mulheres e capta as formas de luta por elas desenvolvidas, com suas características peculiares e aquelas mais gerais.

A mulher abordada neste subtítulo lutou contra a ditadura civil-militar na clandestinidade através de organizações revolucionárias que preconizavam a luta armada. Também, ela organizou movimentos e remodelou o movimento feminista na década seguinte, trazendo a luta pela igualdade de homens e mulheres na sociedade brasileira e contra a ditadura instalada. Nos anos 1980, ela participou da redemocratização do país, buscando dialogar com o Estado sobre suas propostas, criando canais de interlocução, assim como, procurou ocupar os espaços dos partidos, inclusive participando de cargos de direção. Nesse momento, o movimento feminista multifacetado optou por duas formas de intervenção política.

Enquanto o movimento feminista autônomo superou o debate da igualdade de condições por aquele que frisava o direito à diferença; as feministas ligadas aos partidos de esquerda, principalmente, mantiveram a primeira. Não obstante, a diferença fundamental parece ter sido a ênfase dada aos problemas gerais da sociedade.

As mulheres brasileiras que lutaram contra a ditadura civil-militar nos anos 1960 e 1970 estiveram escondidas na literatura sobre o período. Sua História foi escrita em traços fracos, subsumida a uma História da repressão, essencialmente

masculina. O que se visualiza é uma tentativa de as mesmas entrarem em um “espaço público, político e masculino”. Nesse período, não há espaço para a diversidade, entendida como “divisionistas” da luta fundamental. A mulher militante é vista como um “ser desviante”. A sua intervenção nos partidos de oposição à ditadura, aos olhares da repressão, cometia “dois pecados”, o de se insurgir contra o regime e o de desconsiderar “o lugar destinado à mulher” naquela sociedade. Naquele momento, os agentes da repressão desferem os mais variados adjetivos, estes carregados de significados, como o de “puta comunista”. Assim, a mulher militante é caracterizada por duas “categorias desviantes dos padrões estabelecidos na sociedade”. (COLLING, 2004, p. 06-07)

Assim, o tratamento dos militares dispensados às mulheres ativistas corrobora com a interpretação de Ana Maria Colling quando ela sustenta que:

Os militares ao tratar da mulher política, de imediato tentam a sua desqualificação como sujeito autônomo. Sua caracterização dá-se como apêndice dos homens, incapaz de decisão política. A única mulher que é respeitada com decisão própria segundo os arquivos da repressão é a religiosa. Pela sua condição celibatária, não entra na convenção do casamento e dos lugares destinados ao casal dentro dele e na sociedade. (Ibid., p. 07)

Ainda, a autora evidencia a dificuldade do núcleo familiar em aceitar a mulher militante. Em geral, esta situação resultará no desejo dos familiares de que a ativista aceite o papel conferido a ela pela sociedade no período.

Ao ouvir os depoimentos de participantes nos grupos de oposição à ditadura revela-se que a família também se mostrava desgostosa pela opção de suas filhas. Gostariam que elas permanecessem nos papéis sociais destinados à mulher – o casamento, único passaporte para a felicidade feminina. (Idem).

No entanto, esse tipo de tratamento dispensado às mulheres militantes, em diferentes níveis, também pode ser encontrado nas organizações clandestinas que lutaram contra a ditadura. De acordo com a autora:

Não é por ser de esquerda, preocupado com os destinos gerais do país que o militante terá uma percepção de igualdade entre os sexos. Ele também entende que o comando político deve ser dos homens. Talvez por este motivo raramente encontramos dirigentes feministas nos grupos clandestinos. (Ibid., p. 08)

Exceção parece ter sido o caso de Ramminger, nome de guerra Martinha, que em outubro de 1969 ingressou no grupo clandestino VAR – Palmares¹, na cidade de Porto Alegre. (Outro Caso) Martinha foi a única mulher a participar do comando dessa organização no Rio Grande do Sul. Ao escrever sobre o período que participou dessa organização clandestina, ela credits o convite para exercer o posto de comando às suas habilidades de paraquedista e ao seu excelente preparo físico. (RAMMINGER, 2009, p. 140-141)

As memórias de Ramminger reforçam as críticas que foram desferidas por diversas ativistas de organizações políticas de esquerda no período. Contudo, isto não impediu a masculinização de muitas mulheres como forma de se sentirem parte dessas organizações. Mesmo assim, as memórias de Martinha indicam que a questão é diversa e a existência de exemplos de mulheres que resistiram, mantendo suas características pessoais, e enfrentaram as acusações de desvio pequeno-burguês.

Apesar de toda dedicação à causa revolucionária, existia uma clara intolerância dos companheiros com pequenas vaidades femininas, tais como usar minissaia, salto alto, passar rímel nos cílios e pintar os lábios. Para minha surpresa, meu comportamento, considerado por eles como „pequeno-burguês”, foi pauta de uma de nossas reuniões. Sinceramente não gostei nenhum pouco e disse a eles que, mesmo na trincheira, não deixaria de usar batom. Estava na guerra com batom! (Ibid., p. 140-141)

Também, Ramminger recupera lembranças que indicam como o machismo esteve presente nos grupos clandestinos que lutaram contra a ditadura. Note-se!

Convém destacar que a esquerda revolucionária, apesar de lutar pela construção de uma sociedade mais justa e solidária, por uma nova humanidade, reproduziu relações machistas com suas mulheres. Este machismo se expressa fortemente quando, nós mulheres, somos relegadas a segundo plano e passamos a ter apenas o papel de „companheiras” de fulano ou de sicrano. Não fomos „companheiras” de fulano ou de sicrano, fomos protagonistas de uma história que ainda não foi bem contada: a história das guerreiras de batom! (Ibid., p. 142)

Neste sentido, a autora demonstra uma questão latente que permeia o ativismo político das mulheres nos anos 1960 e início dos anos 1970. A militância de

¹ Vanguarda Armada Revolucionária Palmares. Organização revolucionária clandestina que surgiu no ano de 69 da fusão de outros grupos clandestinos como o Comando de Libertação Nacional (COLINA) e a Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), após o enfraquecimento do primeiro e o enfraquecimento do segundo nesse período. In. RIDENTI, 2007, p. 122.

muitas mulheres desenvolve-se contra a corrente, duplamente reprimida pelos lugares que ocupam naquele contexto. Mesmo assim, elas resistem de diferentes maneiras e procuram galgar espaços nos lugares que intervêm politicamente. A luta pela igualdade está presente interna e externamente, em espaços masculinos por excelência.

Sobre essa questão, Ana Maria Colling indica que as dificuldades para perceber as questões discutidas neste subtítulo são imensas. A autora pesquisou o acervo do DOPS-RS² que, conforme sugere, pouco contribuiu devido a fragilidade dessa documentação. Contudo, ela chama a atenção para a importância da História Oral, como recurso metodológico, para recuperar “sujeitos escondidos pela história tradicional”. (COLLING, op. Cit., p. 07) Sem esse recurso, torna-se difícil perceber como a mulher foi vista no período, caracterizada simplesmente como um “ser desviante”, e a pluralidade da intervenção e resistência política.

A luta revolucionária de organizações clandestinas que contavam com a presença de mulheres arrefeceu após a brutal perseguição e tortura que muitas dessas militantes sofreram. Convém destacar que essa prática atingiu tanto homens quanto mulheres através de múltiplas práticas de tortura. No entanto, o exemplo de Martinha demonstra a brutalidade que a tortura atingiu a mulher militante.

Então chegou minha vez. Eles me colocaram um capuz preto na minha cabeça que não permitia enxergar nada. (...). Ligaram uma luz forte direto nos meus olhos, deixando-me praticamente cega. Colocaram fios nos dedos de minhas mãos e me deram várias descargas elétricas. A dor era horrível. Depois foram mudando os fios de lugar e os colocaram em várias partes de meu corpo – pés, genitais, seios. Quando colocaram em minhas orelhas, desmaiei. (...). Mais de uma vez urinei durante a sessão de choques. Principalmente quando levava choques nos órgãos genitais, pendurada no pau-de-arara. (RAMMINGER, op. Cit., p. 145)

Ressalta-se que o fato de ser mulher repercutia nas palavras adjetivadas dos torturadores e em determinadas práticas:

Essas torturas eram acompanhadas de palavrões, xingamentos e coisas do gênero, para humilhar e desmoralizar. A mim, por ser mulher, diziam que éramos putas e coisas parecidas; faziam coisas indizíveis. (...). Recebi tanto choque elétrico na vagina que quase perdi meu útero. (Ibid., p. 146)

² Departamento de Ordem Política e Social do Rio Grande do Sul. Conforme BAUER, o DOPS tinha como atribuição principal a função de polícia política de caráter preventivo e repressivo que deveriam antecipar e coibir atividades que colocassem em risco a ordem e a segurança pública. (BAUER, 2007, p. 13).

Outro episódio significativo envolveu a prisão da militante da Ação Popular (AP) Loreta Valadares em 1969 junto de outras mulheres no Estado de Minas Gerais durante uma reunião. Inclusive, os agentes da repressão no momento da prisão acreditavam ter desbaratado uma organização de mulheres. A militante da AP recorda que foi torturada porque na sua casa foi encontrada muita documentação falsa de outros companheiros. Conforme entrevista da militante à Muniz Ferreira e Sandra Souza:

Eu fui torturada por causa disso que não foi brincadeira, para dizer quem eram essas pessoas, quem não era. (...). Poucas pessoas conheciam a casa, pouquíssima, uma das poucas pessoas que conheciam a casa caiu e pela tortura, não resistiu e falou. Eles achavam que eu tinha feito tudo. Eu tinha feito, eu estudo fazendo resumo e eu tinha fichado muitos livros sobre guerra popular, e eles achavam que era texto meu, que eu era estrategista do GPP na AP, e tome porrada por causa disso. (FERREIRA; SOUZA, 2012, p. 17)

Assim, quando saiu da prisão Loreta estava muito doente e pesavam somente 38 quilos, o seu marido, que também havia sido preso continuava. Antes de sua soltura, ela recorda que obrigaram-na assistir seu marido sendo torturado, quando “quebraram a perna dele de martelo”.

Na entrevista concedida à Muniz e Souza (2012) Loreta Valadares relata várias questões sobre a sua militância política no período da ditadura civil-militar, relembrando as organizações políticas que participou, assim como o rompimento familiar e escolhas que teve de realizar para seguir o rumo da luta política no contexto repressivo do final dos anos 1960. Destaca-se que em 1972, ela filiou-se ao Partido Comunista do Brasil (PC do B) sendo obrigada no ano seguinte a exilar-se na Argentina devido a uma doença que lhe acometeu. Todavia, a militante não chega a enfatizar nenhum tratamento diferenciado pelo fato de ser mulher.

A partir de 1975, a luta contra a ditadura e a participação das mulheres na sociedade brasileira ganhavam novas feições. Nessa década, vivencia-se um aumento expressivo de trabalhadoras brasileiras filiadas a sindicatos. Por exemplo, a sindicalização de mulheres cresceu 176% entre 1970 e 1978. Percentualmente, o aumento da sindicalização de mulheres ultrapassou o percentual de sindicalização de homens no mesmo período, de 87%. (DELGADO, 1998, p. 210)

Esse fenômeno ocorreu devido ao desenvolvimento de três fatores, o aumento da quantidade de mulheres no mercado de trabalho, o crescimento e a

nova dinâmica imprimida pelo movimento sindical no período e a aparição consistente do movimento de mulheres e, em especial, do movimento feminista. Neste sentido, Maria Berenice Delgado explicita a sua compreensão desse fenômeno:

Um deles foi o enorme crescimento da presença das mulheres no mercado de trabalho, acompanhando uma tendência mundial. A expansão da base trabalhadora feminina chamou a atenção dos sindicatos urbanos, fazendo com que muitos deles desenvolvessem atividades dirigidas às trabalhadoras de sua área. Outro fator foi a eclosão de um movimento sindical dinâmico e vigoroso, no final dos anos 70, que despertou maior interesse pelo sindicato como espaço de representação e de luta por melhorias salariais e das condições de trabalho. Finalmente, a emergência do movimento feminista e de um movimento de mulheres diversificado, desde meados dos anos 70, contribuiu para estimular o desejo de participação em uma parcela da população feminina, inclusive trabalhadoras assalariadas. (Idem)

Esse movimento de mulheres diversificado e a emergência do movimento feminista fez-se sentir, por exemplo, no Estado do Rio Grande do Sul. Dentre os grupos precursores do feminismo no Estado pode-se citar o “Grupo de Mulheres de Porto Alegre” ou “Costela de Adão” criado no ano de 76; esse grupo, aliás, no ano seguinte se “dispersou”, originando no início do ano de 1979 o “Movimento da Mulher pela Libertação”, que por sua vez em fins do mesmo ano originou o “Grupo Ação Mulher”, estes mais preocupados com o envolvimento político. Nesse momento, surgem dois outros movimentos, o “Movimento Feminino pela Anistia” e o “Movimento contra a Carestia”, este último que englobou a luta contra os “altos custos de vidas”, envolvendo clube de mães, associações de bairros, comunidades de base, pastorais da igreja, “como canais atuantes desse movimento”. (VIEIRA, 2003, p. 03-04) Conforme Sônia Bressan Vieira, a atuação desse grupo ficou marcada pela “grande Passeata realizada no centro de Porto Alegre, no ano de 1980, que foi denominada Panela Vazia (Ibid., p. 04)”.

Ainda, o Movimento Feminino pela Anistia (MFPA) iniciou suas atividades no ano de 1975 na cidade de São Paulo, estendendo-se para as principais capitais brasileiras. Destaca-se que o MPFA foi o primeiro movimento legalmente organizado contra a ditadura civil-militar. Cabe destacar que o Rio Grande do Sul foi o segundo núcleo desse movimento a ser formado. (PERES, 2009, p. 101)

Segundo as memórias de Lícia Peres, a formação do segundo núcleo do movimento esteve ligada a iniciativa de Dilma Rousseff, que propôs a autora a

fundação de um núcleo do MFPA, visando a luta pela anistia no Rio Grande do Sul.

Para tanto, Peres rememora o primeiro passo:

Aceitei, lembrando que, além das companheiras do movimento estudantil, eu conhecera, no MDB, algumas mulheres combativas, como Mila Cauduro, Francisca “Quita” Brizola Rotta e outras, que eu acreditava, assumiriam esse desafio. (...). Dilma entregou-me a documentação e o Manifesto para a coleta de assinaturas. Pensei que havia um campo fértil para trabalhar esse tema, tanto na faculdade, entre colegas, quanto buscando aproximação com mulheres inconformadas com a situação nacional. *Ibid.*, p. 103)

Em julho de 1975, o MFPA estava formado. Sua intervenção na cidade de Porto Alegre consistiu na coleta de assinaturas para um abaixo-assinado pela anistia. O slogan contrapunha o discurso oficial sobre o Brasil, “Ame-o ou deixe-o”, com as seguintes palavras “lugar de brasileiro é no Brasil”. As adesões foram buscadas em diferentes espaços: portas de supermercados, igrejas e sindicatos. Das 12 mil assinaturas coletadas, quase seis mil foram coletadas no Rio Grande do Sul. Muitas entidades e pessoas com relevância na sociedade aderiram e apoiaram a proposta, tais como, o Diretório Central dos Estudantes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, o Bispo da Igreja Episcopal Dom Edmundo Kratz, parlamentares do MDB, como os deputados Carlos Augusto de Souza e Porfírio Peixoto. (*Ibid.*, p. 104-105)

Ainda sobre o MFPA, destaca-se o objetivo estratégico de Therezinha Zerbine em envolver as mulheres. De acordo com Lícia Peres:

Ela acreditava que as mulheres, em seu papel de mães, esposas e tradicionalmente defensoras da paz, poderiam sensibilizar a sociedade brasileira e a opinião pública para pressionar o regime a conceder a anistia. Era necessário, além de persuadir, engajá-las. Essa estratégia revelou-se correta. (*Ibid.*, p. 106)

Outro ponto importante a destacar, é que o MFPA encerra suas atividades após a Lei da Anistia (Lei 6683/79)³ ser sancionada pelo presidente João Baptista Figueiredo. Conforme Peres o resultado foi histórico, ainda que a proposta de anistia ampla, geral e irrestrita tenha sido em parte inviabilizada. Contudo, cerca de quatro mil pessoas foram beneficiadas de imediato. Figuras importantes do comunismo e

³ A Lei da Anistia excluiu os condenados pela “prática de crimes de terrorismo, assalto, sequestro e atentado pessoal”, incluindo os acusados de “crimes conexos”, aqueles militares ou agentes que torturaram, assassinaram ou participaram do desaparecimento de pessoas que se opunham ao regime civil-militar. In. RIBEIRO, 2012, p. 04.

do trabalhismo retornaram ao Brasil, como Luís Carlos Prestes⁴ e Leonel de Moura Brizola⁵. (Ibid., p. 113).

Muitas dessas mulheres que participaram do MFPA consideravam-se feministas, mas organizavam-se nos movimentos de mulheres existentes que focalizavam sua intervenção em propostas para a sociedade em geral, inclusive mantendo relações políticas próximas com o MDB.

Ainda, os anos 1980 verificaram a organização de diversos movimentos de mulheres no Rio Grande do Sul, tanto urbanos quanto rurais. No campo, as mulheres camponesas organizaram o “Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais”, influenciado pelo “I Encontro da Mulher da Zona Rural de Passo Fundo”. No

⁴ Nascido em Porto Alegre no ano de 1898, participou ativamente da política brasileira a partir dos anos 20 do século seguinte. Em 1922 participou dos preparativos para o levante contra o governo federal. Participou do movimento revolucionário de 1924, que se pretendia depor o presidente Artur Bernardes tendo comandado as forças revolucionárias no nordeste do Rio Grande do Sul, tendo iniciado a famosa "marcha da coluna", que atravessou o Brasil de sul a norte e de leste a oeste, percorrendo mais de vinte e cinco mil quilômetros a pé, o que passou para a história com o nome de "Coluna Prestes". Em 1930 rompe com o movimento tenentista lançando o seu "Manifesto de Maio" em que prega a revolução. Em 1931 vai para a URSS onde trabalha como engenheiro. Por pressão do Partido Comunista da URSS, em agosto de 1934 é admitido no Partido Comunista do Brasil e no final do ano retorna clandestinamente ao Brasil. Em 1943 ocorre a II Conferência Nacional do PCB que elege Prestes, mesmo preso, seu Secretário-Geral. Em abril de 1945, com a anistia, Prestes é solto após passar 9 anos na cadeia. Empenha-se na campanha de legalização do PCB, o que ocorre em novembro de 1945 e elege-se senador pelo Partido em dezembro do mesmo ano, como o mais votado da República. Em 1964 após o golpe e a implantação da ditadura civil-militar, volta novamente à clandestinidade, exilando-se em 1971 na URSS, onde permanece até 1979, ano em que retorna ao Brasil com a anistia política. Em março de 1980 rompe com o Partido através da sua "Carta aos Comunistas". Em 7 de março de 1990, falece no Rio de Janeiro com 92 anos de idade. In. https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/p/prestes_luiz_carlos.htm. Acesso em: 20 nov. 2016.

⁵ Nascido em Carazinho, no ano de 1922, Brizola passou por sérias dificuldades na vida até chegar a deputado estadual em 1947. Teve o pai morto ainda muito jovem, com um ano, por conta da Revolução de 1923. Sua opção pelo trabalhismo, como ele mesmo destacou em entrevista a Moniz Bandeira, se deu em função de ter vivenciado a ebulição das movimentações queremistas em 1944 e 1945. Sua atuação no PTB aparece como uma tendência natural, de consciência de classe, em função de sua condição de estudante e trabalhador e das opções políticas fornecidas pelos partidos que se estruturavam nesse período. Entre o elitismo do PSD e sectarismo e a ideologia do PCB, sua opção foi ingressar no PTB. Herdeiro político de Getúlio Vargas e João Goulart. Foi governador do Rio Grande do Sul, onde iniciou sua carreira política, e do Rio de Janeiro, onde fixou residência em meados da década de 1960. Simpatizante do presidente Getúlio Vargas, Brizola ingressou no Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), em agosto de 1945, integrando o primeiro núcleo gaúcho do novo partido. Foi eleito deputado estadual, quando participou da elaboração da Constituição gaúcha. Em 1958, elegeu-se governador do Rio Grande do Sul, com mais de 55% dos votos válidos. Em 1962, pela primeira vez, Brizola foi eleito deputado federal pelo antigo Estado da Guanabara. Como parlamentar, fez discursos veementes defendendo a implantação da reforma agrária e a distribuição de renda no Brasil. Com a deposição do presidente João Goulart pelos militares, em 1964, Leonel Brizola foi obrigado a se exilar no Uruguai. Voltou ao Brasil somente em 1979, com a Lei da Anistia. Em 1984, apoiou a campanha das Diretas Já, um projeto derrotado do então deputado Dante de Oliveira. Cinco anos mais tarde, participou da primeira eleição direta à presidência da República no Brasil desde o golpe militar, ficando em terceiro lugar. Morreu aos 82 anos, em junho de 2004, na cidade do Rio de Janeiro. In. <http://memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-resistencia/leonel-brizola/>. Acesso em: 21 nov. 2016.

encontro, realizado dia 31 de maio de 82, essas mulheres reivindicaram “Direito à Previdência”, “Aposentadoria”, “Direito à Sindicalização”, “Licença Gestante”. Dentre as primeiras organizações surgidas desse movimento, pode-se citar a “Comissão Estadual de Mulheres Trabalhadoras Rurais da FETAG” no ano de 81, o “Coletivo de Gênero da Secretaria Estadual do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra/RS”, em janeiro de 84. (VIEIRA, op. Cit., p. 04-05)

Nas cidades, as mulheres organizaram grupos como o “SOS Mulher”, a “Federação das Mulheres Gaúchas”, o “Movimento Unitário das Mulheres Gaúchas”, o “Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre a Mulher”. Na segunda metade dos anos 1980 surgem outros grupos, tais como, o “Coletivo Estadual de Mulheres da Alimentação”, o “Conselho Estadual dos Direitos da Mulher”, a “Comissão Estadual sobre a Questão da Mulher Trabalhadora da CUT/RS”, o “Grupo de Mulheres do Movimento dos Atingidos por Barragem”, entre tantos outros fundados ao final dos anos 80. (Ibid., p. 05)

A partir dos exemplos de inúmeros movimentos, grupos e núcleos, principalmente, na cidade de Porto Alegre, acredita-se que a década de 1980 torna o movimento feminista e os movimentos de mulheres um tanto mais complexos, com discussões e reivindicações diversas. Constata-se a existência de diferentes relações estabelecidas com os partidos que surgiram do fim do bipartidarismo, desde a negação completa ou parcial da importância dos mesmos, até a sua aceitação e participação buscando novos espaços e ferramentas de ativismo político.

Neste sentido, outra questão ganha importância para a compreensão mais pormenorizada da intervenção política das mulheres no Brasil dos anos 1980. Ela diz respeito à incorporação e ativismo de muitas mulheres na formação e construção da Central Única dos Trabalhadores (CUT) em 1983.

De acordo com Maria Berenice Delgado, mulheres do movimento feminista autônomo apoiaram as sindicalistas que tomaram iniciativas de construir a CUT, inclusive interagindo como interlocutoras no processo de organização da nova central. Essa contribuição teria sido de fundamental importância. Como aponta a autora:

O diálogo com o feminismo (...) qualificou a organização das mulheres na Central, sob diversos pontos de vista. Contribuiu para que as sindicalistas vinculadas a esse processo percebessem a mulher em sua integralidade,

como mulher trabalhadora, superando uma visão reduzida ao local de trabalho. O debate e a produção teórica feminista explicitaram as dimensões indissociáveis entre o local de trabalho e a casa, a profissão e a família, tendo como pano de fundo a divisão sexual do trabalho e as relações de gênero desiguais, que conformam lugares delimitados para homens e mulheres na sociedade. As reflexões que conduzem a essa nova concepção da mulher trabalhadora chegaram às militantes sindicais por meio de sua participação direta em eventos promovidos pelo movimento autônomo de mulheres e pela interlocução com as feministas interessadas em apoiar o fortalecimento das mulheres no sindicalismo. (DELGADO, op. Cit., p. 213)

Outro resultado importante desse encontro foi a superação da concepção de classe enquanto “referência exclusiva e suficiente para apreender as relações sociais” por parte das sindicalistas. Conforme a autora, dessa questão despertou um novo discurso na CUT:

Despertou-se para uma nova compreensão, sob a qual as relações de gênero e a dominação masculina / opressão das mulheres deveriam ser integradas à análise da realidade social e à definição de políticas de ação da CUT. As sindicalistas introduziram um novo discurso na Central, que critica e problematiza o da unidade de classe. A ideia de unidade, na cultura sindical, tende a ocultar a heterogeneidade da classe trabalhadora; e ao se ver a opressão das mulheres como contradição secundária, vê-se na organização das trabalhadoras um fator de divisão e fragmentação da luta política. (Ibid., p. 213-214)

Indica-se que apesar dessas novas formulações e das relações desenvolvidas com mulheres do movimento feministas autônomo, novas práticas convivem com outras velhas e/ou inadequadas. Entre a intenção ou a luta existem limites que devem ser superados no cotidiano e nas formas organizativas da nova Central.

No entanto, verifica-se a existência de novidades introduzidas pelas trabalhadoras, principalmente, nas formas de atuação e no relacionamento político. Conforme a autora:

Opta-se por se trabalhar as dimensões pessoal e política, por meio de oficinas, técnicas de relaxamento e animação, teatro, poesia e outros recursos metodológicos que favorecem a expressão e a reflexão tanto pessoal quanto coletiva sobre o cotidiano, a militância, os desafios a vencer. (...). Mantém-se a seriedade do compromisso político, mas quebrando a sisudez de que ele quase sempre se reveste. Busca-se se preservar a graça, a ironia, o prazer dessa experiência. (Ibid., p. 218)

Ainda, outra questão de importante relevo para os movimentos de mulheres e feministas foi o da participação eleitoral e representação política desde fins dos anos

1970, com destaque para o processo constituinte que se desenvolveria na última metade da década seguinte.

Marcus Souza (2008, p. 03) aponta que em 1978 quatro mulheres foram eleitas deputadas federais e quatro anos depois, quando o bipartidarismo não mais existia, esse número dobrou. Antes disso, o ano de 1979 vivenciou a posse de Eunice Michiles, a primeira senadora na História da República. Neste sentido, o crescimento da representação feminina na política brasileira a partir de 1982 e a incorporação de suas demandas paulatinamente na referida década tornam-se uma realidade nos anos seguintes. De acordo com o autor:

No Brasil, portanto, vinham amadurecendo, no contexto maior da luta pela redemocratização e pelos direitos de cidadania, a ideia e o sentimento de que chegara o momento de uma maior participação das mulheres na política. As eleições para o congresso constituinte ocorridas em 15 de novembro de 1986, foram a confirmação que o cenário estava efetivamente pronto para mais um importante passo na história da representação política da mulher brasileira. (Idem)

Portanto, o significado do processo constituinte para as mulheres mostra-se imenso, principalmente, quando se constata a eleição de 26 mulheres de um universo de 536 constituintes, divididos entre 487 para a Câmara de Deputados e 49 para o Senado Federal, tendo sido eleitas exclusivamente para o cargo de deputadas. Conforme o autor, as deputadas eleitas ficaram conhecidas como “a bancada feminina”, eleitas por “15 Estados e pelo Distrito Federal”. Quando comparado com a eleição anterior, o número de mulheres eleitas triplicou. No entanto, a desproporção representativa ainda era evidente, as mulheres conquistaram 5% das cadeiras parlamentares disponíveis. (Ibid., p. 03-04)

A intervenção política dessas mulheres traz pontos de fundamental importância para a compreensão desse ativismo. Na ocasião da cerimônia de posse da Assembleia Nacional Constituinte em 1º de fevereiro de 1987 “as mulheres sentaram-se juntas”, indicando uma intervenção “em bloco”, de acordo com Souza, nas questões “diretamente relacionadas aos direitos da mulher e à eliminação das desigualdades entre os sexos”. Este direcionamento específico pode ser entendido devido à falta de “homogeneidade político-ideológica” e a constatação do autor de que a qualificação de “bancada feminina” não deveria ser confundida com “bancada feminista”. Dessa forma, a maioria das congressistas adotava nas questões mais

gerais “uma postura moderada, levemente progressista”, seguindo, portanto, “o espectro ideológico ocupado pela maioria dos constituintes”. (Ibid., p. 04)

Ainda, a pluralidade de partidos em que as deputadas constituintes foram eleitas foi significativa, apesar de sua maioria ter sido eleita pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), onze, e pelo Partido da Frente Liberal (PFL), seis; outros sete partidos elegeram congressistas mulheres. Enquanto o PT e o Partido Democrático Social (PDS) elegeram duas cada, o Partido Democrático Trabalhista (PDT), o Partido Comunista do Brasil (PCdoB), o Partido Socialista Brasileiro (PSB), o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e o Partido Social Cristão (PSC) elegeram uma deputada cada. Segundo Souza, “a base do governo, formada pelos partidos da Aliança Democrática (PMDB e PFL), correspondia, portanto, a 65,4% da bancada feminina”. Outro elemento importante a ser destacado diz respeito a Região Sul que não elegeu nenhuma deputada constituinte. (Ibid., p. 05-06) Também, deve-se ressaltar um fenômeno apontado por Fanny Tabak que indicou uma presença feminina maior nos partidos pequenos, pois, de acordo com Leôncio Martins Rodrigues, quanto maior o número de congressistas eleitos, menor a proporção de mulheres eleitas. (TABAK, apud SOUZA, 2016, p. 06).

A Assembleia Nacional Constituinte (ANC) desenvolveu seus trabalhos durante os anos de 1987-1988. Elizabeth Souza-Lobo (2017, p. 06) sustenta que as mulheres “formaram um *lobby*” na ANC, “na maioria das vezes articulado em torno do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher” (CNDM). De acordo com Ana Alice Costa (2005, p. 17), o CNDM foi criado “a partir de uma articulação entre as feministas do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) e o presidente Tancredo Neves, no processo de transição”.

Apesar de não ser unanimidade nos movimentos de mulheres e no movimento feministas, elas reconheceram a capacidade do Estado para encampar suas propostas. Para a autora:

O CNDM, de fato, se transformou em um organismo estatal e responsável por elaborar e propor políticas especiais para as mulheres, e, contrariando o temor de muitas feministas, se destacou na luta pelo respeito à autonomia do movimento de mulheres, o que lhe garantiu o reconhecimento de toda a sociedade. (Idem.)

Conforme Ana Alice Costa, a intervenção feminina na Assembleia Nacional Constituinte desenvolveu-se:

Conjuntamente com o movimento feminista autônomo e outras organizações do movimento de mulheres de todo o país, o CNDM conduziu a campanha nacional „constituente pra valer tem que ter palavra de mulher“ com o objetivo de articular as demandas das mulheres. Foram realizados eventos em todo o país e posteriormente as propostas regionais foram sistematizadas em um encontro nacional com a participação de duas mil mulheres. Estas demandas foram apresentadas à sociedade civil e aos constituintes através da Carta das Mulheres à Assembleia Constituinte. A partir daí as mulheres invadiram „literalmente“ o Congresso Nacional: brancas, negras, índias, mestiças, intelectuais, operárias, professoras, artistas, camponesas, empregadas domésticas, patroas ..., todas unidas na defesa da construção de uma legislação mais igualitária. (Ibid., p. 17-18)

Dentre as propostas apresentadas na Carta das Mulheres, de agosto de 1986, estiveram presentes diferentes tipos de reivindicações específicas, englobando questões relacionadas à família, ao trabalho, à saúde, à educação e cultura, à violência. É interessante realçar os princípios gerais que embasaram a Carta e estabeleceram como pano de fundo o “princípio da igualdade”:

1. Estabeleça preceito que revogue automaticamente todas as disposições legais que impliquem, em classificações discriminatórias; 2. Determine que a afronta do princípio de igualdade constituirá crime inafiançável; 3. Acate, sem reservas, as convenções e tratados internacionais de que o país é signatário, no que diz respeito à eliminação de todas as formas de discriminação; 4. O reconhecimento da titularidade do direito de ação aos movimentos sociais organizados, sindicatos, associações e entidades da sociedade civil, na defesa dos interesses coletivos. (Ibid., p. 03)

Ana Alice Costa (op. cit., p. 18) evidencia que outro elemento importante da intervenção política das mulheres foi a sua articulação não apenas com o movimento feminista, mas com a bancada feminina através de um ativismo que ficou conhecido como “lobby do batom”, o que “representou uma quebra nos tradicionais modelos de representação vigentes no país, na medida em que o próprio movimento defendeu e articulou seus interesses no espaço legislativo sem a intermediação de partidos políticos”. Neste sentido, as propostas apresentadas pela bancada feminina na ANC e sua atuação verificou-se independentemente das colorações ideológicas, da filiação partidária, possibilitando através de um “bloco de gênero” ter “em torno de 80% de suas demandas” aprovadas. Ainda, para a autora foi precisamente este êxito, “o compromisso do CNDM com o movimento de mulheres” o que deflagrou sua condenação posterior durante o governo Sarney, este que por meio de “atos autoritários”, destruiu aos poucos o CNDM, “o único órgão federal que tinha respaldo e respeito popular, em especial em relação ao setor que estava vinculado”. (Idem.)

Sobre a questão, destaca-se ainda uma importante reflexão de Celi Regina Pinto sobre o resultado do processo constituinte e, principalmente, sobre o momento posterior, quando realça os limites do referido processo para o movimento feminista e os movimentos de mulheres em geral.

O movimento via CNDM teve decisiva atuação no processo constituinte de 1987-88 conseguindo ganhos de alto significado; os direitos da mulher passou a ser tema de quase todos os discursos políticos eleitorais. Entretanto, nenhum desses ganhos parece ter sido forte o suficiente para alargar as bases do movimento ou propiciar a incorporação das questões levantadas pelo movimento na agenda política. Poderia ser aqui objetado que, em algumas políticas públicas ou em momentos como o da Constituinte, as questões foram incorporadas. Não obstante, o que estou querendo enfatizar é que os temas mantêm-se na esfera de questões particulares, uma vez que necessitam constantemente de delegados, no sentido de Bobbio, para que não desapareçam da agenda política. Isso se concretiza, no pouco sucesso das feministas em se elegerem para cargos legislativos ou executivos ou ainda de encontrar nos representantes da extração não-feminista defensores dos direitos da mulher como parte de uma pauta de direitos humanos ou de interesses gerais. Tais situações refletem-se diretamente na gangorra do fluxo e refluxo da presença dos temas dos direitos das mulheres na política e, mais do que isto, na incapacidade do controle efetivo da concretização das conquistas alcançadas na esfera legal. (PINTO, 1994, p. 263-264)

Neste sentido, a autora procurou evidenciar as dificuldades que se impuseram aos movimentos de mulheres e ao movimento feminista autônomo após o processo constituinte enfatizando que este momento parece ter sido o ponto culminante de uma trajetória e ativismo de mulheres desencadeado a partir da segunda metade dos anos 1970 e, principalmente, na década de 1980. Em especial, a redemocratização do país assinala uma aproximação do Estado através do ativismo militante de mulheres, a partir dos conselhos, apesar das dúvidas de muitas delas. Se o período seguinte não significou um incremento significativo na política institucional pelos movimentos de mulheres após o processo constituinte, estes continuaram avançando organizativamente enquanto movimento social.

O MOVIMENTO FEMINISTA NO BRASIL DOS ANOS 1970 E 1980

Este subtítulo trata do movimento de mulheres, em particular, ele aborda o feminismo como uma implicação do movimento de mulheres, no contexto do crescente ativismo das mulheres na sociedade brasileira. No decorrer dessa

dissertação, esse subtítulo será útil para compreender as memórias das mulheres entrevistadas e a interpretação dos dados obtidos por meio de entrevistas.

O desenvolvimento do feminismo no Brasil está relacionado em parte ao que Maria Elizabeth Carneiro denomina “três vagas”. Neste sentido, a autora reconhece três períodos em que esse movimento se mostra com importante visibilidade:

A primeira vaga, localizada no século XIX, localiza, além da demanda pela igualdade de direitos contratuais e de propriedade, as lutas contra a subordinação das mulheres ao casamento e aos maridos. (...). A segunda onda, assinalada nas décadas de 1960 e 1970, é caracterizada pela crítica ao etnocentrismo, em aliança com os movimentos norte-americanos pelos direitos civis e pelas lutas anticolonialistas, nos EUA e na Europa, e a emergência de feministas negras, entre elas Ângela Davis e Alice Walker; a terceira vaga, a partir dos anos 80 do mesmo século, é momento em que se pontua a acentuação dos movimentos e do pensamento social na direção de uma radicalização da crítica ao racionalismo essencialista e às categorias de identidade, particularmente de sexo-gênero, raça-etnia e classe social. (CARNEIRO, 2015, p. 245).

As três vagas identificadas por Carneiro ajudam a traçar o panorama geral desse ativismo feminino, a luta contra a invisibilidade e por uma inserção social significativa e igualitária na sociedade. Contudo, deve-se fazer algumas ressalvas sobre essa conceituação em vagas ou mesmo ondas para definir o feminismo e a luta das mulheres.

Camila Siqueira (2015, p. 331-333) sustenta que mesmo antes das três ondas, já existiam reivindicações de mulheres e tentativas de acesso à cidadania. Olympe de Gouges, no período da Revolução Francesa teria se manifestado “em favor dos direitos femininos e da isonomia entre homens e mulheres”. Ela redige no ano 1791 a “Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã que contesta a concepção de igualdade adotada na prática durante a revolução”, questionando ser uma igualdade essencialmente para os homens. Assim, ela reivindica a rejeição “da relação de poder desigual no âmbito privado dos lares, onde a hierarquia dos sexos se encontra”. Portanto, a definição em ondas ou vagas servem, principalmente, para destacar os períodos em que se tem indícios de um “movimento minimamente estruturado de reivindicação feminina” e que Maria Elizabeth Carneiro resume de forma geral na citação anterior. Outra questão que deve ser assinalada é que o início de uma nova onda ou vaga não significa que as reivindicações anteriores tenham sido atendidas.

No Brasil, a autora evidencia que a primeira onda ocorreu entre o final do século XIX e início do século XX, abordando, de um lado, o sufrágio feminino reivindicado por mulheres instruídas, uma espécie de “feminismo bem-comportado”, e, de outro, a conquista de direitos sociais, almejado por mulheres trabalhadoras de orientação política anarquista. Por sua vez, a segunda onda no Brasil coincidiu com a luta pela redemocratização do país, inclusive com o feminismo ganhando “um caráter de massa” e abordando questões específicas da mulher. Já a terceira onda que ganha relevo na segunda metade da década de 1980, evidenciou não apenas que as mulheres são diferentes dos homens, mas que “elas tampouco são iguais entre si, pois sofrem as consequências da diferença de outros elementos, tais como raça, classe, localidade ou religião”. (Ibid., p. 334-338).

Conforme Michelle Perrot, essa mulher não tem o poder, mas poderes. Um poder estilizado em “fragmentos múltiplos”, com “influências difusas e periféricas”. Esses poderes podem ser encontrados na vida privada e na sociedade civil. (PERROT, 1988, p. 167)

Mas que é esse ativismo? Como essas mulheres repercutem essas vagas? Até que ponto se verifica essa repercussão? De que maneira esses poderes fragmentários se apresentam no movimento de mulheres?

A evolução do movimento de mulheres em geral e suas problemáticas até pouco tempo atrás quase não eram exploradas pela historiografia. Para que essas questões pudessem ser respondidas foram necessárias as últimas décadas do século XX. A historiografia teve que se atualizar frente a crescente organização e importância desses movimentos.

Essa renovação historiográfica trouxe consigo uma inversão das perspectivas tradicionais de História. Como indica Ana Maria Colling:

Pluralizaram-se os objetos de investigação, admitindo como sujeitos históricos, os operários, os camponeses, os escravos e as mulheres, que estavam subestimados ou colocados numa arena de menor importância. (...). No caso das mulheres, tem-se buscado mostrar a sua presença na história, incluindo-as como objeto de estudo, sujeitos da história; e, para isso, a categoria de análise – gênero – é usada para teorizar a questão da diferença sexual, das relações de poder entre homens e mulheres. (COLLING, 2004, p. 01).

Não obstante, a visibilidade recente dessas mulheres ocorre historicamente e se desenvolve na história em diferentes níveis.

Por exemplo, Vera Soares (1998, p. 34) sustenta que “a presença das mulheres na cena social brasileira nas últimas décadas tem sido inquestionável”. Corroborando com essa afirmação, a autora evidencia que:

Durante os 21 anos em que o Brasil esteve sob o regime militar, as mulheres estiveram à frente nos movimentos populares de oposição, criando suas formas próprias de organização, lutando por direitos sociais, justiça econômica e democratização. (...). Elas estavam nos movimentos contra a alta do custo de vida, pela anistia política, por creches. Criaram associações e casas de mulheres, entraram nos sindicatos, onde reivindicaram espaço próprio. (...). Algumas autoras citam o movimento que emergiu no Brasil como talvez „o mais amplo, maior, mais diverso, mais radical e o movimento de maior influência dos movimentos de mulheres da América Latina. (Ibid., p. 34-35)

Ressalta-se que a presença de mulheres nos movimentos sociais e políticos nesse período é multifacetada. De um lado, muitas militantes contrárias à ditadura civil-militar “assumem a dominação masculina”. Sobre essa questão, Ana Maria Colling entende que:

Para se constituírem como sujeitos políticos, estas mulheres estabelecem identidade com o discurso masculino diluindo as relações de gênero na luta política mais geral. A condição de gênero está subsumida ao discurso de unificação dos sujeitos. Como espaços fundamentalmente masculinos, impunha-se às mulheres a negação de sua sexualidade como condição para a conquista de um lugar de igualdade ao lado dos homens. (COLLING, op. cit., p. 07)

Sobre esta característica, enfatiza-se que os espaços políticos da oposição ao regime, dificilmente apresentava debates incorporando as “relações feminino/masculino”. Tal debate ficou relegado a uma “contradição maior”, a da oposição entre burgueses e proletários. (Ibid., p. 08)

Por outro lado, os movimentos de mulheres dos anos 1970 parecem tornar o quadro de seu ativismo um tanto mais complexo. Apresenta-se uma nova versão da mulher brasileira que incorpora a luta pelos seus direitos e necessidades, mas que não deixa de lutar contra as desigualdades sociais e a ditadura. Muitas dessas mulheres que se apresentam à luta política são influenciadas pelo “ressurgimento do feminismo” ou de um “feminismo revisitado”, alusão a primeira vaga/onda e seus reflexos no início do século XX. (SOARES, op. Cit., p. 36).

Nesse sentido, a reaparição do movimento feminista no Brasil dos anos 1970, como afirmado anteriormente, possui características dos movimentos que surgiram na Europa e nos Estados Unidos em fins da década de 1960. No entanto, os limites indicados por Soares são evidentes:

As condições políticas locais, geradas pelas peculiaridades da primeira fase do governo militar, não deram lugar à emergência de um movimento de liberação radicalizado, como os que mobilizaram mulheres da mesma geração e camada social naquelas sociedades, com trajetórias e questionamentos „identitários“ semelhantes aos de muitas jovens brasileiras. (Idem).

É interessante destacar que essa situação possibilitou a “emergência do feminismo no seio das militantes dos partidos de esquerda e de mulheres engajadas na luta pela democracia no país”. Ou seja, criava-se um “movimento feminista bastante politizado”. (Idem).

Essa percepção de Vera Soares a respeito da emergência do feminismo nos anos 1970 é compartilhada por Tatau Godinho que relaciona a contemporaneidade do feminismo à luta contra a ditadura, a reorganização do movimento social / operário e a esquerda. Conforme a autora:

Aqui, o feminismo encontrou eco junto a militantes políticas de esquerda, independentes ou de grupos políticos organizados, provenientes da luta contra a ditadura, e que buscavam construir o feminismo colado aos movimentos populares. (GODINHO, 1998, p. 15)

A aparição de grupos feministas nos grandes centros urbanos do Brasil ocorreu no ano de 1975. Amparadas pela proclamação da “Década da Mulher” pelas Nações Unidas, eles tiveram legitimadas suas propostas incipientes de igualdade entre homens e mulheres. Nesse momento, foram organizados encontros, seminários, conferências, principalmente, nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. De acordo com Soares, o Dia Internacional da Mulher passou a ser comemorado publicamente em vários Estados, enquanto organizações feministas tomavam forma e vários jornais feministas apareciam. (SOARES, op. Cit., p. 37)

Os primeiros grupos feministas interagiam internamente mediante a reflexão e externamente agiam pressionando a ditadura civil-militar. Sua motivação pode ser traduzida pelo interesse de propor demandas que englobassem “a grande massa de mulheres desprivilegiadas” e de mobilizar as mesmas “contra a opressão de sexo e

de classe”. Os locais de ativismo político dessas mulheres foram os bairros, as comunidades urbanas periféricas, a Igreja Católica, os clubes de mães, as associações de vizinhança; lugares de reunião de donas de casa e mães, buscando mobilizá-las por questões do cotidiano. Outro lugar de importante militância feminista foi o sindicato, através da criação de laços dessas mulheres com as sindicalistas, ocasionando desdobramentos importantes nas relações entre o “sindicalismo e as trabalhadoras”. (Ibid., p.37-38)

Outra contribuição importante das feministas foi o debate iniciado com as esquerdas e forças políticas progressistas. De acordo com Vera Soares foram discutidas:

Alguns pontos da teoria e da prática do fazer político, apontando para a não hierarquização das lutas e a sexualização das práticas nos espaços públicos. O feminismo trouxe novos temas para o conjunto do movimento de mulheres, posteriormente incorporados pelos partidos políticos: direito de ter ou não filhos, punição aos assassinos de mulheres, aborto, sexualidade, violência doméstica. (Ibid., p. 38)

Pode-se perceber que o feminismo, enquanto parte importante do movimento de mulheres, ressurgiu nos anos 1970 enraizado nos partidos de esquerda e forças progressistas que lutaram contra a ditadura. Isso significou certa prioridade crítica à modernização do país, com sua urbanização e diversificação da economia. Esse enraizamento acabou por privilegiar o debate sobre as profundas diferenças sociais e econômicas no Brasil.

Sobre esse debate, Daniela Manini indica o resultado dessa relação do movimento feminista e organizações políticas de esquerda:

Para promover essa crítica, focaliza os problemas das mulheres trabalhadoras, duplamente oprimidas pela discriminação classista e sexual, e lança propostas voltadas basicamente para resolver os problemas socioeconômicos(...). Em função disso, o movimento feminista acredita que são essas mulheres que devem conduzir a luta pela emancipação, pois sua condição lhes permite ter uma visão crítica da realidade brasileira. (MANINI, 1995/1996, p. 50)

Ainda, autora identifica nessa afirmação sobre a condição do movimento feminista uma prioridade pelo debate das condições socioeconômicas em relação às “questões específicas sobre a condição da mulher”. Essa prioridade teria sua explicação na participação de muitas mulheres feministas num período anterior de

luta contra a ditadura, em situações de clandestinidade nos partidos políticos. (Ibid., p. 51) Segundo Manini, essas mulheres encontraram “além de um lugar para discutir a condição feminina, um espaço para criticar a situação política, econômica e social do país (Idem) ”.

No entanto, a autora sustenta que apesar do “enfoque progressista”, o feminismo dos anos 1970 não esteve próximo dos partidos de esquerda, que considerava os interesses do movimento “pequeno-burguês”. A autora enfatiza que a constituição do movimento feminista se dá inicialmente de forma autônoma, vivenciando resistência tanto dos partidos de esquerda quanto da sociedade conservadora. De todo modo, o movimento adquire relevo no “cenário político-cultural” do país. (Ibid., p. 52).

A relação amistosa desenvolvida com os partidos de esquerda, apesar da resistência mútua, aproximou parte do movimento feminista ao PT, que havia sido gestado em fins dos anos 1970, no processo de luta contra a ditadura e de reorganização dos movimentos operário e popular, ou seja, no mesmo contexto de reorganização do movimento feminista. Ressalta-se que a parte do movimento feminista que aderiu ao PT buscou aprofundar o debate sobre um partido vinculado a classe operária e ao socialismo. Aquelas mulheres que vieram a participar da construção partidária entenderam que a criação do mesmo propiciaria às mulheres discutir a reorganização da sociedade, sem deixar de lado as discussões e propostas feministas. De acordo com Rigo:

As feministas então trazem para o debate interno do PT elementos importantes como: a identidade feminista com as lutas sociais (portanto uma estreita relação das feministas com os movimentos sociais); a necessidade de construir um espaço de debate e de organização das mulheres filiadas no PT e com isso a secretaria nacional, as secretarias estaduais e municipais se constituem como este espaço; a importância de o partido incorporar no seu programa político e nas disputas junto à sociedade a concepção feminista; a necessidade de ampliar e potencializar a presença de mulheres petistas no movimento de mulheres e nos movimentos sociais; a construção da política do PT para as mulheres com forte destaque para as ações afirmativas. (RIGO, 2008, p. 45-46)

Sobre a questão, Tatau Godinho destaca que as ativistas feministas que participam da construção do projeto partidário trouxeram consigo três elementos fundamentais. Uma identidade feminista com as lutas populares que se desenvolviam, uma elaboração que integrava o feminismo como parte essencial da

construção do projeto socialista e “uma visão crítica da relação histórica da esquerda com a luta das mulheres”. (GODINHO, op. Cit., p. 16)

O objetivo dessas mulheres que participaram da construção desse projeto estava relacionado à tentativa de construir um movimento de mulheres “de massa”, com “identidade própria”, “plataforma” e “formas de organização”, ligado “à luta” e “à organização dos trabalhadores”. Para as feministas do PT, o partido deveria se comprometer com as lutas e propostas das mulheres aprovados nos fóruns mais amplos do movimento. Em contrapartida, caberia a elas se incorporar ao “movimento autônomo de mulheres”. (Ibid., p. 16-17)

Outro elemento fundamental dessas ativistas para a construção do PT estava na exigência de renovação do socialismo. Por exemplo, Tatau Godinho entende que:

Ao introduzir no debate sobre a construção de um projeto político, socialista e libertário, efetivamente democrático, o questionamento da incongruência entre o público e o privado, a defesa da privacidade e ao mesmo tempo a reivindicação do estatuto político das questões consideradas privadas e a ideia de construção da igualdade de homens e mulheres, na concretude de suas necessidade materiais e também na profundidade das relações privadas e coletivas, a defesa do feminismo trazia para dentro do partido, como temas políticos, uma nova visão de projeto de futuro. Introduziam-se novos elementos em uma plataforma de renovação da esquerda: a importância da sexualidade, a denúncia da opressão presente na vida familiar e pessoal, o reconhecimento da homossexualidade como forma legítima da expressão da sexualidade, o questionamento da falta de autonomia das mulheres, o papel da divisão sexual do trabalho na superexploração e discriminação no mercado de trabalho e no trabalho doméstico, os cortes de gênero na usurpação e disputas de poder. (Ibid., p. 17-18).

Ressalta-se que o momento político do final dos anos 1970 e início dos anos 1980, momento de formação do PT, também origina novos partidos em que outro setor importante de feministas tomam lugar. A transição lenta e gradual para a democracia origina duas estratégias diferentes, visualizando as eleições diretas para os governos estaduais, com a formação de dois blocos; o primeiro com a formação do PMDB⁶ e o segundo com o surgimento do PT. Isto significou uma maior complexidade do movimento feminista e uma maior diversidade ideológica. (SOARES, op. Cit., p. 43)

⁶ Partido do Movimento Democrático Brasileiro. Parte estruturante do antigo MDB. De acordo com Gava, o PMDB, no início da década de 80, congregou diversos grupos e setores heterogêneos, desde conservadores e comunistas conformando-se ideologicamente diverso em sua composição. (GAVA, 2014, p. 56).

Nesse momento, Vera Soares assinala o surgimento da ativista “feminista” nos partidos políticos e a incorporação do “tema mulher” como obrigatório dos “programas e plataformas eleitorais dos partidos políticos progressistas”. (Idem). Ainda, isso se verifica pelo aumento da visibilidade das questões relacionadas à mulher, resultado do ativismo político do movimento feminista dos anos 1970 e início dos anos 1980.

Todavia, o feminismo dos anos 1980 vivencia outras modificações relacionadas não apenas às questões organizacionais e partidos políticos que absorvem militantes feministas. De acordo com Daniela Manini, a principal mudança:

Resulta do fato de as mulheres não mais lutarem pela igualdade de direitos e papéis em relação ao sujeito masculino; nesse momento, o movimento passa a privilegiar a valorização das diferenças entre o masculino e o feminino como forma de recuperar a “cultura feminina” e afirmá-la dentro do universo masculino dominante. (MANINI, op. Cit., p. 57)

Até então, pode-se identificar determinadas questões sobre o movimento feminista no Brasil dos anos 1970 e 1980. A primeira dela é que o movimento feminista nasce se desenvolve nos anos 1970 de forma autônoma, mas reverbera questões relacionadas a luta contra a ditadura, a situação econômica e social da classe trabalhadora. Também, muitas mulheres que lutaram em situações de clandestinidade junto às organizações de esquerda, incorporam-se a esse movimento. Essas militantes têm um importante papel nas questões iniciais tratadas pelo movimento.

Por outro lado, o início dos anos 1980, com a reorganização partidária coloca o PT como alternativa para um setor do movimento e, muitas delas, optam por construir o partido, inserindo as discussões e propostas do movimento, ainda que parte do movimento procure se diferenciar dessas mulheres. A legalização dos partidos coloca outras alternativas para as feministas se inserirem e o PMDB, que comporta uma série de grupos no seu interior, mostra-se como um atrativo para aquelas que buscam distanciar-se de debates relacionados ao socialismo, ainda que no próprio o PT, essa discussão venha acompanhada de uma exigência por parte das feministas de renovação.

Apesar da participação de muitas mulheres do movimento feminista nos partidos que começam a surgir no início dos anos 1980, o movimento feminista procura manter sua autonomia, inclusive distanciando-se de bandeiras ligadas as

forças progressistas que lutam a favor da redemocratização. Com a abertura lenta e gradual da ditadura cada vez mais visível, o movimento feminista procura recuperar a cultura feminina, privilegiando as diferenças entre o masculino e o feminino.

Também, os anos 1980 vivenciam uma proliferação de grupos feministas dos grandes centros urbanos e uma crescente visibilidade às questões da mulher. Neste sentido, o movimento de mulheres torna-se maior e coloca novas possibilidades. Dentre elas, pode-se identificar a utilização do Estado como meio para a execução de suas propostas. Talvez, o contraditório esteja no fato de que quanto mais o movimento feminista procura afirmar sua autonomia, mais ele se aproxima dos partidos políticos.

Além disso, Daniela Manini identifica nessa mesma década, um fortalecimento do movimento feminista autônomo apoiado financeiramente por instituições internacionais. Conforme a autora:

Neste novo período, as atenções voltam-se para o campo da sexualidade e da saúde da mulher e o movimento procura desenvolver a prestação de serviços a mulheres que necessitam de atendimento e instruções. Para isso, profissionaliza seus integrantes ou contrata profissionais especializados na área, o que acaba sendo possível graças ao apoio financeiro de instituições internacionais. (Ibid., p. 59)

O movimento amplia o universo de mulheres para dialogar e atender, devido aos serviços que prestava, mas acaba aproximando-se dos partidos políticos e do Estado. Contudo, ressalta-se que houveram críticas dentro do movimento com mulheres advertindo para uma perda de conteúdo das propostas feministas. (Ibid., p. 62) Nesse momento, a crítica relacionada as feministas que se organizavam anteriormente em partidos torna-se frágil, evidenciando a pluralidade ideológica do movimento.

É importante ressaltar que essa pluralidade ideológica se torna visível no engloba o debate do movimento feminista em relação ao Estado e o desenvolvimento dessas relações com os governos nos três níveis, em destaque os municipais e estaduais. Neste sentido, a campanha eleitoral de 1982 mostra a estratégia das feministas do PMDB:

As feministas do PMDB de São Paulo propuseram e implementaram um Conselho da Condição Feminina junto ao governo do estado, „para servir de instrumento de uma política global destinada a eliminar a discriminação sofrida pelas mulheres“. (SOARES, op. Cit., p. 43)

Sobre essa questão dos conselhos, Daniela Manini entende que:

Os Conselhos mantinham relações com entidades feministas não governamentais, o que contribuía para um atendimento mais amplo e renovado dos problemas da mulher. Sua atuação baseava-se nas questões centrais do movimento feminista que privilegiava demandas especificamente femininas (...). (MANINI, op. Cit., p. 64)

Pode-se ter uma ideia dessa relação construída com o Estado, por meio da criação de alguns órgãos e de suas propostas assistenciais às mulheres. Por exemplo, no ano de 1983 foi criado o PAISM (Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher). Nesse mesmo ano, surgiram os Conselhos Municipais e Estaduais da Condição da Mulher. Também, o ano de 1985 assinalou a criação de dois outros órgãos, o CNDM (Conselho Nacional dos Direitos da Mulher) e as Delegacias de Atendimento às Mulheres. (Idem)

A criação desses órgãos foi alvo de intensos debates pelas mulheres. Essa discussão foi amplamente desenvolvida no 2º Encontro de Mulheres do PT no ano de 1988, quando duas questões dividiram as feministas do partido. A primeira delas foi a proposta formar uma “Secretaria Nacional de Mulheres”, com uma estrutura organizativa para viabilizar sua atuação. (SANTOS, 2009, p. 70)

No que compete a primeira questão, João Marcelo dos Santos evidencia o debate realizado:

Esse grupo pleiteava maior poder de decisão e criticava a visão das comissões e coletivos como „territórios das especialistas“. Outro grupo defendia que era necessário preservar as comissões e os coletivos de mulheres existentes nos diferentes âmbitos do partido. Esse grupo desejava salvaguardar as formas de organização horizontalizadas e descentralizadas, em que a rotatividade e o não monopólio da palavra eram intrínsecos às organizações feministas. (Ibid., p. 70-71)

Debate não muito diferente, o autor trata da polêmica entre as feministas do PT sobre participar ou não dos Conselhos da Condição da Mulher, capitaneadas pelas mulheres do PMDB:

Argumentava-se que os conselhos representavam uma resposta do Estado diante do avanço dos movimentos populares, com o objetivo de cooptação de lideranças e manipulação das reivindicações. Para alguns petistas, os

Conselhos da Condição da Mulher nada mais eram do que uma invenção dos governos do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) para atender as demandas de forma assistencialista e despolitizada. (...). Essa concepção de estado e posição contrária aos conselhos foi problematizada por uma minoria, que por meio de exemplos antevia a inevitabilidade da democratização da gestão dos espaços estatais e da invenção de novas políticas públicas. (Ibid., p. 71)

Ainda, o II Encontro de Mulheres do PT marcou suas diferenças com o movimento feminista autônomo em alguns momentos. Talvez, a mais fundamental tenha sido a ênfase à igualdade de condições nas instâncias partidárias em detrimento da ideia do direito à diferença, ideia que voltará com força no início dos anos 1990. (Ibid., p. 70) Por fim, destaca-se que essas divergências entre feministas petistas, peemedebistas ou autônomas não foram esgotados no período. No entanto, o feminismo dos anos 1980 mudou sua substância em relação à década anterior, ainda que, as mulheres tenham demorado um pouco para incorporar essas demandas.

2. MEMÓRIA E HISTÓRIA DO ATIVISMO FEMININO NA POLÍTICA DE SANTA MARIA (1978-1988)

Este capítulo busca situar o ativismo feminino na cidade de Santa Maria no processo de abertura lenta e gradual da ditadura civil-militar no Brasil e de redemocratização do país. Portanto, ele deve apresentar respostas, ainda que dentro de determinadas limitações, sobre como se desenvolveu a participação de mulheres na política da cidade considerando as entrevistas realizadas com mulheres que militaram politicamente no período indicado. Para tanto, foram entrevistadas seis ativistas mulheres que participaram de diferentes movimentos sociais e/ou partidos políticos em Santa Maria, quando elas puderam revisitar determinadas lembranças em relação a trajetória individual de cada uma delas, suas percepções sobre os movimentos sociais e partidos políticos que participaram e, ainda, sobre a política no período.

Estas questões foram interrogadas, a partir da divisão do presente capítulo em sete pequenos subtítulos. Indica-se que nos seis primeiros será possível perceber como elas tomaram contato com a política da cidade e iniciaram as suas respectivas trajetórias em distintos movimentos sociais e/ou partidos políticos. A partir dessas memórias será possível traçar o envolvimento delas com uma História em constante mudança, evidenciando os episódios que marcaram a atividade política de cada uma delas.

No último subtítulo, as entrevistas realizadas devem possibilitar dimensionar as questões abordadas anteriormente, indicando possíveis entrelaçamentos das trajetórias e destacando a importância dessas como fontes de valorização do ativismo político de mulheres. Desta forma, este deve oferecer um panorama geral sobre o ativismo de mulheres na cidade de Santa Maria, indicando possíveis colisões e concordâncias acerca das percepções das mulheres entrevistadas. Observe-se que este subtítulo se atém a relacionar e problematizar a trajetória individual das entrevistadas durante a ditadura civil-militar, especialmente, no período da redemocratização.

Traçar uma História das mulheres que participaram na política da cidade de Santa Maria, principalmente, na década de 1980 mostrou-se uma tarefa difícil permeada por interrogações, incertezas e muitas vezes complicada de precisar e

cruzar informações obtidas nas entrevistas realizadas com Maria Rita Assis Brasil, Janes Teresinha Fraga Siqueira, Anna Maia Miragem, Guiomar Prates, Vera Flores e Cleunice Fialho. Evidentemente, essas entrevistas não esgotaram as possibilidades de novas pesquisas que procurem redigir sobre o ativismo feminino na política santa-mariense no período exposta acima. Afinal, as mesmas possibilitaram verificar outras mulheres que interviam politicamente na cidade e lutaram contra a ditadura e pela redemocratização do país. Também, as próprias perguntas realizadas pela pesquisadora que escreve a presente dissertação poderiam ser elaboradas de outra forma e obter resultados distintos. Contudo, acredita-se que o presente trabalho capítulo para a redação de uma História desse ativismo feminino, talvez, para o surgimento de novas pesquisas.

O final dos anos 1970 e a década de 1980 assinalaram um intenso debate no interior dos movimentos de mulheres sobre como suas ativistas deveriam intervir politicamente em uma sociedade que se mostrava em plena transição. Contudo, esse debate de maneira alguma poderia ser reduzido a essas mulheres que se articulavam nesses movimentos, pois o contexto de lutas contra a ditadura e pela redemocratização do país ultrapassavam os limites das discussões que esses movimentos propunham. Nesse momento, muitas mulheres iniciaram suas trajetórias políticas fora destes movimentos e estabeleceram contatos com partidos e outros movimentos sociais e durante suas trajetórias entraram em contato com os movimentos de mulheres participando pontualmente ou integralmente.

O que se pretende assinalar é que durante a segunda metade da década de 1970 e início dos anos 1980 os movimentos de mulheres se fortaleceram no Brasil a partir dessa luta geral e que no decorrer desse processo essas ativistas passaram a reivindicar uma posição de igualdade, o que Maria Lygia Quartim de Moraes (2002, p. 347) chama de uma luta pela “igualdade na diferença”. Não obstante, essa posição de igualdade não foi reivindicada somente nos movimentos de mulheres, ela foi incorporada por ativistas que buscavam maiores espaços na política partidária e de outros movimentos sociais, como o estudantil.

Chamamos atenção para essa afirmação, pois as entrevistas realizadas com mulheres de diferentes movimentos sociais e partidos sobre como elas interviam politicamente na cidade de Santa Maria evidenciou, principalmente, uma vontade de participar na sociedade em prol da luta contra a ditadura e pela redemocratização do país em diferentes espaços. Neste processo, elas firmaram diferentes concepções

sobre o papel das mulheres, direcionando-se para um maior protagonismo feminino, embasadas pela busca de igualdade nos espaços políticos que participaram. Portanto, o ponto de partida inicial em direção ao ativismo político de Maria Rita de Assis Brasil, Janes Teresinha Fraga Siqueira, Guiomar Prates, Anna Maia Miragem, Vera Flores e Cleonice Fialho possui certa semelhança, apesar de o desenvolvimento de cada ativismo evidenciar trajetórias distintas, com importantes pontos de contato.

MARIA RITA DE ASSIS BRASIL

Maria Rita de Assis Brasil ingressou na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) no ano de 1972 onde cursou Medicina até 1977. Ela rememora que iniciou sua atividade política no movimento estudantil participando inclusive da gestão 1972/1973 do Diretório Central dos Estudantes (DCE). Em 1975, Maria Rita junto com Adelmo Genro Filho, o Memo como carinhosamente é chamado por ela, ingressaram no Movimento Democrático Brasileiro (MDB) e fundaram o MDB Jovem, quando Adelmo ocupou o cargo de presidente e Maria Rita o de vice-presidente. (BRASIL, 2017)

Destaca-se a justificativa de Maria Rita para o ingresso no MDB:

Bem, então já começou ali nossa militância partidária, por que a gente sabia que a vida estudantil, primeiro, ela era bem difícil, segundo, ia terminar e nós queríamos dar uma consequência a esse nosso olhar frente a sociedade, enfim, frente a política que nós tínhamos. (Idem)

No ano seguinte, Maria Rita foi eleita vereadora pelo MDB, mandato que ocupou até o ano de 1982. Apesar de ter iniciado sua trajetória política no movimento estudantil, a sua candidatura não foi escolhida para representar os estudantes, para tanto foi escolhido Adelmo, mas o “setor feminino do MDB”. Quando o setor feminino decidiu por sua representação no ano de 1975, Maria Rita estava em férias com sua família em Brasília, pois seu pai havia sido recentemente promovido ao cargo de general do Exército e se mudado para a capital federal. (Idem.)

Ela recorda que esperava a escolha de Adelmo para concorrer na eleição representando o movimento estudantil, a juventude e a esquerda, como de fato

ocorreu. Ela foi escolhida à sua revelia pelas “senhoras” do MDB, “mulheres moças”, que não eram mais “jovenzinhas” e Gil para representar “o setor trabalhista”. Portanto, quando retornou de viagem ficou sabendo da escolha e, após alguns dias refletindo sobre a tarefa a ela designada, resolveu aceitar concorrer ao cargo de vereadora depois de avaliar com eles, pois representaria o grupo, “nada era uma coisa pessoal”. (Idem.)

Maria Rita realizou sua campanha na eleição municipal de 1976 enquanto cursava o quinto ano do Curso de Medicina. A sua campanha sustentou um “discurso feminista” que na época, entende, tinha “bandeiras bem intensas”, mas voltado “para a mulher da vila, a mulher do bairro”. Ela recorda que o seu raciocínio sobre com quem deveria dialogar excluiu os seus amigos, seus colegas e professores, pois entendia que não tinha “que dizer nada para eles”, afinal já lhe conheciam. Com escassos recursos e uma “campanha restrita”, Maria Rita comenta que chegou “em todas as portas possíveis”. Ao final da campanha ela e Adelmo foram eleitos vereadores para a legislatura 1977-1982, enquanto Gil não conseguiu votos suficientes. (Idem) De acordo com a entrevistada o resultado eleitoral foi significativo para esquerda do MDB diante das dificuldades: “de qualquer maneira dois de nós, mais consequentes, mais à esquerda e tal participamos e vencemos a eleição, pela primeira vez, o que também não é uma coisa muito fácil e sem grana (Idem)”.

Uma memória que Maria Rita considera significativa diz respeito ao impacto familiar de sua candidatura no MDB. Filha de médico e militar, seu pai foi caracterizado por ela como uma pessoa essencialmente conservadora, que mesmo não sendo “um legítimo representante dos militares” foi favorável ao golpe que depôs o presidente eleito João Goulart e, neste sentido, a sua reação inicial diante da candidatura da filha foi de desaprovação, posicionamento similar ao de sua mãe, que por sua vez condenou veementemente. No entanto, o que emocionou Maria Rita na entrevista foi uma ligação de seu pai, meses depois de um silêncio antagônico, quando ele diz para sua filha que viria a Santa Maria no dia quinze de novembro, dia da eleição, já que seu título era da cidade e nela ele tinha candidata, o que fez Maria Rita lacrimejar emocionada quando recordou essa lembrança. (Idem)

Ressalta-se que na legislatura a qual foi eleita, Maria Rita foi a única mulher que obteve votos suficientes para integrá-la. O restante dos vereadores, portanto, eram todos homens. As memórias da então vereadora relatam um dia-a-dia do seu

mandato municiado por um grupo, que não dependia apenas dela. Este grupo tinha como liderança e suporte outro vereador eleito Adelmo Genro Filho. Portanto, eles nunca tinham de decidir algo sozinhos. Abaixo, segue uma recordação dela sobre como ela percebia o seu cotidiano na Câmara Municipal de Vereadores:

Então, eu tinha, a gente tinha bastante respeitabilidade e também pelo fato de que não era só eu, era um grupo, não se acusava, não se criticava, não se denunciava alguma coisa sem que se soubesse contra quem se estava falando, e mais, a gente tinha uma posição à esquerda, quer dizer, era uma posição na época muito problemática, assim, por que era. Nós tínhamos até um que a gente chamava lá na Câmara, que era o vereador número 23 ou 22, sei lá, era um a mais, que era um cara tido do SNI que assistia todas as sessões. Então, digamos, passa aquela nossa imagem, as nossas posições de esquerda demonstrava que a gente tinha bastante coragem. Tínhamos mesmo, então, isso tudo era muito respeitado, apesar de eu ser uma menina, estar sempre de branco, agitada demais. (Idem)

Ainda, uma questão relevante sobre sua intervenção na CMVSM diz respeito à discussão sobre a legalização do aborto quando em certa ocasião se tratou desse tema. Ela recorda que o tema ganhou destaque nacionalmente na época e, conseqüentemente, veio à tona no plenário com uma fala de um vereador colocando-se contrário à legalização. Neste sentido, ela entrevistou proferindo a seguinte fala “olha, eu não tenho a menor dúvida que se os homens engravidassem, o aborto já estava legalizado no Brasil e no mundo”. (Idem)

Também, a jovem vereadora aborda outra discussão de âmbito nacional que se instala na CMVSM sobre a lei que promulgou em idos de 1977 o divórcio. Aqui, ela realça o machismo e a ignorância vigente naquela legislatura, evidenciando uma postura de um vereador que se refere ao divórcio da seguinte maneira “aí ele não está mais com aquela mulher e ainda fica pagando pensão pelo que não usa”. A entrevistada indica que este tipo de situação na CMVSM era muito comum, “um troço completamente absurdo”. Por outro lado, ela e Adelmo – reforça Maria Rita – achavam “uma delícia contrapor esse tipo de coisa”. (Idem)

É importante ressaltar que o mandato de Maria Rita e também o de Adelmo encontraram grandes dificuldades para aprovarem suas políticas, pois como ela mesmo destaca, “vivíamos um tempo muito complicado”, ou seja, qualquer proposta que apresentasse “cheiro de abertura ou de um maior espaço popular”, como o projeto de lei de Adelmo que propôs “comitês” referenciados na experiência da Comuna de Paris, o que criaria mais espaços populares para a população se manifestar mediante ao poder público. Mesmo as propostas e questões relacionadas

às mulheres não encontraram espaço para aprovação da CMVSM, restringindo-se às intervenções na tribuna do plenário. (Idem)

Outro elemento importante destacado por Maria Rita, diz respeito à vigilância da ditadura que enquadrou Adelmo Genro Filho na Lei de Segurança Nacional⁷ no ano de 1979, após ele durante uma sessão afirmar que “Figueiredo não tinha mais condições mentais de gerir o país”. Como ela havia dito anteriormente, sempre havia nas sessões da CMVSM uma pessoa cuidando tudo o que era dito e proposto pelos vereadores. Neste sentido, não era apenas nas sessões da CMVSM que elementos vigiavam o que era dito sobre a ditadura, pois nas reuniões do MDB jovem “sempre tinha alguém que aparecia, isso era muito ruim”. (Idem)

Por fim, destaca-se que a trajetória de Maria Rita no MDB e, com o fim do bipartidarismo, no PMDB teve fim um ano após sua mudança para a cidade de Porto Alegre. Em 1984, ela, Adelmo Genro Filho e Tarso Genro decidiram se filiar ao PT. Não obstante, ela sustenta que essa discussão sobre trocar o PMDB pelo PT acontecia desde o início da década de 1980, durante a transição MDB-PMDB. Contudo, eles após várias discussões decidiram continuar no PMDB, pois o PT ainda “não mostrava a que tinha vindo” e, portanto, isso prejudicaria a articulação deles no interior, visto que no PMDB ela era bastante consistente. (Idem)

JANES TERESINHA FRAGA SIQUEIRA

Outra trajetória individual que possibilita compreender como se desenvolveu o ativismo político de mulheres na cidade de Santa Maria foi a de Janes Teresinha Fraga Siqueira. Professora Municipal nas escolas Duque de Caxias e Fontoura Ilha, ela foi militante e fundadora em 1980 da Associação dos Professores Municipais de Santa Maria e durante um curto período do MDB. Janes se desligou do mesmo

⁷De acordo com Arno Dal Ri Júnior (2013, p. 536), “em 1978, durante o governo do General Ernesto Geisel, foi emanada uma nova Lei de Segurança Nacional, „Lein.º 6.620, de 17 de dezembro”, que definia os crimes contra a segurança nacional e regulamentava o respectivo processo e julgamento”. Conforme o autor, “o conceito de segurança nacional foi fornecido ainda em termos muito gerais no artigo segundo da lei, enquanto o caput do artigo terceiro reproduzia conceitos fundamentais da política ditatorial, em parte já presentes no Decreto-Lei n.º 314/67, como aqueles de „segurança externa e interna”, „guerra psicológica adversa” e „guerra revolucionária ou subversiva”. De um ponto de vista geral, as figuras delituosas que se encontravam no texto da nova LSN não apresentavam grandes diferenças a respeito da precedente norma sobre a matéria; o abismo entre as duas normas, de 1969 e de 1978, constitui-se na ausência, na segunda, da previsão de pena de morte e de prisão perpétua”. Ressalta-se que Maria Rita não define como Adelmo foi enquadrado juridicamente pela lei.

quando começaram as movimentações para a formação do Partido dos Trabalhadores (PT) na cidade no início da década de 1980. (SIQUEIRA, 2017)

Ressalta-se que sua ligação com o PT se desenvolveu a partir de duas correntes trotskistas, inicialmente, O Trabalho⁸ e, logo depois, a Convergência Socialista⁹, correntes que propunham “negar não só a ditadura como o modo de governar e assumir o poder”.(Idem)

A partir de então, ela traçou, junto de outros ativistas, estratégias para conseguir filiados suficientes para obter o registro partidário na cidade e participar da eleição de 1982. (Idem) Dessa forma, ela recorda um pouco de sua trajetória nesse processo:

Antes da fundação a gente conseguiu lugares para as reuniões, era na casa de colegas e depois teve uma sede na Floriano Peixoto e conseguimos, nós fizemos estratégias como, por exemplo, mapa de vilas, de lugares que nós já tínhamos ido conhecer. Então, no domingo, por exemplo, nós nos juntávamos todos e íamos para a vila e decidíamos qual era a vila que começaríamos, qual era a rua, quantos militantes iriam. Chegávamos nas casas, batíamos palmas, nos apresentávamos e perguntávamos se queriam nos escutar, que nós éramos militantes para fundar o PT. (Idem.)

Ainda, depois da fundação do PT na cidade, Janes participou como delegada de Convenções Estaduais do partido em Porto Alegre e ajudou a organizar a primeira direção partidária em Santa Maria, quando também foram escolhidos os candidatos que participaram da eleição municipal de 1982. Assim sendo, Janes foi candidata à vereadora nessa eleição e, logo depois, com o início da “Campanha das Diretas Já!”foi morar em Porto Alegre, onde continuou sua militância. (Idem)

Sobre sua candidatura à vereadora, Janes na época trabalhava como professora no Escola Estadual Cilon Rosa e teve um pedido do diretor da escola para que ela exercesse seu direito e solicitasse afastamento durante o processo eleitoral; ela assim o fez, pois queria se dedicar à campanha. Ainda, o diretor solicitou que ela não realizasse campanha na escola nem distribuísse panfletos porque os alunos gostavam muito de suas aulas e ele não queria propaganda

⁸ Sobre O Trabalho, na verdade Janes Siqueira está se referindo a Organização Socialista Internacionalista (OSI), a qual publica o referido jornal. Destaca-se que a OSI participa do PT a partir de fevereiro de 1980. Essa organização participa do Comitê de Reorganização pela Reconstrução da Quarta Internacional (CORQUI), liderada pelo trotskista francês Pierre Lambert. In. KAREPOVS; LEAL, 2007, p. 161, 176-177.

⁹ A Convergência Socialista no início dos anos 1980 organizava-se como uma corrente interna no interior do PT, mantendo inclusive seu próprio jornal. Indica-se que esta organização integrou no período a Fração Bolchevique, dissidência do Secretariado Unificado da IV Internacional, liderada pelo trotskista argentino Nahuel Moreno. In. LISBOA, 2011, p. 75.

política. Certo dia, ela foi levar um documento na escola e enxergou candidatos do PMDB e PDS panfletando; a partir desse momento, Janes buscou seus materiais de campanha e foi para a escola apresentar sua candidatura. Esse episódio foi significativo por que evidencia as dificuldades que as campanhas de esquerda tinham para se inserir nos locais de trabalho na época. Neste sentido, ela recorda que o diretor veio em sua direção buscando intimidá-la, contudo, sem resultados, pois ela continuou a panfletar. No entanto, logo após o processo eleitoral ela sofreu as consequências por não acatar as ordens do diretor sendo colocada à disposição pela escola. Como ela não aceitou, foi transferida para trabalhar na biblioteca até sua mudança em 1983 para Porto Alegre. (Idem)

Desse período que exerceu militância política na cidade de Santa Maria, Janes recorda de importantes episódios que ocorreram na política da cidade, aos quais esteve diretamente ligada. O primeiro exemplo trata da luta pela formação de uma associação que representasse os professores no município visto que o prefeito do MDB Osvaldo Nascimento da Silva engavetou o plano de carreira dos professores. (Idem)

Este foi o estopim para que os professores iniciassem sua organização para fundar e legalizar a futura Associação Municipal de Professores de Santa Maria (APM). Para tanto, elas denunciavam o engavetamento a partir de um abaixo-assinado que servirá de ponte para reuniões de professores durante o ano de 1979. Estas reuniões apontam para a fundação da APM em 1980, depois de consultar os professores da UFSM e o Centro dos Professores do Estado do Rio Grande do Sul (CPERS) sobre os trâmites para legalizar a nova associação. Em seis meses surge a APM que realiza sua primeira Assembleia no Centro Cultural, atual Teatro Treze de Maio. Logo após esse episódio, em 1981, o prefeito Osvaldo Nascimento da Silva demite vários professores municipais que participam das reuniões da APM e sua direção, inclusive Janes que era Vice-presidente e Cleonice Fialho, presidente. (Idem.)

Sobre o episódio importa destacar que essa demissão foi possível porque o prefeito, contrário a fundação da APM e a organização dos professores em uma Associação. Para tanto, ele teve a colaboração de cinco professores que aceitaram “falar contra nós”, contra quem compunha a direção em troca da readmissão, o que ocasionou de fato a demissão de toda a direção, colocando a Associação na clandestinidade. (Ibid., p. 12) No contexto da demissão, o prefeito Osvaldo

Nascimento da Silva chegou a afirmar que nós éramos contrárias a ele e aos estudantes, afirma Janes, corrompendo os jovens. (Idem)

Esse episódio foi encerrado provavelmente entre 1983 e 1984 quando os professores foram readmitidos pela justiça. Ela recorda que:

Vimos a ganhar, eu já estava em Porto Alegre, eu fiz um acordo com a diretora da minha escola e voltei para Santa Maria para ter o gosto de assumir o meu lugar. Fiquei um mês lá e pedi demissão, vim embora de novo. Entendi que era uma coisa muito importante. (Idem)

Um desdobramento do referido episódio foi a lembrança de Janes a respeito de sua militância, relacionada ao ambiente familiar quando iniciou sua participação na política da cidade. Filha de trabalhador e de uma dona de casa, em uma família com onze irmãos, ela relata que inicialmente houve um “estranhamento” por parte de sua família quanto a sua militância, pois as ações que desenvolvia politicamente e, também, os lugares que frequentava não eram considerados pela sociedade locais de “mulheres certinhas tipo tradicional”. Nessa memória, ela conta que no prédio em que residia “as moças” que ali viviam “não faziam amizade comigo, meus amigos eram todos outros”. (Idem) Essa lembrança, portanto, retornou quando foi demitida pelo prefeito de Santa Maria.

Outras duas memórias de Janes sobre a política em Santa Maria abordam o processo de redemocratização do país e a atuação policial contra os ativistas. A primeira refere-se a um ato público realizado na praça Saturnino de Brito na ocasião da nomeação da nova Ministra da Educação, Esther de Figueiredo, no ano de 1982. Na ocasião, ela recorda que os manifestantes foram seguidos pela polícia após o ato. Por sua vez, a segunda diz respeito a uma manifestação na UFSM que atenta novamente para a atuação policial frente aos estudantes e outros ativistas que participaram. Janes rememora que “a polícia entrou na Universidade e nos cercou com armas, nós ficamos sentados cantando um hino do Geraldo Vandré”. (Idem)

Ressalta-se que Janes assumiu um importante protagonismo na luta política da cidade, atuando em diferentes espaços, como a APM e o CPERS em âmbito sindical, os partidos MDB e PT e, também, no movimento feminista Germinal de forma pontual. Ainda, ela permanece em Santa Maria até meados de 1983, retornando à cidade brevemente no ano seguinte. Sobre o período que ela militou em Santa Maria, percebe-se um grande afeto e certa altivez quando ela diz:

Era marcante essa organização que nós fazíamos, essa coisa de buscar as pessoas e mostrar para elas nossos sonhos, nossa utopia, de lutar contra uma ditadura, de ao mesmo tempo lutar contra a repressão da mulher, a repressão do jovem. (Idem.)

Assim, Janes viverá o período restante da redemocratização do país já em Porto Alegre, participando do “movimento das diretas já”, quando foi estudar na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e lecionar como professora no Estado.

ANNA MAIA MIRAGEM

Estudante do Curso de História na UFRGS, militante do movimento estudantil e da tendência do PT chamada Convergência Socialista desde 1980, Anna Maia Miragem resolveu continuar seus estudos em Santa Maria, cidade de sua família paterna, na UFSM a partir de 1981. O seu ativismo político chama atenção pelo fato de ela ter sido deslocada pela CS para a cidade justamente para “participar do movimento todo de redemocratização” e da “construção do PT”. Naquele momento era comum, como ela indica, organizações políticas realizarem movimentações de seus quadros políticos com o objetivo de ampliar seus efetivos militantes e construir o movimento. Com o deslocamento, Anna dava continuidade à transição na CS de um quadro iniciante para um quadro médio ganhando maiores responsabilidades como militante. (MIRAGEM, 2017) Os objetivos, portanto, de sua transferência para Santa Maria, ficam evidentes na seguinte fala dela:

Fui para Santa Maria pra ampliar esse trabalho político, dentro da construção do PT e fortalecendo um polo que tinha uma política bem clara de disputa dos caminhos do PT e de uma visão por onde devia passar esse processo político brasileiro de redemocratização, com que tipo de partido (...). (Idem.).

Anna Miragem recorda que durante o período de sua estadia em Santa Maria, ela mora na cidade até o ano de 1984, entrou em contato com militantes do partido, ainda que sua intervenção tenha se limitado basicamente ao movimento estudantil. Ela define o PT na época como um partido essencialmente de professores e setores de classe média, “com um pequeno trabalho do movimento popular de bairro, mas muito pequeno”. Talvez, o motivo mais evidente de sua mudança possa ser

encontrado na sua fala quando define a cidade de Santa Maria como o terceiro ou quarto polo estudantil do RS e pela existência de uma corrente estudantil muito forte chamada Resistência e representada na CMVSM pelo vereador Adelmo Genro Filho. (Idem)

A militante do movimento estudantil tem uma lembrança que indica a existência de uma vanguarda estudantil bastante numerosa e ampla politicamente nos primeiros anos da década de 1980. Neste sentido, a sua tendência era “diminuta” até 1982, quando passaram a interagir com o movimento secundarista de estudantes, ampliando seus militantes para trinta pessoas, momento que a CS passa a se denominar Alicerce da Juventude. (Idem)

Em 1982, Anna Miragem recorda um episódio que possibilita perceber a solidariedade existente entre as organizações do movimento estudantil após a prisão de militantes da corrente que participava. Neste sentido, ela indica o desenvolvimento do episódio na Escola Estadual Maria Rocha:

Estávamos panfletando na porta do, isso já em 82, no Colégio Maria da Rocha e fomos presos por panfletar e nesse momento eu quero, eu sempre me lembro com muito carinho da enorme solidariedade que a nossa corrente teve do grupo que dirigia o DCE na época, da Resistência, que os companheiros assim que souberam que nós estávamos sendo presos, eles se mobilizaram, eles foram ao redor da delegacia, eles ficaram como se tivessem nos aguardando ali pra que nada acontecesse. Apesar de nossos embates políticos muito grandes, havia uma solidariedade que eu creio que obviamente também tem a ver com o fato de vivermos em um regime repressivo. (Idem)

Outra lembrança importante dela foi a constante vigilância policial sobre ativistas políticos de esquerda no período. Ela dividia um apartamento com várias mulheres militantes. Certa vez seus vizinhos na Rua Amélia Rodrigues relataram que “eventualmente entravam” no apartamento dessas militantes. Anna chama a atenção para a prática dos agentes da ditadura de realizar “sensos” dos militantes de esquerda. (Idem.)

Outro momento bastante relevante de sua participação na política da cidade aconteceu no ano de 1983, quando a Executiva Provisória do PT decidiu trazer Luís Inácio Lula da Silva, o Lula, e Jacob Bittar para Santa Maria e levar eles “até o DCE de Santa Maria para fazer uma conversa política com o grupo da Resistência, onde alguns já viam a necessidade de romper com o partido, o PMDB, e vir a construir o

PT”. Anna assinala que eles trabalharam para trazer Jacob e Lula e conseguiram.

(Idem)

Também, outra memória sua refere-se ao debate sobre a criação de “comitês unitários de todos os que estivessem pelas eleições diretas”, no sentido de que não deveria existir “segregação do comitê digamos „revolucionário” e do comitê com demais partidos, inclusive com o da própria burguesia”. Também, Anna rememora a existência de “um comitê forte” na cidade pela Campanha das Diretas Já e ocorrência de uma grande manifestação na cidade com “20 mil pessoas”, realizado “na praça Saldanha Marinho”. Naquele momento, ela teve direito a uma fala representando a juventude do Alicerce, “eu me lembro de ter falado também”, ao lado de políticos importantes como Genuíno, Alceu Colares.(Idem)

Outro momento que chama a atenção na entrevista de Anna tem relação com “a luta pela reconstrução de entidades”, da União Estadual de Estudantes (UEE) em Santa Maria “através da Jussara Dutra”, que havia sido anteriormente presidente do DCE da UFSM. Ela recorda que a UEE estava paralisada em 1983 e que sua organização, o Alicerce, impulsionou a luta por sua reconstrução chegando inclusive ao status de liderança política durante um curto período. (Idem)

Um episódio “cômico” que aconteceu em Santa Maria, de acordo com Anna, esteve ligado ao presidente João Baptista Figueiredo, demonstrando de certa maneira “o enfraquecimento forte daquele governo” e que ela teve a oportunidade de assistir de perto:

Eu lembro que vinha pela Acampamento, pela rua, e eu sabia que o Figueiredo ia estar lá. Era um sábado de manhã se eu não me engano, e de repente eu começo chegar perto do centro, ali perto de onde funcionava o Banrisul, e eu ouço aquela figura passando um pito na população, chamando a população de mal educada. Quando eu vejo era o próprio Figueiredo passando um pito na população de Santa Maria que estava por ali, porque o pessoal estava vaiando ele. O povo começou a ter coragem de , na rua, em grupos maiores, se chocar diretamente contra o governante militar de plantão. (Idem)

Por fim, cabe destacar um elemento importante da concepção política de Anna e, como ela mesmo sugere, de outros jovens estudantes na época de sua estadia na cidade de Santa Maria, o internacionalismo revolucionário personificado na época pela solidariedade, debates e avaliações da “Revolução Nicaraguense”¹⁰.

¹⁰ A Revolução na Nicarágua foi impulsionada pela Frente Sandinista de Libertação Nacional (FLSN) através de um „processo insurrecional” que derrubou uma ditadura brutal corrupta, o regime de

Neste sentido, ela recorda a importância sobre esse importante acontecimento na América Latina e seu significado aos jovens de esquerda no período:

Aquilo foi uma alegria para a juventude latino-americana, inimaginável por vocês, uma revolução no pequeno país que tirava um ditador. A gente tinha dezoito, dezessete, podia vibrar, participar, ir a reuniões e defender aquilo. (Idem)

Desta concepção de solidariedade, Anna comenta seus companheiros realizaram uma pichação, provavelmente em algum local da Rua Niederauer, com o seguinte escrito “tirem as mãos da Nicagua, Alicerce da Juventude Socialista”, esquecendo uma sílaba. Ela se diverte ao lembrar que seus companheiros foram perceber somente no dia seguinte quando a foto apareceu no jornal *A Razão*, mas indica que o episódio rendeu uma grande divulgação da organização. (Idem)

Em 1984, Anna retorna a Porta Alegre e continua a intervir politicamente contra a ditadura, pela redemocratização do país, a partir da CS procurando construir e fortalece o PT nesse contexto. Deste modo, as memórias de Anna sobre a primeira metade da década de 1980 ajudam a perceber que a construção do PT se desenvolve em diversas frentes, por meio de correntes, pelo movimento estudantil e sindical. Demonstra que o jovem partido procurou, desde o seu início, aproximar jovens lideranças do movimento estudantil com filiação no MDB e depois no PMDB. Outro fator relevante de sua entrevista foram as lembranças de episódios significativos que ocorreram na cidade de Santa Maria que, apesar de sua pontualidade, possibilitam, junto das outras entrevistas, traçar um panorama político geral na cidade, a partir do ativismo de mulheres com trajetórias distintas, mas comprometidas com o fim da ditadura e de lutar por um lugar de igualdade nas organizações que participaram e na sociedade.

GUIOMAR PRATES

Estudante de Comunicação Social, no Curso de Jornalismo na UFSM, desde 1982, Guiomar Prates recorda que seu primeiro contato com a política geral aconteceu na universidade, do contato com pessoas que realizavam discussões

Somoza, apoiada pelos Estados Unidos da América. “Os sandinistas estabeleceram um sistema político multipartidário, uma economia mista e uma política internacional de não alinhamento às superpotências, opções que restringiram uma via socialista, mas que também não se adequaram aos padrões liberais”. In. VISENTINI, 2013, p. 271.

sobre a política brasileira clandestinamente “e que lutavam contra a ditadura militar”. Foi a partir desse contato que ela acabou se inserindo no movimento estudantil e participando sobretudo dele até o ano de 1988, vivenciando importantes mudanças na política brasileira. Sua participação acabou sendo bem intensa através do Diretório Central dos Estudantes (DCE) e da União Estadual dos Estudantes (UEE). (PRATES)

Guiomar aponta que no período não tinha muita clareza sobre os partidos políticos, pois com o fim do bipartidarismo, a forma de intervenção era um diversa. Neste sentido, o PT estava sendo formado e o Partido Comunista do Brasil (PC do B) atuava de forma “semiclandestina” no interior do MDB e depois do PMDB. Dentro do movimento estudantil, ela participou da “corrente política” chamada “Viração”, formada essencialmente por “simpatizantes do Partido Comunista do Brasil”. Na prática, esta corrente era minoritária, contando no período que ela entrou com cinco pessoas. Contudo, ela assinala que essa pequena corrente tinha uma participação muito intensa no movimento estudantil ganhando em determinado momento a direção do DCE da UFSM, tendo como presidente Jonei Reis da Silva. (Idem)

Ainda, a entrevistada relata a profunda sensação de alívio que foi tomada quando se deu conta que podia explicar filosoficamente sua posição de negação quanto a existência de Deus. Ela reforça o significado fundamental de sua entrada na UFSM, do seu acesso a leituras e textos até então desconhecidos e como isso modificou sua percepção de mundo através da descoberta do “materialismo histórico”, como “um despertar para a realidade”. (Idem)

A participação política de Guiomar no movimento estudantil conduzirá esta militante ao cargo de presidente da União Brasileira de Mulheres (UBM) em Santa Maria, logo após a sua fundação que ocorreu provavelmente no ano de 1988, quando foi fundada nacionalmente. (Idem) Dessa forma, destaca-se o “Manifesto Programa da UBM” a nível nacional de 06 de agosto de 1988:

Por um mundo de igualdade contra toda opressão.

Somos brasileiras de muitos cantos desse país continente, firmando um compromisso de unidade e de luta. Buscamos um novo Brasil para nós e para os que virão depois. Queremos um Brasil diferente, parte de um mundo de igualdade, onde sua metade feminina não seja discriminada por sua condição de cidadã e trabalhadora. Queremos um Brasil que apague de sua face o sofrimento das operárias que não têm onde deixar seus filhos; o sofrimento das camponesas que sequer têm o seu trabalho reconhecido como produtivo; o sofrimento das trabalhadoras em geral, esgotadas pela

dupla jornada. Um Brasil que não tenha funcionárias públicas desvalorizadas por governos reacionários, intelectuais cerceadas na sua criação e produção por uma cultura alienante e alienadora do papel da mulher; que não tenha donas de casa sufocadas pela rotina doméstica. Queremos um Brasil onde tenhamos acesso ao trabalho, salários justos e iguais aos de nossos companheiros. Um Brasil onde tenhamos uma rede de creches públicas, iniciativas de aperfeiçoamento profissional e um efetivo combate às discriminações contra a mãe trabalhadora. Queremos um país que reconheça na maternidade uma função social, considerando os filhos como futuros cidadãos desse país; e que o Estado e a sociedade assumam conosco as responsabilidades de educá-los e assegurar sua sobrevivência. A ampliação da licença maternidade e a conquista da licença paternidade são expressões sensíveis de que a sociedade avança nesse reconhecimento. Queremos um Brasil onde o fantasma da violência doméstica e sexual seja combatido com instrumentos públicos. Na defesa da vida e da dignidade da mulher é preciso Delegacias Especializadas, Assessorias Jurídicas, conquistas a serem garantidas e ampliadas. Queremos um Brasil que assuma sua cor multi-racial e que condene a discriminação contra a negra como expressão maior de atraso de um povo que tem a negritude como traço histórico e cultural. Queremos um Brasil onde a saúde seja um bem público e a da mulher tenha uma atenção especial, onde ela possa decidir o ter ou não ter filhos, com orientação para esta decisão. Queremos um Brasil de homens e mulheres iguais. Mas não acreditamos na igualdade entre os sexos nos limites das desigualdades sociais. Por isso lutamos por um novo Brasil onde a democracia seja um bem do povo, para que ele possa, livremente, participar e escolher seu destino. Lutamos por um Brasil novo onde a soberania nacional e os direitos sociais sejam um primeiro passo no caminho do desenvolvimento independente voltado para o bem estar de seus habitantes. Lutamos por um Brasil onde a terra seja fonte de alimento e trabalho para os que nela trabalham e não fonte de especulação e lucro para os que a exploram. Por fim, lutamos por um novo Brasil onde a exploração e a opressão, hoje presentes, passem a ser apenas uma página do passado na história de um povo que viverá uma nova sociedade de iguais, uma sociedade socialista. Queremos um mundo de igualdade. Para nós e para os que virão depois.¹¹

Chama atenção o conteúdo essencialmente emancipacionista apontando para um Brasil do futuro que deixe as desigualdades sociais, a exploração e a opressão no passado e construa uma sociedade igualitária, socialista. Certamente, essa concepção destoa de setores importantes dos movimentos de mulheres e feminista, contudo, demonstra a existência de um setor de mulheres, como indica Guiomar, que adere a uma “concepção emancipacionista” originando a UBM também em Santa Maria. (PRATES, 2017)

Uma das lembranças de Guiomar condiz ao período de redemocratização do país, da luta pelas diretas e de seu desdobramento por meio do Colégio Eleitoral que elegeu Tancredo Neves presidente e José Sarney vice-presidente. Sobre a questão, ela indica que existiu no movimento estudantil e no movimento de esquerda em geral uma disputa sobre a participação da esquerda no Colégio Eleitoral.

¹¹ In. <http://www.ubmulheres.org.br/ubm/mani.html>. Acesso em: 10 jun. 2017.

Naquele momento, o PT não assinou a convocação reverberando posições de suas corrente e grupos do movimento estudantil. Mesmo assim, ela recorda de um período anterior ao Colégio Eleitoral, no dia que a eleição direta passou no Congresso Nacional. Conforme Guiomar:

Eu lembro muito a festa que a gente fez naquela praça, a Saldanha Marinho, no dia que passou a eleição direta no Congresso, lembro até a roupa que eu tava, uma blusa azul. A gente ficou dançando no meio da praça aquela música do Chico Buarque „Vai passar nessa avenida um samba popular“, foi uma coisa bem marcante, assim, muito interessante. (Idem.)

Outro evento marcante para Guiomar foi a primeira vez que interviu politicamente em uma Assembleia de estudantes na frente do DCE. Ela não recorda a data nem o que estava em discussão, mas evidencia que da mesma participaram entre quatro e cinco mil estudantes. De todo modo, esse fato demonstra que seu grupo de cinco ou seis pessoas tinha um poder mobilizador contundente, pois apesar dos gestos trêmulos ao segurar o microfone e proferir sua fala, a proposta que ela defendeu saiu vitoriosa em cinco votos. É provável que essa assembleia tenha ocorrido nos primeiros anos de militância no movimento estudantil. Depois desse momento, ela comenta que participar de debates, dar entrevistas na para canais de televisão e falar novamente para milhares de pessoas se tornou bastante tranquilo. (Idem)

Por fim, destaca-se as dificuldades para o sustento encontrada por Guiomar no período de estudante e como o movimento estudantil amenizava os problemas e impulsionava seguir em frente. Como ela evidencia:

Eu me lembro que não tinha dinheiro, eu fui morar na casa do estudante, então essa era só mais uma das coisas que eu tinha de enfrentar pra poder me formar na universidade. Eu trabalhava, eu fazia monitoria, eu fazia estágio, me virava, então esse era um detalhe, e a coisa era tão, era tão significativa pra gente, era tão satisfatória você se perceber enquanto um sujeito que está ali fazendo uma história, que isso é um detalhe pra gente, que a gente passava por cima. (Idem)

Apesar dessas dificuldades, ela participou assiduamente do movimento estudantil, da luta contra a ditadura, pela redemocratização, por melhorias na educação e na UFSM, pela manutenção de direitos dos estudantes até 1988 quando saiu da universidade. Neste ínterim, ela passou a intervir politicamente pelo PC do B

antes de sua legalização no ano de 1985, entre 1982 e 1983, e no momento que sua trajetória estava se encerrando no movimento estudantil, ela foi protagonista na formação da UBM.

VERA FLORES

Com duas passagens na cidade de Santa Maria, Vera Flores participou do movimento estudantil durante dois anos, entre 1976 e 1977. Na época, estudante de Comunicação Social no Curso de Jornalismo da UFSM ela manteve contato com Adelmo Genro e seu grupo, que causaram uma forte impressão na jovem militante com ainda dezoito anos, devido às leituras e muitos livros que eles tinham, “eles eram inteligentes”. (FLORES, 2017)

Logo depois Vera mudou-se para Porto Alegre onde participou de movimentos pela anistia durante certo período até o seu retorno para Santa Maria, momento que reingressa na UFSM e começa a participar efetivamente do movimento estudantil no “Resistência (Idem)” e participa do movimento de mulheres Germinal. (Idem.) Sobre essa militância no movimento político e no Germinal, sobretudo, Vera realiza duas caracterizações:

Um, a ditadura, entende, aquilo ali era uma coisa assim avassaladora em todos os pontos de vista, segundo, um conflito de gerações que era muito forte, por exemplo, assim, eu acho que a minha geração e a geração das gurias que eram do Germinal foi a primeira geração que saiu cedo de casa, eu sai com dezenove anos de casa, (...) eu acho que a nossa geração ela foi uma geração que quebrou barreiras e o Germinal tem a ver com isso, entende, tem a ver com a política e tem a ver com isso, que é uma geração de gente que quebrou barreiras pra romper, pra transar com o namorado, isso não era comum. (Idem)

Logo no início da entrevista fica evidente o forte impacto da militância política no Germinal sobre Vera. Em seguida, ela contextualiza o surgimento do Germinal e evidencia as premissas dessa organização diante do surgimento do:

Movimento de mulheres a nível internacional (...) e a nível nacional também, e a gente, assim, acho que tinha duas coisas que nos diferenciava dos demais, que o Germinal se diferenciava dos outros grupos de mulheres, uma coisa, não era sexista (...), nós não éramos contra homem, o slogan do Germinal era „Queremos Pão e Rosas também”. Isso eu acho que quer dizer muita coisa. (Idem)

É interessante destacar a ênfase que Vera concede à “questão política” no *Germinal*, principalmente, quando ela destaca quem eram essas mulheres que participavam dele fundamentando sua explicação a partir das características de Santa Maria no período:

Nós éramos principalmente estudantes do movimento estudantil. Santa Maria pela sua configuração econômica, ela não tem indústria, ela não tem... então tu não tinha assim um movimento operário organizado ou... então a gente era assim, principalmente estudantes de classe média, algumas já formadas, profissionais liberais, poucas (...). (Idem)

Vera comenta que na época ela e algumas mulheres que participavam do *Germinal* tinham ligações com um partido comunista clandestino, “a gente tinha um grupo dentro desse partido que se relacionava com o *Germinal*”. Em seguida, ela afirma que o *Germinal* era um “grupo feminista”, “um movimento de mulheres” que não se organizavam para o partido, “total e absolutamente”. (Idem)

Ainda, ela sustenta que na década de 1980, existiam outros movimentos de mulheres, inclusive afirmando que “cada grupo político tinha o seu movimento feminista” e que os mesmos não se misturavam, apesar de amizades ou proximidades. Vera cita por exemplo a existência de um “grupo feminista” na cidade chamado “Liberta” que pertencia a corrente do PT chamada Democracia Socialista. Por fim, ela recorda com muito carinho do Comício pelas Diretas que ocorreu em Santa Maria, percebido pela entrevistada como “uma escola”, “uma escola para a vida”. (Idem)

CLEUNICE DORNELLES FIALHO

Estudante da Universidade Federal de Santa Maria, onde cursou História entre os anos de 1976 e 1978, Cleunice Fialho iniciou sua militância no movimento estudantil. Durante o processo de volta da UNE e das Diretas Já, ela já não era mais estudante da UFSM, mas sempre acompanhou tudo de perto, pois seu marido e suas irmãs ainda eram estudantes da universidade. (FIALHO, 2017)

Logo após se formar Cleunice Fialho foi contratada como professora do município da cidade de Santa Maria, e começou junto com outras companheiras como, por exemplo, Janes Siqueira a participar do movimento sindical. No seu relato

ela evidencia as dificuldades que elas encaram neste início de movimentação sindical, como ela indica:

Eu era contratada como professora municipal e aí a gente passou a fazer movimento sindical, aí a Janes foi minha companheira nisso, nesse processo. Então a gente fundou a Associação dos Professores Municipais, por que naquela época não podia ter sindicato, era proibido a sindicalização, ficamos uns dois anos organizando [...] e no primeiro processo de fazer uma campanha salarial fomos todas demitidas. Então foi o início, para mim, do movimento sindical. (Idem)

Nesse episódio, quando ela foi demitida do município, ela junto de outras companheiras fazia parte da diretoria da associação. Este relato também apareceu durante as memórias de Janes Siqueira, já que estas participavam juntas da formação da APM. Percebe-se que para ambas esse foi um momento bastante delicado, já que ficaram anos lutando na justiça para recuperar seus cargos como professoras do município. Essas demissões, ocorreram entre os anos de 1980 e 1981, quando, concomitantemente, Cleunice Fialho começou a atuar no Germinal e essa passou a ser a sua principal militância. Ela destaca que durante período em que esteve desempregada o mesmo foi o único "canal de participação" com os movimentos sociais. (Idem)

Quando questionada sobre sua militância no grupo de mulheres Germinal, ela demonstra o quanto era comum elas organizarem discussões sobre pautas feministas e junto a isso mobilizarem um grupo grande de pessoas que participavam de atos relacionados a estas discussões, faz até mesmo uma comparação com o retrocesso, segundo ela, dos dias atuais com relação a estas mesmas discussões. Conforme Cleunice:

A gente discutia a questão do aborto tranquilamente, ninguém nos apedrejava por isso, a gente chegou a lançar um panfleto grande que era "Nossos corpos nos pertencem" [...] que discutia justamente essa questão, era uma charge, um corpo de uma mulher, um juiz, um padre, um médico e a questão do corpo é nosso, quem decidi somos nós, em relação a tudo, com relação inclusive a necessidade de uma interrupção de gestação. E a gente participou de muitos debates, nós fazíamos debates sobre a questão do aborto normalmente na cidade. Era um debate que a sociedade fazia. Claro coisas assim, na época pela primeira vez tu discutia virgindade publicamente como tabu, mas tu conseguia ter debates muito mais avançados do que se tem hoje. (Idem)

Ao tratar deste assunto, Cleunice deixa claro que o grupo era bastante organizado e tudo que fossem organizar ou participar, representando o grupo, se

preparavam como se aquilo fosse a coisa mais importante naquele momento, como mostra seu relato com relação ao comício pelas Diretas Já:

No comício da Diretas Já tinham umas quinze mil pessoas [...] foi na avenida Rio Branco onde é a SUCV, ali que estava o palco, então enchia de gente pra lá, aí eu tive que falar pelo grupo, ali foi um momento bem marcante eu acho, pena que não guardei o que eu escrevi [...] eu sabia que eu tinha três minutos para falar no máximo, então eu tinha que condensar, tinha que preparar pra falar com muita propriedade, marcar ali as posições das mulheres naqueles minutinhos e na época isso era muito controlado porque [...] com várias forças políticas ali um segundo a mais que usasse já era um horror. E eu me preparei bem, assim, escrevi, contei o tempo [...] E na verdade eu terminei tendo menos que três minutos, porque daí veio uma outra militante do movimento de Porto Alegre e aí eu tive que dividir o tempo com ela, só que ela falou qualquer coisa assim, ela não teve essa preocupação de se preparar, enfim era uma outra forma de ver [...] pra nós tudo que a gente fosse fazer era a coisa mais importante do mundo naquele momento. (Idem)

Tanto Cleunice Fialho como Vera Flores em suas memórias apontam o Germinal como um grupo feminista que durante a década de 1980 foi significativo na luta de mulheres santa-marienses. Elas entendem que ele era muito respeitado e reconhecido pelos demais setores da cidade. Segundo elas, isso tudo se devia a excelente organização e preparo do mesmo, pois nada era realizado sem antes ser estudado e discutido por elas, ou seja, sempre se preparavam muito bem para o que iam fazer ou defender.

Depois de aproximadamente quatro anos de ativismo do Germinal em Santa Maria, este começa a encerrar suas atividades enquanto grupo feminista na cidade. Cleunice Fialho afirma que o fim do grupo não está ligado a nenhum exercício de repressão sofrida pelo grupo, mas sim por que as mulheres que faziam parte do grupo começaram a ir para outros setores. Ou seja, muitas delas passaram a atuar em outros movimentos sociais, partidos ou sindicatos. (Idem) Como podemos perceber neste relato dela:

O grupo se desfez [...] assim porque aquele grupo de mulheres começou a ir para outros setores, mas não foi pelo exercício de algum tipo de repressão sobre o movimento [...] Então as mulheres não deixaram de ter algum tipo de militância, continuaram, mas, assim, o grupo se dissolveu. (Idem)

Portanto, depois de aproximadamente quatro anos de atuação do grupo Germinal em Santa Maria este começa a se desarticular. Para Cleunice o

distanciamento de sua importante militância dentro do grupo não foi diferente das demais, pois em 1983 ela passa no concurso para professora do Estado e começa a atuar junto ao CPERS, o que faz com que o Germinal não seja mais seu único canal de militância. Mesmo com o fim do Germinal, e com sua atuação dentro do "sindicato", ela não deixa de defender as pautas relacionadas as lutas das mulheres mas agora em um outro espaço, junto da luta dos professores estaduais. (Idem)

CONEXÕES DO ATIVISMO DE MULHERES NA POLÍTICA DE SANTA MARIA

O primeiro destaque a ser realizado diz respeito a origem desse ativismo feminino, majoritariamente, pertencente ao movimento estudantil universitário e o impacto que o mesmo produziu na formação política e, também, como ser humano. Neste sentido, Maria Rita de Assis Brasil, Guiomar Prates, Vera Flores, Anna Maia Miragem e Cleunice Fialho iniciaram suas respectivas trajetórias nesse movimento social, ainda que em diferentes grupos. De certo modo, as entrevistas de Maria Rita e Vera Flores apresentam indícios que o movimento estudantil começa a ganhar destaque em Santa Maria entre 1976 e 1977.

Ainda, as memórias de Anna Miragem permitem ampliar esse entendimento a nível de Estado e talvez de Brasil, principalmente, quando ela comenta o motivo da transferência do Curso de História da UFRGS para a UFSM e cita que essa prática era muito comum no período, na transição da década de 1970 para a seguinte. Ela foi enviada pela CS para construir essa corrente política interna do PT, a partir do movimento estudantil, foco principal de sua construção política.

Por conseguinte, Henrique Padrós e Alessandra Gasparotto (2009, p. 37) afirmam que a partir de 1976 “ressurgia também o movimento estudantil, marcado pela reorganização da União Nacional dos Estudantes”. Tal afirmação corrobora com os indícios encontrados sobre um movimento estudantil cada vez mais dinâmico na cidade de Santa Maria.

No entanto assevera-se que o ressurgimento do movimento estudantil ocorre em um contexto da ampliação do descontentamento de outros movimentos sociais com a ditadura civil-militar, muitos deles inclusive sem ligações mais amplas. Apesar do “projeto de distensão lenta, gradual e segura” do governo de Ernesto Geisel, mantém-se o “aparato repressivo”, assim como “mecanismos para barrar qualquer oposição mais sistemática ao regime” (Ibid., p. 36-37) Conforme os autores:

Esse período foi marcado por um grande número de assassinatos e desaparecimentos- calcula-se que em torno de 108 militantes da resistência foram mortos entre 1974 e 1979. Ainda, segundo a Anistia Internacional, entre meados de 1975 e 1976 mais de duas mil pessoas foram detidas em todo o território nacional. (Ibid., p. 37)

Essa agenda repressiva provoca o aumento da tensão no meio estudantil e em 1977, sustenta Bernardo Kucinski (2001 apud FARIA, 2005, p. 227):

A tensão que vinha se acumulando no meio estudantil ante a impressionante repressão, explode. A partir de uma enorme passeata de dez mil estudantes em São Paulo, reprimida com violência extrema pela polícia, eclodem manifestações em outras capitais e cidades grandes do interior.

No presente contexto, o movimento estudantil de Santa Maria vivencia também o crescimento do ativismo feminino que forma movimentos de mulheres e/ou feministas com afinidades junto ao movimento estudantil. Vera Flores sustenta que em Santa Maria o Germinal desenvolveu relações com o movimento Resistência, assim como o Liberta possuía com a DS.

Entre a segunda metade dos anos 1970 e durante a década de 1980, pode se perceber nas entrevistas a existência de grupos estudantis que desempenharam importantes papéis na luta estudantil, conseguindo em determinados momentos intervir politicamente na cidade através da luta pelas Diretas Já, pela redemocratização do país, como Resistência, Alicerce da Juventude Socialista e Viração. Neste sentido, tais memória contribuem para recuperar traços da participação juvenil na política estudantil e da cidade e possibilitam que outros estudos avancem na obtenção de novos objetos de pesquisa.

No que se refere à participação feminina juvenil no movimento estudantil, Bruna Osório (2014, p. 14) indica “a primeira mulher que compôs a direção do DCE da UFSM como vice-presidente, Nádia Pesce de Silveira”, o que pode demonstrar o crescimento do empoderamento das jovens do movimento estudantil. Neste sentido, corrobora a essa afirmação o fato de parte das mulheres entrevistadas terem alcançado certo destaque nos espaços que entrevistaram no mesmo período, Anna Miragem ocupava importante papel na CS e depois no Alicerce da Juventude Socialista, Maria Rita deixou o movimento estudantil e foi eleita vereadora, Guiomar Prates desenvolveu intenso ativismo no movimento estudantil, tornando-se a

primeira presidente da União Brasileiras de Mulheres (UBM) em Santa Maria. Assim, o final da década de 1970 e a década seguinte apontam o crescimento da visibilidade do ativismo feminino no movimento estudantil e que esta visibilidade extrapolou os limites do mesmo.

Do ponto de vista da política institucional do período, a participação de Maria Rita no processo eleitoral de 1976 e sua eleição para a legislatura de 1977-1982 na Câmara Municipal de Vereadores de Santa Maria (CMVSM) mostra-se muito significativa para uma História que busca recuperar traços da memória individual e, principalmente, de uma memória coletiva das mulheres que foram ativistas políticas e conseguiram alcançar certo destaque na política cidadina no período da ditadura civil-militar.

Na legislatura anterior 1973-1976, Maria Eloah Pavani havia sido a única mulher eleita. Neste sentido, importa destacar que durante toda a ditadura apenas duas mulheres foram eleitas a partir do sistema eleitoral bipartidário e, mesmo depois na década de 1980, quando esse sistema não estava mais vigente, apenas uma mulher, Rejane Flores da Costa, foi eleita pelo Partido Democrático Social (PDS) para a legislatura 1989-1992 indicando que Santa Maria não vivenciou institucionalmente avanços políticos que proporcionassem um crescimento e continuidade da representação feminina, quiçá feminista, afinal, ideologicamente ou mesmo programaticamente, também não houve afinidade entre as legislaturas seguintes.¹²

Destaca-se no conjunto de mulheres entrevistadas que todas elas estabeleceram contato em algum momento de sua trajetória com correntes e partidos políticos, além de intervirem no movimento estudantil. Contudo, deve ser percebido que este contato não é uniforme. Anna Miragem, Vera Flores e Guiomar Prates estabelecem contato parciais com partidos, participando sobretudo do movimento estudantil. Por outro lado, Janes Siqueira e Maria Rita ocupam espaços de poder fundamentais politicamente. A primeira foi em determinado momento secretária geral do PT e a segunda representou o MDB e o PMDB como vereadora, antes de aderir ao PT quando já residia em Porto Alegre.

Aliás, das mulheres entrevistadas apenas Janes Siqueira e Cleunice Fialho participaram do movimento sindical na cidade, tomando parte da formação da

¹²In. https://pt.wikipedia.org/wiki/C%C3%A2mara_Municipal_de_Santa_Maria. Acesso em: mai. 2017.

Associação dos Professores Municipais e de sua fundação, assim como, sendo perseguidas e punidas junto de outras mulheres que enfrentaram politicamente o prefeito Osvaldo Nascimento da Silva do MDB. Janes Siqueira no decorrer desse episódio começou a trabalhar como professora do Estado e a intervir no CPERS.

Ressalta-se que politicamente pertencer ao MDB não quer dizer muita coisa. Como pode ser percebido nos subtítulos anteriores, aquelas mulheres que pertenceram ao MDB e, mesmo ao PMDB, tiveram diferenças políticas significativas no movimento estudantil, inclusive intervindo em movimentos distintos do mesmo, como Viração e Resistência.

Ainda, os subtítulos anteriores permitem evidenciar duas questões relevantes abordadas de maneira geral pelas mulheres entrevistadas. A primeira trata da repressão ao movimento estudantil e movimentos políticos de Santa Maria. A segunda aborda a repercussão do período de redemocratização do país na cidade a essas militantes.

As memórias das mulheres entrevistadas, em geral, não enfatizam lembranças traumáticas ligadas a repressão na ditadura civil-militar. Apesar do episódio emblemático que atingiu Adelmo Genro Filho enquadrado na Lei de Segurança Nacional de 1979 e da prisão temporária de militantes da tendência Convergência Socialista no início da década de 1980, parece que o mais comum nesse período foi o monitoramento de ativistas homens e mulheres de diferentes organizações políticas. Neste sentido, os primeiros anos da década de 1980 indicam que a “distensão controlada” foge do controle em determinados momentos evidenciando o enfraquecimento da ditadura e a ampliação da atividade política no país. Ainda, a repercussão da luta pelas Diretas Já para as militantes entrevistadas coloca-se de forma bastante expressiva. O Comício das Diretas Já, por exemplo, impacta significativamente as memórias de Guiomar Prates, Vera Flores e Anna Miragem.

Por fim, indica-se que o interesse político de lutar contra a ditadura e/ou pela redemocratização do país permeou praticamente todas as ativistas que foram entrevistadas. Esse contexto geral, ao que parece, foi o cerne da intervenção política de cada uma delas, o que pode assinalar que apesar da existência de movimentos de mulheres na cidade, eles tiveram dificuldades de se organizar. Talvez, resida nesse reconhecimento a importância do movimento de mulheres Germinal no início da década de 1980 e, também, da formação ao seu final da ABM em Santa Maria.

3 ENTRE ATIVISTAS: GÊNERO E FEMINISMO EM SANTA MARIA NOS ANOS 1980

A percepção de um grupo variado de mulheres, ativistas de diferentes movimentos e partidos possibilita visualizar duas problemáticas que envolvem o presente capítulo e percebê-las como elementos fundamentais de um processo histórico de liberdade cerceada, prisões arbitrárias, torturas e assassinato cometidos pela ditadura civil-militar durante 21 anos. É importante destacar que essas ativistas – Maria Rita Assis Brasil, Janes Terezinha Fraga Siqueira, Anna Maia Miragem, Guiomar Prates, Vera Flores e Cleunice Dornelles Fialho – possibilitaram que a pesquisadora realizasse uma inflexão à política de Santa Maria entre 1976 e 1988 com o objetivo de compreender como era o ativismo dessas mulheres nos movimentos sociais e partidos políticos. Para tanto, suas memórias sobre a trajetória individual de cada uma e suas impressões sobre a época, dentro dos limites do que se envolveram mostra-se fundamental.

Este capítulo, portanto, deve tornar possível que o leitor dessa dissertação aproxime seu olhar para as percepções dessas ativistas sobre o movimento de mulheres e o envolvimento de cada uma, os debates sobre o feminismo e a experiência de intervir politicamente em espaços essencialmente masculinos. Tais percepções viabilizaram, acredita-se, enriquecer uma História do ativismo feminino em Santa Maria durante doze anos, em um contexto de abertura política e redemocratização do país; isto, através da reaparição de antigos sujeitos políticos e do crescente descontentamento popular com a ditadura que, pretensiosamente, buscava tutelar a abertura por meio de uma “distensão controlada”.

Se o capítulo anterior trouxe uma dinâmica de cada ativismo de forma individualizada, mas personificada em atividades e organizações políticas coletivas; este capítulo apresentará um enfoque mais específico, menos centrado nos acontecimentos relevantes que elas vivenciaram, mas evidenciando as relações individuais nos espaços de poder entre mulheres e homens ou apenas entre mulheres. A reflexão de Iris Young sobre a “perspectiva” propõe um cuidado na abordagem do sujeito, realçando que “grupo” e “identidade” devem ser diferenciados, afinal os indivíduos pertencentes a uma coletividade possuem

gradações tanto interna quanto externamente ao coletivo que participa. (YOUNG, 2000, p. 89)

Ainda, infere-se que o este capítulo apresenta dois subtítulos que foram estruturados a partir da noção de perspectiva de Íris Young. Dessa forma, o primeiro subtítulo procurou identificar o ativismo dessas mulheres nos espaços de poder essencialmente masculinos. Como elas percebem sua interação com homens nos partidos, movimentos e acontecimentos? Que lembranças elas possuem dessas interações? O que concluem acerca do ativismo delas nos espaços de poder e o porquê dessa definição? O segundo subtítulo, por sua vez, trata das relações estabelecidas pelas entrevistadas com o movimento de mulheres, suas percepções sobre os movimentos que interagiram, a intensidade dessa relação e, ainda, lembranças pontuais que emergiram.

Por conseguinte, o leitor conseguirá conhecer parte das dúvidas, certezas e debates que marcaram a trajetória do ativismo feminino na cidade de Santa Maria durante a redemocratização do país. Outrossim, procurou-se oferecer um capítulo que apresentasse uma interpretação crítica desse ativismo na cidade de Santa Maria considerando suas memórias na espera de sobressair elementos da história social que trata das mulheres e que Louise Tilly (1994, p. 59) enfatiza que já são fatos da história: “As mulheres como atores da história, suas atividades, suas diferenças de raça, de classe e de origem nacional, suas concepções de si e do mundo ao redor”. Não obstante, a autora reforça a importância da introdução da noção de gênero de Joan Scott para a pesquisa como “questionadora do determinismo biológico”, atraindo a atenção “para as relações de poder”. (Ibid., p. 59-60)

Assim, a autora sugere estudar “as mulheres e o gênero” como elementos fundamentais. Tal sugestão parte da seguinte constatação a respeito da participação das mulheres na Revolução Francesa:

As mulheres (entre outras coisas) lutaram pelos seus próprios direitos, pela participação numa vida democrática radicalmente nova e pela reivindicação dos pobres por um sustento a um preço justo. Assim como os outros perdedores do processo revolucionário, as mulheres lutaram pelas posições que continuariam a estar no centro do debate político durante os séculos XIX e XX. O estudo dos vencidos nos permite compreender melhor os vencedores, compreender porque e como eles venceram. A análise da revolução é ainda mais completa e sistemática quando nós levamos a sério as alternativas possíveis: o estudo das formas de participação das mulheres

e as reações que ela suscita oferece precisamente uma destas alternativas.
(Ibid., p. 62)

No entanto, este capítulo apesar de abordar os vencidos, aqueles que a ditadura civil-militar procurou apagar da História do Brasil, trata deles sob a perspectiva que mesmo seu interior pode revelar nuances e apresentar conflitos que colocam muitas vezes mulheres e homens em lugares opostos e, também, opõem elas entre si.

O ATIVISMO FEMININO NOS ESPAÇOS DE PODER ESSENCIALMENTE MASCULINOS

O capítulo anterior evidenciou que as mulheres entrevistadas participaram politicamente de variados espaços de poder que notadamente mostravam-se como espaços essencialmente masculinos. Elas participaram de coletivos, pertencentes ao movimento estudantil, de diferentes partidos, antes do fim do sistema bipartidarista em 1979, e, depois, de partidos que estavam em formação, no período da redemocratização do Brasil na cidade de Santa Maria, durante a década de 1980. Estas mulheres fundaram associações, organizaram e dirigiram partidos, formaram movimentos de mulheres, participaram de atos, manifestações, comícios, concorreram em eleições obtendo, muitas vezes, insucessos, sob a ótica dos vencedores, porém, obtiveram conquistas fundamentais para a luta feminista. Apesar do número de mulheres entrevistadas não ter um alcance que possibilite apresentar resultados quantitativos, prejudicando em alguns momentos, ampliar algumas discussões; Maria Rita, Janes, Anna, Vera, Cleunice e Guiomar revisitaram acontecimentos relevantes da História da cidade que permitiram colocar em evidência o ativismo feminino, assim como, suas trajetórias individuais em espaços coletivos e a ampliação da participação política feminina, incluindo uma maior visibilidade, em determinados casos, aos seus anseios e projetos.

Os espaços de poder que as mulheres transitam em conjunto de homens delegam a elas uma posição de subalternidade, não apenas “no âmbito do público-estatal”, mas em “todo o tecido social”. Esta compreensão, entende Vera Soares, possibilita ampliar “a concepção convencional da política”, assim como, “a noção de sujeito”. (SOARES, 1998, p, 34). Para a autora, de uma forma geral:

Todos aqueles que tem uma posição subalterna nas relações de poder existentes são chamados a transformá-las. Não existe pois um só sujeito histórico que enfrenta e transforma tais relações em nome de todos os subalternos. Reconhece uma multiplicidade de sujeitos que, desde sua opressão específica, questionam e atuam para transformar esta situação. (Idem)

Portanto, indica-se que cabe à mulher contestar a opressão a qual está sujeita e conquistar a sua libertação enquanto sujeito histórico. O aumento qualitativo do ativismo feminino e as consequências sócio-políticas dele derivadas conferem o empoderamento das mulheres em todo o tecido social, de maneira diversa.

Essa percepção de libertação em relação a opressão, todavia, não se apresenta imediatamente no início de cada trajetória das mulheres entrevistadas. Ela adquire importância no curso do ativismo político de cada uma delas, com diferentes formas e intensidades.

Quando interrogadas sobre a participação política na cidade, uma pergunta geral da pesquisadora, com o intuito de conhecer um pouco mais dessas mulheres, todas elas demonstraram a falta de um enraizamento inicial com a luta feminista ou com o movimento de mulheres. Tal ausência permite inferir que o início do ativismo feminino ocorreu antes devido aos problemas gerais da sociedade brasileira, à uma ampliação da percepção do mundo e, principalmente, ao questionamento da ditadura civil-militar.

Maria Rita Assis Brasil recorda do momento de sua iniciação política no movimento estudantil, entre 1972 e 1973, a partir de suas relações pessoais com estudantes que já estavam participando do movimento estudantil. Mesmo a sua entrada no MDB, quando ajudou na fundação do MDB Jovem em Santa Maria, por volta de 1974 ou 1975, parece ter sido uma decorrência do final de uma trajetória no movimento estudantil devido à proximidade de conclusão do Curso de Medicina na UFSM e a necessidade de seguir ou continuar com a política de seu grupo. (BRASIL, 2017)

A professora Janes Siqueira intervém politicamente, desde o final dos anos 1970, destacando do período apenas relações com associações, a nomenclatura de sindicatos era proibida naquele momento. (SIQUEIRA, 2017) Oriunda do movimento estudantil da cidade de Porto Alegre e estudante do Curso de História UFRGS, Anna Maia Miragem assinala que sua mudança para Santa Maria teve ligação com a

construção da corrente interna do PT, a CS, e a luta pela redemocratização.
(MIRAGEM, 2017)

Ainda, Guiomar Prates e Vera Flores também destacam o início de suas trajetórias políticas vinculadas ao movimento estudantil. Neste sentido, a primeira pouco conhece sobre a política geral antes de ingressar no movimento, quando toma contato com um grupo clandestino e passa a se organizar para lutar contra a ditadura. (PRATES, 2017). Por sua vez, a segunda começa a participar do movimento através do Diretório Acadêmico da Comunicação Social. (FLORES, 2017). Destaca-se que essa vinculação com o movimento estudantil também marca o início do ativismo de Cleunice Fialho. (FIALHO, 2017)

Portanto, o espaço inicial do ativismo dessas mulheres desenvolve-se fundamentalmente em espaços essencialmente masculinos, preocupados com as lutas mais gerais do período de redemocratização do país, como a luta contra a ditadura e as Diretas Já. Esses espaços de militância política evocaram durante as entrevistas lembranças sobre como o ativismo feminino era visto pelos homens dentro dos movimentos, partidos e acontecimentos. Sobre essa questão, as respostas apresentaram diferentes percepções.

Maria Rita recorda que durante o seu mandato na CMVSM surgiu “a necessidade de discussão do feminismo” no seu grupo político. Sobre a recepção da discussão, Maria Rita assinala:

O nosso grupo era muito parelho, assim, não tinha muita diferença entre ser homem ou mulher, as discussões eram praticamente únicas. Então, eu, o Memo, o Sérgio e o Beto São Pedro [...] fazia essa discussão e as namoradas, as companheiras deles, também participavam disso tudo.
(BRASIL, 2017)

Outro ponto interessante que pode ser destacado da entrevista dela é repercussão de seu mandato, partindo do fato de ser uma mulher, ou seja, como ela era tratada pelos outros vereadores. Neste sentido, ela comenta:

Olha, era bem razoável, eles tinham respeito, que a gente talvez tinha uma formação a mais, assim, do ponto de vista político [...] até do ponto de vista, digamos, eu era universitária e tal [...] então, eu tinha, a gente tinha bastante respeitabilidade e, também, pelo fato de que não era só eu, era um grupo, não se acusava, não se criticava, não se denunciava alguma coisa sem que se soubesse contra quem se estava [...] então, isso tudo era muito respeitado, apesar de eu ser uma menina, estar sempre de branco, agitada demais. (Idem)

Um primeiro olhar sobre as recordações de Maria Rita indica uma vivência política pouco marcada pelo machismo, ou seja, o fato de ser uma jovem mulher não significou, ao menos ela diz não ter sentido, preconceito sobre sua condição feminina. Isto, parece ter ocorrido tanto no grupo político que ela participava e na CMVSM durante os anos de 1977-1982 na cidade de Santa Maria.

Por outro lado, as memórias de Janes Siqueira sobre os espaços de poder que participou apresentam nuances quando comparadas as de Maria Rita. Janes apresenta a problemática do machismo e da presença de mulheres em espaços públicos de poder em diferentes níveis.

Assim, ela destaca a impressão que tinha de como as mulheres eram vistas pela sociedade santa-mariense na primeira metade dos anos 1980:

Era como se existisse em Santa Maria mulheres do PT, do Germinar, do PMDB e as outras mulheres, que eram as mulheres certinhas, tipo tradicional [...]. Então, havia um estranhamento, de uma coisa, tipo assim, que a gente ia desviar a ideia da jovem, que a gente estava corrompendo a ideia das jovens. (SIQUEIRA, 2017)

Quanto a essa problemática no interior do PT, Janes apresenta a questão da seguinte forma:

Dá para dizer que tinha mais respeito do que preconceito, se bem que eu acho assim, que o machismo aparece nos mínimos detalhes, subliminar, por que tem uma cultura toda, uma civilização toda que é assim, e eles te obrigavam, eles tinham, eles queriam ser diferentes, pelo menos os mais próximos de nós, como o presidente do PT, que é um companheiro de Santa Maria que era professor, [...] o nome dele era Sérgio Lopes. (Idem)

Ainda, ela comenta que quando seus companheiros de partido manifestavam algum tipo de preconceito:

Nós pegávamos muito duro com eles. Se eles faziam alguma coisa, o pessoal das tendências e do PT, se eles mostravam alguma coisa mais séria de machismo, a gente pegava mais duro com eles, inclusive na própria tendência era discutido isso. [...] Em Santa Maria, os colegas, companheiros, eram muito esforçados em ser diferente e respeitar a mulher e tudo mais. (Idem)

Sobre o ativismo feminino, Anna Miragem traz uma visão que vincula o crescimento da participação política de mulheres e a ocupação de espaços

decisórios essencialmente masculinos à uma conjuntura histórica especial. Como ela indica:

Aquela conjuntura ali foi uma conjuntura especial, histórica, de muita mobilização e uma mobilização com democracia. A questão democrática, ela era pauta ainda, por que vivíamos sobre a ditadura militar formalmente [...]. E, portanto, a pauta democrática era muito forte. É muito natural que em qualquer movimento de massas que tenha uma vanguarda tão ampla, como tinha aquele período, e Santa Maria não era exceção, ao contrário, Santa Maria naquele período tinha uma vanguarda bem grande, é muito natural que isso favoreça a participação das mulheres nas lutas, nas entidades. (MIRAGEM, 2017)

Por conseguinte, Anna Miragem acredita que as jovens do movimento estudantil, principalmente, do grupo Resistência, participaram desses espaços de poder essencialmente masculinos, presidindo o DCE, “Jussara Dutra e a Nara”, e ocupando outros cargos da entidade, como a secretaria geral, “Vera Flores e Salete”. Ainda, no âmbito do PT, ela destaca a importância política da professora Janes Siqueira e da militante Neusa Turra na ocupação de espaços decisórios no partido. (Idem)

No entanto, logo em seguida, na entrevista, Anna pondera sobre esse empoderamento de mulheres na primeira metade da década de 1980, relacionando inclusive com os dias atuais:

Teve um conjunto de circunstâncias que favoreceu que houvessem mulheres também na liderança e nos fóruns de discussão e decisão política. Agora, a regra, e uma regra que tu vê até hoje, é que sem dúvida nenhuma em todas essas estruturas prevalece ainda a estrutura machista, sem dúvida nenhuma. A maior parte das organizações tu vê muito mais homens na liderança política do que mulheres. (Idem)

Outro ponto que ela trata diz respeito a presença do machismo nos espaços de poder que participou através de estereótipos que apareciam nas reuniões. Um exemplo que ela chama atenção diz respeito a tonalidade da voz entoada:

Quando os homens fazem uma discussão mais forte isso apenas parece uma característica masculina, quando são as mulheres, aí elas já são denominadas, chamadas de todas aquelas palavrinhas que ao longo da História das mulheres são chamadas quando elas divergem do *status quo*. (Idem)

Em seguida, ela relaciona essa característica ao seu ativismo atual na Corrente Socialista dos Trabalhadores (CST) que atua no interior do Partido

Socialismo e Liberdade (PSOL), evidenciando que essa diferença de tratamento ainda é uma constante. “Até hoje, muitas vezes eu, mesmo sendo coordenadora da corrente, era referida como a companheira do fulano de tal, compreende? ”

Outra questão polêmica em relação ao ativismo feminino que Anna Miragem destacou, entende-se, foi que apesar de uma maior participação das mulheres nos espaços de decisão havia ainda diferenças quanto a distribuição de cargos entre homens e mulheres. Neste sentido, ela recorda da sua primeira fala no ano de 1980 em uma reunião da CS e no ano seguinte em uma reunião do PT estadual em Porto Alegre, quando problematizou em ambos espaços a questão indicada anteriormente:

A primeira vez que eu tomei a palavra em uma reunião interna da Convergência [...] foi em uma reunião para discutir a questão das mulheres. Discuti esse debate e, também, externamente, em uma reunião do PT estadual lá em 1981 para também discutir uma resolução sobre mulheres em um encontro aqui na Assembleia Legislativa, a gente já fazia bastante essa discussão, não havia consenso, claro que havia setores que minimizavam a questão, claro que nós mesmos fizemos uma autocrítica naquela época de que a maior parte dos nossos quadros militantes femininos estava dedicada a trabalho organizativo interno e não trabalho político, seja de representação pública da corrente ou de direção política. [...] Então nós fazíamos muito esse debate, não havia consenso mesmo dentro da Convergência, na época, sobre a política mesmo de cotas, para a representação nas instâncias dirigentes, instâncias intermediárias, não havia esse consenso. (Idem)

Também, essa dificuldade apontada por Anna Miragem evidenciou outro problema relacionado a esse, o de que “não era uma discussão que tomava um espaço importante”. (Idem) Ou seja, o debate sobre a participação de mulheres na política e nos espaços de poder e decisão que ocupavam não estava dado, teve de ser conquistado, reivindicado, nesse caso na CS e no PT.

A percepção de Guiomar Prates sobre o ativismo feminino demonstra, igualmente, a participação das jovens estudantes no movimento estudantil. Em contrapartida, ela rememora determinadas atitudes que eram muito comuns quando essas jovens interviam politicamente através da fala, ouvindo piadas relacionadas ao fato de serem mulheres. Certa vez, ela foi agredida verbalmente pela seguinte frase “se eu fosse você tirava essa mini saia e botava um macacão, só fica falando de classe operária”. (PRATES, 2017)

Sobre esse tipo de atitude, Guiomar Prates relaciona esse tipo de agressão ao fato de muitas vezes aqueles que debatiam com ela ou outras mulheres não

terem argumentos convincentes, daí a apelação com o intuito de desqualificação.

Como ela recorda:

Ou era isso, você é tão feminina, tão bonita, é tão isso, é tão aquilo, não fique brava, tipo assim sabe, quando você fica discutindo alguma coisa a pessoa ao invés de argumentar com você, ela tenta passar a mão na sua cabeça e dizer assim, calma não é assim, como se fosse nossa obrigação ser manso diante daquilo que se está discutindo. (Idem)

Essa lembrança possibilita problematizar que mesmo dentro das correntes estudantis muitos homens esperavam um comportamento padronizado, de uma mulher que não fale alto, não seja espalhafatosa ou até mesmo se vista de uma forma que eles considerem adequada. Sobre a vestimenta, Guiomar Prates rememora outra situação “tu assim tão delicada, bota pelo menos uma correntinha, alguma coisa assim, usa uma maquiagem”. (Idem)

É interessante destacar como Guiomar Prates e outras jovens reagiam a esse tipo de agressão, tipicamente machista, conforme suas lembranças:

A gente ligava muito não, a gente ia para as cabeças, a gente enfrentava, eu pelo menos nunca me senti assim, certamente eu já fui discriminada, mas isso nunca soou para mim como uma coisa assim, aí eu não vou, como algo paralisante, ou que me constrangesse, nunca tive isso, sempre tive assim uma convicção daquilo que estava fazendo e me sentia forte o suficiente para continuar fazendo. (Idem)

De toda forma, quando questionada pela pesquisadora sobre como era a aceitação das mulheres pelos homens nos partidos e movimentos que participou, ela ameniza suas impressões inclusive para as outras organizações, evidenciando o problema como uma questão pontual.

Eu acho que tinha machismo, mas por outro lado era um machismo assim, não era um machismo consciente, eu acho que existia um esforço para deixar de existir, dentro do movimento eu acho que tinha um esforço para deixar de existir [...]. Não me recordo de posições machistas mais significativas. (Idem)

Contudo, Guiomar Prates faz uma ressalva ao responder a pergunta sobre a aceitação feminina nos espaços indicados: “Ou a gente estava acostumada com isso e achava que era normal e também não marcou, é possível, é possível que se a

gente tivesse isso marcado e fosse analisar hoje se percebesse como uma coisa machista”. (Idem)

Tanto Anna Miragem quanto Guiomar Prates evidenciam a presença de machismo incrustado em diferentes formas dentro das organizações políticas que participam. Porém, elas evidenciam uma preocupação, em especial dos seus companheiros, no trato político com as militantes mulheres, o que não impede que em determinados momentos ele se manifeste.

Outra questão importante que Guiomar Prates recorda do período se vincula à afirmação de que a maioria das lideranças femininas eram oriundas do movimento estudantil. (Idem) Isso corrobora para a compreensão de que o movimento estudantil foi na transição da década de 1970 para a década de 1980 um espaço importante de empoderamento de mulheres, em destaque, na UFSM. Isto fica evidente, principalmente quando tomamos em conjunto as entrevistas de Maria Rita, Janes Siqueira, Anna Miragem e Guiomar Prates.

Destaca-se ainda a compreensão acerca do machismo a partir das militantes Vera Flores e Cleunice Fialho do movimento feminista Germinal que, apesar de participarem do movimento estudantil e de um partido clandestino, o Partido da Refundação Comunista, durante certo período, direcionaram suas lembranças pela experiência mais marcante que viveram, a do Germinal.

Vera Flores, por exemplo, comenta que o surgimento do Germinal, de certo modo, foi um “tapa de luva” contra o machismo por que as mulheres do movimento se fizeram ouvir através de uma dinâmica intensa de reuniões, manifestos, entrevistas. Inclusive, tiveram homens que “ajudaram a pensar o movimento feminista”, principalmente, aqueles com proximidade política. No entanto, ela destaca que o Germinal “colocou a coisa mais nos seus lugares, assim, a luta é das mulheres”. (FLORES, 2017)

Em certo momento, a entrevista de Vera Flores indica que o machismo estava presente nos espaços de ativismo político, mas não apresenta uma lembrança significativa que tenha vivenciado, possibilitando o entendimento de que ela e outras militantes do Germinal estavam focadas na construção e lutas do movimento feminista. Militante do Resistência no movimento estudantil e do PRC, ela recorda de uma relação desenvolvida com seus companheiros, marcada pelo apoio e aceitação ao movimento feminista que participava. (Idem)

Ainda, a entrevista de Cleunice Fialho corrobora com a afirmação de Vera Flores no que diz respeito a presença do machismo na sociedade, quando assinala que era justamente a presença dele que mobilizava o seu ativismo no Germinal, assim como, o de outras mulheres. A partir dessa consideração, ela sustenta que não se sentia reprimida, mas que na medida que o Germinal foi enfraquecendo e ela começou a trabalhar na escola, ela teve que lidar com o preconceito devido a sua participação no movimento feminista. (FIALHO, 2017)

Em síntese, destaca-se que os depoimentos das mulheres entrevistadas para o presente trabalho, no que se refere ao ativismo delas em espaços essencialmente masculinos, possibilitou identificar questões importantes relacionadas a partidos e movimentos sociais do período da redemocratização. Foram apresentadas diferentes impressões acerca das relações estabelecidas com os homens nos espaços essencialmente de poder e decisão. Neste sentido, percebe-se que o machismo é percebido por algumas essencialmente nos espaços de decisão política de partidos, outras nos fóruns do movimento estudantil. Contraditoriamente, as mulheres que participaram principalmente do movimento feminista, evidenciaram uma forma de lidar com o mesmo que procurava retirar sua importância, a partir de uma imersão intensa no movimento feminista. De toda forma, pode se afirmar que ora velado, ora manifesto e sob determinadas formas ele se fez presente na sociedade santa-mariense, no movimento estudantil e partidos que essas mulheres interagiram.

Não obstante, ressalta-se que o ativismo feminino das mulheres entrevistadas se mostrou importante nos espaços de ativismo majoritariamente ocupados por homens. Elas participaram de executivas partidárias, direções de grupos do movimento estudantil e de direções do DCE da UFSM, assim como, organizaram correntes políticas e fundaram associações de profissionais, de mulheres e, ainda, movimentos de mulheres. Suas memórias possibilitam que fragmentos sejam conectados para uma História do ativismo feminino em Santa Maria.

DIFERENTES COMPREENSÕES DO FEMINISMO E SEUS DESDOBRAMENTOS

Este subtítulo trata de problematizar a forma como as mulheres entrevistadas visualizam o movimento de mulheres em Santa Maria e interação dentro de seus

limites com o mesmo. Neste sentido, aborda-se o feminismo enquanto “ação política de mulheres”, a partir da definição de Vera Soares que entende que a mesma:

Engloba teoria, prática, ética e toma as mulheres como sujeitos históricos da transformação de sua própria condição social. Propõe que as mulheres partam para transformar a si mesmas e ao mundo. O feminismo se expressa em ações coletivas, individuais e existenciais, na arte, na teoria, na política. (SOARES, 1998, p. 33-34)

A ação política de mulheres, o feminismo, como ferramenta de transformação da condição social feminina, como empoderamento sócio-político, foi investigado a partir da interação das entrevistadas no período da redemocratização do Brasil com o movimento de mulheres ou, ainda, pela intensidade da relação estabelecida com o mesmo, ou ainda, pelas impressões e discussões que essas mulheres inferem ou participam.

Candidata a vereadora indicada pelo setor feminino do MDB, Maria Rita assinala que foi escolhida para representar a questão das mulheres. Essas mulheres, muitas delas cabos eleitorais inclusive de outros candidatos, esperavam que ela proferisse na CMVSM “um discurso feminista”, “mas aquele bem simples”, indica a ex-vereadora. Por exemplo, um discurso que colocasse em evidência que “é a mulher quem sofre mais”, quem vivencia uma “segunda jornada de trabalho” ao chegar em casa. Inclusive, sustenta Maria Rita que, durante o seu mandato, a abertura do jornal *A Razão* e das rádios da cidade para as pautas das mulheres eram pontuais, mas proporcionaram que fossem abordadas questões importantes, como a “dupla jornada de trabalho”, o “aborto” e o “divórcio”, ou seja, questões em evidência no período. Ainda, durante o seu mandato, Maria Rita participaria pontualmente dos primeiros passos do movimento feminista Germinal. (BRASIL, 2017)

Por outro lado, a professora Janes Siqueira recorda que foi no período final da ditadura que apareceram os primeiros movimentos feministas na cidade de Santa Maria e recorda igualmente do Germinal. Ela indica que chegou a participar de palestras e encontros do Germinal, mas que não se considerava membro do mesmo. Contudo, ela abre uma outra perspectiva a respeito desses movimentos de mulheres que surgiam no período, assinalando que para as militantes do PT, o movimento feminista deveria se desenvolver junto de homens e não se conformar como um grupo exclusivo de mulheres. As mulheres deveriam estar lutando junto

com os homens nas ruas, pois isso facilitaria que fossem respeitadas pelo seu ativismo. (SIQUEIRA, 2017)

Ainda, Janes Siqueira lembra que as militantes do Germinal “eram muito combativas” realizando palestras variadas com pessoas que enfrentaram a ditadura civil-militar abertamente, como Clarice Herzog, “a mulher do Vladimir Herzog”, preso, torturado e assassinado pelos militares. Isso não impediu, contudo, que ela qualificasse o Germinal como uma espécie de “clube do bolinha” e apontasse certos limites que as mulheres do PT, do PMDB e do Germinal encontraram para se entrosarem com as mulheres mais “tradicionais”. Ela evidencia, neste sentido, a distância que separa as ativistas feministas de outras mulheres do período, de como essa distância dificultava a aproximação que acontecia dentro de certos limites e após muito trabalho. (Idem.)

Uma recordação do período que Janes Siqueira destaca diz respeito a existência de “um bar grande, perto da Casa Eny”, no atual calçadão da cidade de Santa Maria, um lugar que entravam apenas homens e que não possuía banheiro feminino. Ela rememora que certo dia ela e outras mulheres resolveram começar a frequentar esse bar:

Nós fomos e aí, às vezes, os colegas militantes acompanhavam nós e tudo mais. Mas nós nunca fomos ofendidas por esses homens, pelo contrário, uma vez a gente foi ofendida por um cara da rua e um homem desses nos defendeu, entende? Então nunca me senti ofendida assim. (Idem)

Apesar de não serem ofendidas, ela destaca uma sensação que sentia quando estava no bar, um tratamento diferenciado, uma sensação de que os homens que frequentavam o ambiente não as consideravam “mulheres comuns para casar”. Portanto, ainda que Janes não diga na entrevista palavras que indiquem a ocorrência de um preconceito velado, a sua sensação indica a ocorrência do mesmo. (Idem)

Outra crítica que Janes Siqueira evidencia sobre o movimento feminista Germinal trata da problemática de colocar em igualdade mulheres ricas e mulheres pobres, como se elas fossem iguais. Para ela:

Na defesa de direitos e contra a injustiça podemos ser iguais, mas se uma mulher muito pobre fosse fazer o aborto naquela época, ela perigava morrer, enquanto que a muito rica podia ir para os Estados Unidos ou em um país da Europa e fazer ou ter um atendimento médico melhor. (Idem)

Essa posição repercute diretamente na formação do PT em Santa Maria. Janes Siqueira comenta que a discussão que se desenvolve no mesmo aponta para a existência do movimento feminista junto com o partido. Ainda, ela comenta que havia um respeito recíproco entre as feministas do PT e o movimento feminista autônomo, mas para as mulheres do partido, a sua militância deveria se desenvolver em conjunto com os homens. Esta concepção certamente influenciou sua trajetória como ativista, participando de forma “muito restrita” em “grupos feministas”, ou seja, pontualmente. (Idem)

Ainda, sobre essa questão de como as mulheres deveriam exercer seu ativismo feminino, Anna Miragem apresenta um debate que muitas mulheres do movimento estudantil tomavam parte:

Havia esse debate que ora somos um movimento feminista como um clube da Luluzinha que se discute, se reúne para discutir questões, essencialmente, só questões ... femininas, no sentido de feminina no nosso posicionamento enquanto mulheres e tal ou vamos incluir nesse debate o tema da luta de classes e sobre qual perspectiva nós achamos que vai se dar a participação da mulher e sob o nosso ponto de vista. (MIRAGEM, 2017)

Essa questão sobre o movimento feminista ser qualificado como “um clube da Luluzinha”, não obstante, trouxe intensos debates e esteve muito presente em Santa Maria. Anna Miragem recorda que por volta de 1982 o DCE da UFSM trouxe à cidade de Santa Maria a socióloga Heleieth Saffioti, “conhecida por seus estudos sobre gênero” e professora da Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo (SP). Ela sustenta que o debate com a socióloga envolveu diversos grupos do movimento estudantil. No entanto, o mesmo teve a presença “praticamente” de mulheres, cerca de 120 mulheres, coordenado pela militante do movimento estudantil Regina Pozzobom. (Idem)

A seguir, uma posição muito próxima daquela de Janes Siqueira é colocada por Anna, quando conclui:

O meu na época era que só poderia vir junto ... com a emancipação da classe trabalhadora, não como uma consequência direta, por que tu sabes que nós vamos ter um trabalho, eu penso pelo menos, um trabalho muito forte ainda, mesmo que um dia consigamos romper a exploração capitalista, o trabalho cultural sobre as relações humanas ainda vai durar muito tempo. (Idem)

Naquela época, quando já estava em Santa Maria, Anna vivenciou uma polêmica envolvendo duas mulheres trotskistas sobre a questão de “como ia se dar a emancipação das mulheres”. Ela recorda que a polêmica trouxe reflexos no movimento estudantil de Porto Alegre que tinha uma presença importante de correntes “trotskizantes”, chegando inclusive em Santa Maria. De acordo com Anna Miragem, a polêmica envolveu duas dirigentes políticas de organizações trotskistas, argentina Mercedes Petit e a norte-americana Mary-Alice Waters. (Idem) Neste sentido, a militante da CS, próxima politicamente da trotskista argentina, apresenta um exemplo hipotético da discussão com o juízo, respectivamente de Mari-Alice Waters e Mercedes Petit:

Se o movimento que a gente tinha que criar era um movimento [...] de vários vagões de todos os movimentos de opressão e que esses, e todos esses movimentos de opressão, dariam a sua dinâmica, cada um com sua dinâmica própria, dariam, desaguariam em um processo de mudança social radical, de ruptura com o sistema capitalista ou se o grande eixo, o grande carro chefe seria o da luta de classes operária, puxando consigo as diversas lutas dos setores oprimidos. (Idem)

Apesar da proximidade da abordagem de Mercedes Petit, Anna Miragem procura matizar ao final da entrevista o seu entendimento.

Nós militantes, feministas de esquerda, muitas vezes achamos que a nossa luta feminista ela é apenas no partido ... do partido para impor, para conquistar nossos espaços também de dirigentes, não só de organizadoras de tarefas internas ou de defender só as bandeiras do aborto, do direito a liberdade de contracepção e tudo mais. (Idem)

Neste sentido, ela reconhece:

A verdadeira solidariedade entre as mulheres para fugir da cultura que nos é imposta, inclusive dentro das organizações que tu muitas vezes faz uma disputa fratricida com a tua companheira e, nesse sentido, [...] apesar dos embate duríssimos políticos que se tinha, eu tenho amigas pessoais, tu vê que isso são trinta e poucos anos, que nós nos respeitamos, temos o maior carinho, tanto [...] das outras correntes, como eu tive amizade com as minhas companheiras de militância dentro da minha organização, que nos momentos mais difíceis, nós sabíamos das nossas dificuldades de fazer respeitar a nossa posição, como é o caso da Janes, da Cristiane. (Idem)

Segundo Anna Miragem, essa solidariedade entre mulheres aparecia como parte importante da luta feminista. Assim ela rememora a influência que a militante

argentina Nora Scipione teve sobre ela, apontando uma importante fala em prol da solidariedade das mulheres “intramuros” das suas próprias organizações”. (Idem)

Também, destaca-se que Anna Miragem aponta limites do PT para a discussão de questões como o aborto e liberdade sexual, pois, em geral, essas discussões ficavam, entende, restritas às correntes internas do partido com estrutura própria. Por conseguinte, ela aponta que tais dificuldades estavam relacionadas à influência da Igreja e a capitulação de dirigentes políticos do partido que ela influenciava. (Idem)

Outra característica importante do ativismo feminino em Santa Maria, no entendimento da outra líder estudantil Guiomar Prates, é a presença majoritária de jovens estudantes, de mulheres que tinham acesso à universidade e que participavam principalmente do movimento estudantil. Portanto, as lideranças feministas na cidade estavam ou eram oriundas desse movimento. (PRATES, 2017)

Em suas lembranças sobre o período que participou do movimento estudantil, Guiomar Prates aborda uma discussão, de certa forma, evidenciada anteriormente por Janes Siqueira e Anna Miragem, sobre o que ela chama de “questão da mulher”. Sobre a questão, ela recupera a polêmica se havia a possibilidade de “libertação das mulheres sem a libertação dos trabalhadores”, que abordava indiretamente a discussão entre capitalismo e socialismo e sustenta que o tempo em que esteve no movimento estudantil, de 1982 a 1988, “foi um período muito rico na discussão teórica sobre o feminismo, qual linha feminista era a mais correta, qual não era”. (Idem)

Ainda, Guiomar Prates aponta alguns debates que ocorriam na época envolvendo o “direito ao aborto” e o “direito do corpo da mulher”, aliás, ela participou certa vez de um debate sobre o tema no Curso da Administração, localizado na Antiga Reitoria. No entanto, ressalta-se que essas discussões e polêmicas sobre “a questão da mulher” não eram centrais no movimento estudantil. Este priorizava especialmente as questões mais específicas, vinculadas à universidade. (Idem) Como ela assinala:

A redemocratização da universidade, a gente defendia eleição direta para reitor, a gente defendia um maior crédito para assistência estudantil, defendia o Restaurante Universitário, quando tinha assim tentativas de fechar ou aumentar o valor do vale refeição, [...], contra o aumento do transporte coletivo. (Idem)

Ressalta-se que apesar de Guiomar Prates participar ativamente do grupo Viração no movimento estudantil, ela tornou-se a primeira presidente, como assinalado no capítulo anterior, da União Brasileira de Mulheres (UBM) em Santa Maria, essa que adota uma perspectiva da luta feminista emancipacionista. Não obstante, ela recorda que no Dia Internacional das Mulheres, 08 de março, ela esteve representando a UBM em um debate promovido pela TV Imembuí. (Idem)

Nesse momento, a ditadura havia dado lugar à Assembleia Constituinte e à eleição indireta que elegeu Tancredo Neves presidente e José Sarney vice, sendo que, o último acabou assumindo.

Militante do movimento estudantil e, em seguida, também do movimento feminista Germinal, Vera Flores relata uma experiência, uma percepção distinta daquela apresentada por Maria Rita Assis Brasil, Janes Siqueira, Anna Miragem e Guiomar Prates. Fortemente influenciada por uma experiência de importante impacto para o ativismo feminino na cidade, ela participa da construção do Germinal, talvez o mais expressivo movimento de mulheres de Santa Maria no início da década de 1980. Vera Flores compreende que o Germinal apresentava características que tornava ele único na cidade, principalmente pelo fato de que o mesmo não se caracterizava, acreditava, pelo “aparelhismo” de partidos. (FLORES, 2017)

Neste sentido, uma polêmica que envolve suas militantes trata de uma tentativa do PMDB formar no Estado uma “Federação de Mulheres”, na ocasião do I Congresso da Mulher Gaúcha, realizado na cidade de Porto Alegre, no mês de agosto de 1981, na Assembleia Legislativa. Na ocasião, ela recorda que a então vereadora do PMDB Maria Rita Assis Brasil foi uma das proponentes dessa federação. Contudo, não havia acordo sobre a questão no Congresso e as militantes do Germinal, também, não concordavam com a proposição, pois, de acordo com Vera Flores, o seu grupo almejava discutir “prioritariamente a questão das mulheres”, dito de outra forma, “discutir a questão das mulheres com o foco na questão política”. Naquele momento, Maria Rita taxou as ativistas femininas contrárias a federação de “grã-finas”. (Idem)

Embora Vera Flores não aborde em sua entrevista a questão do movimento feminista e a discussão sobre o seu caráter emancipacionista, indica-se que fica evidente a diferença quanto ao caráter da construção do movimento Germinal. Enquanto as outras entrevistadas colocam a necessidade do ativismo feminino nos

partidos da época, as militantes do Germinal apostam na construção política a partir do seu grupo e da questão das mulheres.

A própria intervenção realizada pelo Germinal na sociedade em Santa Maria era muito dinâmica, marcada por diversas atividades que alcançavam um público considerável. Como ela indica:

Nós inventávamos um teatro de poesia no Bombril lotado, lotado para nos assistir entendeu, eu declamava poesia, a Marcia Soares declamava poesia, a Rita declamava [...], a gente tinha uma projeção [...], a gente tinha não só ideias, a gente reunia, discutia, fazia manifesto, largava na rua, dava entrevista. (Idem)

Neste sentido, a professora de História Cleunice Fialho, ativista fundamental do grupo Germinal, evidencia que o ponto forte do grupo estava na preparação do Dia Internacional da Mulher, no 08 de março, indicando uma série de lutas e reivindicações que elas se incorporavam nas suas intervenções:

A gente mesclava assim uma atividade cultural com a atividade de debate e buscava se inserir na sociedade dentro das coisas que estavam acontecendo, assim, na época era lutar por creche, lutar por delegacia da mulher, essas coisas. (FIALHO, 2017)

Ainda, a formação das mulheres do Germinal era realizada através de muitas leituras de livros obtidos na Cesma além de debates e palestrantes trazidos para Santa Maria. (FLORES, 2017) Corroborando com as indicações de Vera Flores, Cleunice Fialho especifica a dinâmica que envolveu o Germinal:

A gente reunia semanalmente, a gente estudava bastante, debatia, a gente tinha uma biblioteca que ia passando por todas nós, [...] a gente ia comprando os livros e ia trocando e estudávamos, estudávamos mesmo, de ler e debater. (FIALHO, 2017)

Vera Flores afirma que cada posicionamento do grupo minuciosamente estudado, como por exemplo a questão do aborto:

A gente tinha posição sobre o aborto que a gente estudou para chegar naquela posição, entende, a gente fez um estudo, era tudo estudado, tudo era muito estudado para chegar naquela opinião. Mas a gente tinha foco nessas coisas de mulheres, entendeu, contra a violência e ligada a política, mas foco nas mulheres. (FLORES, 2017)

Apesar de estudarem bastante, Cleunice Fialho, defende, retrospectivamente, que elas não estavam imunes a erros, fazendo referência ao posicionamento do grupo sobre o aborto.

Naquela época, até eu acho que tinha umas inflexões nossas erradas, a gente defendia, por exemplo, o aborto como um direito, na verdade não é isso [...], tu tens o direito de decidir. O grande direito é a contracepção, o controle sobre o teu corpo, enfim, a contracepção livre. (FIALHO, 2017)

É preciso ressaltar que a presença do Germinal na cidade de Santa Maria obteve paulatinamente durante sua trajetória um reconhecimento na sociedade. Isto de certa forma tinha a ver com a visibilidade que o grupo alcançou na cidade a partir de sua atuação. Ainda sobre o ativismo feminino do grupo, chama a atenção uma memória de Cleunice Fialho:

De tempo em tempo na cidade tinha alguns surtos [...] de estupro [...] e a gente atuava bastante nisso, da gente receber mulheres que tinham passado por uma experiência desse tipo e a gente dava visibilidade para isso, fazíamos campanha. Teve uma época assim, um estuprador, que estuprou várias mulheres na cidade [...] era Buchada o apelido, e era uma coisa muito doída por que as mulheres que tinham sido estupradas por ele viam ele andando no calçadão e a polícia não prendia, então a gente teve que fazer toda uma campanha muito grande envolvendo os meios de comunicação e denunciando que a pessoas ... o cara estava solto, que as mulheres enxergavam ele e ele não era preso. Aí ele foi preso, só que queimaram o arquivo, prenderam ele e mataram. (Idem)

Sobre o episódio, ela indica que este tipo de intervenção acabou por credenciar o grupo, “principalmente essa luta contra a violência sobre a mulher”. (Idem) Isso, de certa forma, ajudou a mudar como o Germinal era visto pela sociedade. Conforme Cleunice Fialho:

As pessoas no início achavam assim, o que são essas loucas? O que elas querem? Mas depois as pessoas nos respeitavam assim, a ponto de qualquer debate importante na cidade chamavam o Germinal, assim, Constituinte, chamavam o Germinal para debater. (Idem)

As memórias de Cleunice e Vera sugerem uma intensa atividade política do grupo durante o período que existiu. Neste sentido, Cleunice representou o Germinal em um debate sobre a Constituinte organizado pela Faculdade Imaculada Conceição (FIC) e depois sobre o aborto. (Idem)

Outro elemento característico do ativismo do Germinal era uma presença constante nas rádios e na televisão da cidade, a partir da concessão de entrevistas e posicionamentos. (FLORES, 2017) Do mesmo modo, isso fica evidente nas memórias de Cleunice Fialho, quando ela rememora o espaço que o Germinal obtinha no programa *Jornal do Almoço* e a facilidade que ele tinha no contato com outros meios de comunicação da cidade:

Na época existia tipo no jornal do Almoço, tinha um programa de entrevistas que tinha aqui na cidade [...], era uma outra dinâmica de programa, entende, então no jornal do Almoço eles sempre convidavam alguém, tipo assim, um sofazinho, o convidado sabe e entrevistavam. Nós íamos muitas e muitas vezes ocupar esse espaço, sempre na véspera de 08 de março, a gente era chamada e quando tinha uma outra coisa assim mais conjuntural [...], e a gente conhecia jornalistas em todos os meios de comunicação e naquela época o controle sobre os meios de comunicação era bem menor, a liberdade que o jornalista tinha, assim, de levar a pauta era outra, não era aquela coisa fechada, o editorial, a linha do jornal, fortemente como hoje. (FIALHO, 2017)

Destaca-se que de acordo com Vera Flores, o Germinal foi um grupo “essencialmente feminino”, porém os homens não eram impedidos de colaborar e debater. Para ela, apesar de não lembrar quem formulou o *slogan* do grupo, o mesmo teria sido formulado por um homem com as seguintes palavras “Queremos pão e rosas”. (Idem)

Por fim, percebe-se que o ativismo feminino em Santa Maria esteve em evidência na cidade de Santa Maria durante o período de redemocratização do Brasil, com destaque para a intervenção, sobretudo política, de mulheres no movimento estudantil, nos partidos e no movimento de mulheres. Se esse ativismo, no que se refere à presença de mulheres não é uma novidade, parece inegável a tendência de que essas mulheres tomaram parte dos debates que envolveram a sociedade brasileira e sobretudo santa-mariense incluindo, também, suas lutas e anseios.

CONCLUSÃO

Esta dissertação procurou dar visibilidade a História do ativismo feminino e das mulheres na política santa-mariense durante os anos 1980. As memórias de Anna Maia Miragem, Cleunice Dornelles Fialho, Guiomar Prates, Janes Teresinha Fraga Siqueira, Maria Rita Assis Brasil e Vera Flores tornaram possível localizar traços importantes desse ativismo na cidade e, ainda, enriquecer a História construída por homens e mulheres de oposição à Ditadura Civil-Militar dentro de uma perspectiva que buscou valorizar às suas repercussões na cidade. Neste sentido, mostrou-se possível identificar indivíduos que contribuíram de organizando debates, fundando partidos, movimentos que contribuíram para a redemocratização do país em Sana Maria,

As memórias dessas mulheres revelaram facetas da política da cidade que indicam uma participação significativa de mulheres, talvez relativo quantitativamente, porém relevante qualitativamente. Pode-se afirmar que, no âmbito dos partidos de esquerda e, mesmo no MDB, logo PMDB, fossem eles clandestinos e, sobretudo, no movimento estudantil, de 1976 a 1988, as mulheres ocuparam lugares de destaque e espaços de poder e decisão. Se essa afirmação não sugere paridade, ela enseja uma permanência da atividade política feminina e recorrência na ocupação de espaços de poder e decisão no movimento estudantil. Contudo, na CMVSM isso não se verifica, apesar de ser relevante a intervenção de Maria Rita Assis Brasil para a política do período. Por outro lado, a visibilidade das mulheres na política partidária e no movimento de mulheres existe, elas aparecem como candidatas e participam de espaços de decisão e também ou pautam na sociedade de diferentes formas suas lutas conseguindo repercussão.

No movimento estudantil pode-se perceber uma variedade de movimentos, vinculados a partidos clandestinos ou legais, inclusive, a provável existência de grupos feministas no seu interior, além do Germinal. Ainda, foram visualizadas algumas das reivindicações do movimento estudantil e algumas das atividades do grupo Germinal na cidade, além de como eles organizavam suas rotinas de estudo políticos. Isso tudo servirá para que novas pesquisas possam aprofundar vários aspectos que essa dissertação aborda.

Também, esse trabalho possibilitou visualizar como as mulheres entrevistadas participaram dos espaços de poder e decisão conquistando espaços importantes para a época, quais embates elas travaram no movimento estudantil, no grupo Germinal e na política da cidade. Neste sentido, suas memórias apontam para embates sobre questões fundamentais que vão desde problemas sociais a questões específicas de gênero.

Outra questão fundamental, diz respeito aos debates interiores que as mulheres realizaram em diferentes espaços políticos sobre o ativismo feminino e, conseqüentemente sobre a concepção de feminismo, através da questão de como poderia se alcançar a emancipação da mulher. Para finalizar, este trabalho espera ter contribuído para evidenciar as tendências da política geral da luta contra a Ditadura Civil-Militar e do debate nacional sobre o feminismo que estiveram presentes em Santa Maria, assim como, suas especificidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bibliografia

BAUER, Caroline Silveira. O Departamento de Ordem Política e Social do Rio Grande do Sul (DOPS/RS): Terrorismo de Estado e ação de polícia política durante a ditadura civil-militar brasileira. In. **Revista Ágora**, Vitória, n. 5, 2007, p. 1-31.

CARNEIRO, Maria Elizabeth Ribeiro. Feminismo – Feminismos. In. COLLING, Ana Maria & TEDESCHI, Losandro Antônio. (Orgs.). **Dicionário Crítico de Gênero**. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2015.

COLLING, Ana Maria. As mulheres e a Ditadura Militar no Brasil. **VII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais**. Coimbra, PT: 2004, p. 01-11. Disponível em: http://www.ces.uc.pt/lab2004/pdfs/Ana_Maria_Colling.pdf. Acesso: 11 jun. 2017.

COSTA, Ana Alice. O Movimento Feminista no Brasil: Dinâmicas de uma intervenção Política. In. **Gênero**, v. 5, n. 2, Niterói, 2005, p. 9-35.

DELGADO, Maria Berenice Godinho. Mulheres na CUT: Um novo olhar sobre o sindicalismo. In. BORBA, Ângela; FARIA, Nalu; GODINHO, Tatau (Orgs.). **Mulher e política: gênero e feminismo no Partido dos Trabalhadores**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1998, p. 209-224.

FERREIRA, Muniz; SOUZA, Sandra da Silva. Especial Loreta Valadares. In. **Revista Dialética**, n. 3, jun. 2012, p.06-22.

GODINHO, Tatau. O PT e o feminismo. In. BORBA, Ângela; FARIA, Nalu; GODINHO, Tatau (Orgs.). **Mulher e política: gênero e feminismo no Partido dos Trabalhadores**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1998, p. 15-32.

JUNIOR, Arno Dal Ri. O Conceito de Segurança Nacional na Doutrina Jurídica Brasileira: Usos e Representações do Estado Novo à Ditadura Militar Brasileira. In **Revista de Direitos Fundamentais e Democracia**, v. 14, n. 14, Curitiba, 2013, p. 525-543.

KAREPOVS, Dainis; LEAL, Murilo. Os Trotskismos no Brasil:1966-2000. In. RIDENTI, Marcelo; REIS, Daniel Aarão (Orgs.) **História do Marxismo no Brasil**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2017, p.153-237.

LISBOA, Roberto Borges. A Formação da Convergência Socialista Durante a Ditadura Civil-Militar no Brasil (1970-1980). 2011. 97 f. **Monografia (Graduação em História)**. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2011.

LOBO, Elisabeth Souza. O Gênero da Representação: Movimento de Mulheres e representação política no Brasil (1980-1990). Disponível em: www.anpocs.org.br. Acesso em: 13 mai. 2017.

MANINI, Daniela. A crítica feminista à modernidade e o projeto feminista no Brasil dos anos 70 e 80. **Cadernos AEL**, n. 3/4, 1995/1996, p. 45-67.

MORAES, Maria Lygia Quartim. O Encontro Marxismo-Feminismo no Brasil.In. RIDENTI, Marcelo; REIS, Daniel Aarão (Orgs.) **História do Marxismo no Brasil**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2017, p.341-373.

PERES, Lícia. Movimento Feminino pela Anistia no Rio Grande do Sul. In. PADRÓS, Enrique Serra; BARBOSA, Vânia M; LOPEZ, Vanessa Albertinence; FERNANDES, Ananda Simões. (Orgs.). **Ditadura de Segurança Nacional no Rio Grande do Sul (1964-1985)**. O Fim da ditadura e o processo de redemocratização. Porto Alegre, RS: CORAG, 2009, p. 101-140.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da História: Operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1988.

PINTO, C. R. J. Mulher e política no Brasil: Os impasses do feminismo, enquanto movimento social, face às regras do jogo da democracia representativa. In. **Estudos Feministas**, n. e, 1994, p.256-270.

RAMMINGER, Ignez Maria Serpa. Na guerra com batom. In. PADRÓS, Enrique Serra; BARBOSA, Vânia M; LOPEZ, Vanessa Albertinence; FERNANDES, Ananda Simões. (Orgs.). **Ditadura de Segurança Nacional no Rio Grande do Sul (1964-1985)**. Repressão e resistência nos “Anos de Chumbo”. Porto Alegre, RS: CORAG, 2009, p.135-158.

RIBEIRO, Denise Felipe. **A Anistia Brasileira: Antecedentes, limites e desdobramentos da ditadura civil-militar à democracia**. 130 p. 2012. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.

RIGO, Rosângela. As mulheres em perspectiva no PT. In. JORGE, Flávio; PAPA, Fernanda (Orgs.). **O feminismo é uma prática: reflexões com mulheres jovens do PT**. São Paulo: Fundação Friedrich Ebert, 2008, p. 45-50.

SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes. Mito e realidade**. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SANTOS, João Marcelo Pereira dos. Identidade e diferença: A trajetória das mulheres no Partido dos Trabalhadores. In. **Perseu**, São Paulo, n. 04, 2009, p. 65-85.

SIQUEIRA, Camilla Karla Barbosa. As Três Ondas do Movimento Feminista e suas Repercussões no Direito Brasileiro. In. **Poder, Cidadania e Desenvolvimento do Estado Democrático de Direito**. Florianópolis: CONPEDI, 2015, p.328-353.

SOARES, Vera. Muitas Faces do Feminismo no Brasil. In. BORBA, Ângela; FARIA, Nalu; GODINHO, Tatau (Orgs.). **Mulher e política: gênero e feminismo no Partido dos Trabalhadores**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1998, p. 33-54.

SOUZA, Marcius Fabiani Barbosa de. A Participação das Mulheres na Elaboração da Constituição de 1988. In. **Princípios e Direitos Fundamentais**. Senado Federal, 2016, p. 1-13.

TABAK, Fanny. A mulher brasileira no Congresso Nacional. Brasília: **Câmara dos Deputados**, coordenação de publicações, 1989.

TILLY, Louise. Gênero, História das Mulheres e História Social. In. **Cadernos Pagu**. n. 3, 1994, p. 29-62.

VIEIRA, Sonia Bressan. Nuances de História do início do Movimento de Mulheres: Rio Grande do Sul – 1910/1990. In. **ANPUH – XXII Simpósio Nacional de História**, João Pessoa, 2003, p. 01-07.

VISENTINI, Paulo Fagundes; PEREIRA, Analúcia Danilevicz; MARTINS, José Miguel; RIBEIRO, Luiz Dario; GROHMANN, Luiz Gustavo. **Revoluções e regimes**

marxistas: rupturas, experiências e impacto internacional. Porto Alegre: Leitura XXI, Nerint, UFRGS, 2013.

YOUNG, Iris. Communication and the Orther: Beyond Deliberative Democracy. In. **Seyla Benhabib**, Princeton, Princeton University Press, 1996.

Entrevistas

BRASIL, Maria Rita Assis: depoimento [mai.2017]. Entrevistadora: Aline Silveira Flores. Santa Maria-Porto Alegre: Via Skype, 2017. Entrevista concedida para a pesquisa de Mestrado.

FIALHO, Cleunice: depoimento [jul.2017]. Entrevistadora: Aline Silveira Flores. Santa Maria: Escola Maria Rocha, 2017. Entrevista concedida para a pesquisa de Mestrado.

FLORES, Vera: depoimento [jul.2017]. Entrevistadora: Aline Silveira Flores. Santa Maria: Babette Café e Bistrô, 2017. Entrevista concedida para a pesquisa de Mestrado.

MIRAGEM, Anna Maia: depoimento [mai.2017]. Entrevistadora: Aline Silveira Flores. Santa Maria-Porto Alegre: Via Skype, 2017. Entrevista concedida para a pesquisa de Mestrado.

PRATES, Guiomar: depoimento [jun.2017]. Entrevistadora: Aline Silveira Flores. Santa Maria-Porto Alegre: Via Skype, 2017. Entrevista concedida para a pesquisa de Mestrado.

SIQUEIRA, Janes Teresinha Fraga: depoimento [jul.2017]. Entrevistadora: Aline Silveira Flores. Santa Maria-Porto Alegre: Via Skype, 2017. Entrevista concedida para a pesquisa de Mestrado.

Internet

https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/p/prestes_luiz_carlos.htm.

Acesso em: 03 jul. 2017.

<http://memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-resistencia/leonel-brizola/> Acesso em: 21 nov. 2016.

APÊNDICE

Transcrição 01 - Entrevista Anna Maia Miragem

Aline Flores:

Queria que você começasse me falando como foi a tua participação, a tua iniciação na política aqui em Santa Maria?

Anna Miragem:

Sim. Eu estive em Santa Maria estudando de 1981 até 1984. Antes disso eu já estava fazendo o curso de História aqui na UFRGS, onde eu já participava do movimento estudantil e recém tinha ingressado numa das correntes políticas fundadoras do Partido dos Trabalhadores, que foi a Convergência Socialista, e, então em 1981, eu transferi o meu curso, para Santa Maria, de História. Santa Maria na verdade até é a cidade da minha família paterna, mas eu lá já não tinha mais parentes diretos. Eu fui exatamente pra poder participar do movimento todo de redemocratização que estava muito frutífero e tinha na construção do PT um momento importante e diversas organizações políticas, elas naquele momento movimentavam os seus quadros políticos para poderá ampliar essas organizações, construir os movimentos e dentro disso eu, que era uma militante iniciante dentro da Convergência Socialista em 1981, tinha ingressado em 1980 na Convergência atuando no movimento estudantil, mas de acordo com um jargão que existia na época, eu não sei se hoje em dia acho que talvez tenha alguma coisa semelhante, vinha em uma transição do quadro médio com maiores responsabilidades. Então fui para Santa Maria para ampliar esse trabalho político dentro da construção do PT e fortalecendo um polo que tinha uma política bem clara de disputa dos caminhos do PT e de uma visão por onde devia passar esse processo político brasileiro de redemocratização, com que tipo de partido e que com a necessidade de organizar tanto o movimento estudantil quanto o movimento sindical, que depois até tudo isso deu origem a fundação da CUT, que foi importantíssima. Então eu fui para lá em 1981, para o curso de História da UFRGS, militando dentro da Convergência Socialista, uma corrente do PT. O PT era um partido iniciante em Santa Maria, me lembro dos quadros, os primeiros que eu conheci como o Sergio Lopes, que depois

faleceu, um professor do Estado que foi um dos fundadores do PT em Santa Maria, que inclusive depois, até, foi um dos candidatos que o PT teve pela primeira vez aí na cidade e também da professora Janes Terezinha Fraga Siqueira que era professora municipal, depois estadual, que também foi fundadora do PT junto com outras pessoas como o Marcos Genro, que faleceu também depois. Era um núcleo ainda muito inicial, basicamente de profissionais professores e uns setores mais de classe média, como a Neusa Turra que era estudante. Eram setores mais de classe média com um pequeno trabalho do movimento popular de bairro, mas muito pequeno. Na época, o PT em Santa Maria, ele era ainda muito diminuto, nós em Santa Maria éramos um polo estudantil muito importante no Rio Grande do Sul, talvez o terceiro ou quarto, e tinha a Resistência que era uma corrente muito grande, com quadros muito bem informados e que dirigia o movimento estudantil na cidade e tinha um vereador que era o Adelmo Genro, tinham referências públicas muito importantes, de peso, como o Marcos Rolim, e tinham o Aldo Fornasieri que não estava mais lá na época, o Tizigue que também faleceu mais recentemente que era de Pelotas, mas que era referência de quadro estudantil e também do Tarso Genro em Porto Alegre, já o Tarso Genro naquele período já vinha, como trabalhava junto ao sindicato dos bancários de Porto Alegre, onde o PT teve uma influência todo mundo sabe muito importante, o Tarso já tinha se deslocado em direção ao PT, mais o resto da corrente em Santa Maria continuava ainda no PMDB. Então, nós praticamente, eu tive a oportunidade então de participar dos primórdios do PT mesmo da cidade e de ajudar a dar os passos iniciais e trabalhando estruturalmente dentro do movimento estudantil que tinha todo aquele papel de importância que deve já estar bem caracterizado no teu trabalho e acho que não precisa a gente falar muito sobre a importância do movimento estudantil naquela época.

AF:

Sim! Tu me falaste então alguns nomes de mulheres que participaram contigo nesse momento, algum perfil assim que tu possas traçar dessas mulheres, era um perfil único? Como tu mesma já disse, que eram mulheres em sua maioria de classe média, professoras, esse perfil vai ser único ou vai ter uma mistura maior?

AM:

Bom, eu estava dando uma introdução, assim, que tua pergunta era relativa a como eu iniciei a minha militância lá em Santa Maria e eu falei um pouco mais no âmbito político no qual eu participava, que era o âmbito do PT, mas nós temos que, que daí a referência principal que eu tenho foi a professora Janes e eu tive uma companheira de militância muito jovem que também participou ativamente já desde os quinze anos, ela já vinha militando dentro do PT, que foi a Cristiane Freire, que hoje é professora de Direito Criminal. Bom, mas uma outra referência política combativa muito importante era a professora Alda [Olivier] que depois foi do PSTU, eu não me lembro o outro sobrenome dela, em Santa Maria era uma referência combativa muito importante. Mas como Santa Maria tinha um movimento estudantil muito forte, um DCE muito combativo, ainda que nós tivéssemos uma visão política diferente daquele grupo que dirigia o DCE na época, que era o Resistência, era um grupo muito combativo e nesse grupo havia muitas mulheres de destaque tanto que o DCE da Universidade Federal em Santa Maria, naquele período ali, por mais de três vezes, se eu não engano, foi presidido por mulheres entre elas a Jussara Dutra, a Nara e teve como secretárias geral, duas secretarias gerais a Vera Flores e a Salete que eram quadros muito importantes. Quando começou o, ainda então respondendo mais a tua pergunta, ainda muito restrito a setores de classe média sim, com uma exceção que foi na eleição para a prefeitura que nós tivemos na chapa, na cabeça de chapa na eleição de 82, eu creio que o PT participou aí em Santa Maria, na cabeça de chapa tivemos uma militante popular que mais que não tinha um peso de dirigente do partido compreende, a direção do PT aí ainda era o Sergio na época Lopes e nós da Convergência, sendo que na Convergência eu era a coordenadora na época do nosso grupo que era muito pequeno inicialmente participava, mas a direção basicamente o Sergio Lopes, depois vinha um pouco o Marcos Genro, a Janes, a Neusa Turra e nós iniciando, nós porque nós tínhamos outro militante que foi comigo de Porto Alegre na época o Ricardo que estudava engenharia e nós começamos a participar com mais atividade, com mais força e atividade, mas essencialmente todo o grupo vinculado aos setores de classe mais pequenos burgueses, mais de classe média assalariada, nesse sentido assim que eu quero te dizer.

AF:

Sim! Percebe-se na tua fala que essas mulheres, tu mesma coordenava o grupo, e outras mulheres vão ter papel fundamental dentro do grupo que tu participas. Vocês sofriam algum tipo de preconceito por parte dos companheiros do grupo que faziam parte?

AM:

Não, é o seguinte. Claro! Vê bem aquela conjuntura ali, foi uma conjuntura especial, histórica, de muita mobilização e uma mobilização com democracia, a questão democrática ela era pauta ainda por que ainda vivíamos sob a ditadura militar formalmente, ainda vivíamos sob a ditadura militar e, portanto, a pauta democrática era muito forte, é muito natural que em qualquer movimento de massas que tenha uma vanguarda tão ampla como tinha aquele período, e Santa Maria não era uma exceção, ao contrário, Santa Maria naquele período tinha uma vanguarda bem grande, é muito natural que isso favoreça a participação das mulheres nas lutas nas entidades. Algumas circunstâncias favoreceram a que em alguns momentos algumas mulheres tivessem além da sua participação um lugar de mais destaque nas decisões políticas, por que eu acho que é disso que a gente fala. Quem toma as decisões políticas, quem coordena, quem impulsiona, quem organiza em alguns lugares. Santa Maria, no DCE, nós tivemos isso, casualmente a Convergência era em Santa Maria uma corrente diminuta, somente depois de 82 é que nós viramos movimento secundarista, criamos uma corrente maior que foi o Alicerce, que aí já teve mais de ... quase de 30 pessoas, 30 participantes certo. Mas aí teve um conjunto de circunstâncias que favoreceu que houvessem mulheres também na liderança e nos fóruns de discussão e decisão política. Agora a regra, e uma regra que tu vê até hoje, é que sem dúvida nenhuma, em todas essas estruturas, prevalece ainda a estrutura machista sem dúvida nenhuma. A maior parte das organizações tu vê muito mais homens na liderança política do que mulheres, é muito raro, é muito raro por exemplo como aconteceu recentemente na história do Brasil, um partido como o PSOL que surgiu liderado nacionalmente por duas mulheres como a Heloísa Helena na época e a Luciana Genro. Isso do ponto de vista da expressão pública do partido, por que também na expressão interna na sua executiva nacional tinha outras tantas mulheres que tomavam decisões com base obviamente no programa, nas instâncias, mas que eram lideranças fortes como era

o caso da Julia, o caso da Silvia Santos e várias outras. Nós aí em Santa Maria, eu digo nós aí porque eu me sinto como se fosse de Santa Maria, eu tenho ligações muito fortes com ... sentimentais e de todos os tipos, aí também em Santa Maria nós tivemos a Sandra Feltrin que faleceu, uma grande companheira que também foi no meu breve tempo de militância em conjunto com ela, eu tive oportunidade de defender com ela em um congresso do PSOL, uma proposição políticas de nós duas estarmos juntas no microfone, defendendo, fazendo um debate político, a Sandra era uma liderança também de ponta. Mas todas em geral, as decisões ainda eram tomadas pelos quadros masculinos, creio que talvez nem o próprio Marcos Rolin na época que era uma liderança aí do movimento estudantil e do grupo Resistência, vai negar que a própria, que ele mesmo como dirigente tinha um peso diferenciado, e nós mesmos na nossa corrente e o próprio PT na época, os grandes dirigentes ainda eram todos vindos também do movimento sindical e dos momentos intelectuais e tal, mas eram as figuras masculinas, tu sabes disso. Existia sim, como a gente pode chamar, os estereótipos, que te colocavam nas reuniões, etc. Quando tu sabes as coisas que acontecem, quando os homens fazem uma discussão mais forte, isso apenas parece uma característica masculina, quando são as mulheres que ... aí elas já são denominadas, chamadas de todas aquelas palavrinhas que ao longo da história as mulheres são chamadas quando elas divergem do *status quo*. Então isso sempre, isso ainda é assim, nós vamos ter muito ainda o que batalhar, mesmo que a gente consiga virar a roda e começar e retomar a construção de sociedades mais democráticas do ponto de vista econômico, com novos processos de ruptura, nós vamos levar um tempo ainda que toda essa cultura seja debelada, para criar um outro tipo de relação humana, onde haja mais igualdade. Eu só posso te dizer que sim! Que naquela época permaneciam essas relações e até hoje muitas vezes eu mesmo sendo a coordenadora da corrente eu era referida como a companheira do fulano de tal, compreende?

AF:

Sim, sim.

AM:

Então isso é muito natural e muitas vezes nos momentos de maior embate que a gente tinha político, nas diversas instâncias, era um movimento que tinha muitas

reuniões, muito debate político, muitas vezes a tua opinião, ainda que tu tivesse com alguns pontos fáticos com muita razão no debate, ele era relegado Aline. Nós tivemos em Santa Maria, isso eu acho que vai ser parte de uma outra pergunta tua até nem preciso adiantar, uma das primeiras vezes em que nós de forma coletiva, os diversos grupos de esquerda e democráticos, fizemos um debate acho que creio que foi em 1982 por aí, em que o DCE da universidade levou para Santa Maria a Heleieth Saffioti, que era uma socióloga da PUC de São Paulo se eu não me engano, ela já é falecida, mas ela era conhecida nos seus estudos sobre gênero e tal, uma socióloga marxista. Praticamente foi um debate só de mulheres, isso era um debate que tinha no movimento feminista, praticamente reunimos só mulheres na apresentação eu acho que no debate eu acho que tinha cerca 120 mulheres, o debate na época foi coordenado pela Regina Pozzobom, que também fazia parte do movimento estudantil e havia essa questão de ora somos um movimento feminista como um clube da luluzinha que se discute, se reúne para discutir essencialmente só questões femininas, no sentido femininas do nosso posicionamento enquanto mulheres e tal ou vamos incluir nesse debate o tema da luta de classes e sobre qual perspectiva nós achamos que vai se dar a participação da mulher e sob o nosso ponto de vista, o meu na época era, que só poderia vir junto com a emancipação da classe trabalhadora, não como uma consequência direta, por que tu sabe que nós vamos ter que ter um trabalho, eu penso pelo menos, um trabalho muito forte ainda mesmo que um dia ainda consigamos romper a exploração capitalista, o trabalho cultural sobre as relações humanas ainda, que vai durar muito tempo.

AF:

Concordo contigo. Há uma discussão bem grande nesse início do movimento feminista sobre essa inserção delas dentro da classe trabalhadora? E era isso que eu ia te perguntar, esse encontro que me fala, ele foi aonde, que trouxeram a socióloga, tu sabes aonde ou não?

AM:

Da Heleieth Saffioti?

AF:

Isso.

AM:

Ele foi ali, eu não sou tão mal de memória, mas agora eu estou com uma pequena dúvida... Ele foi ali ao lado do cinema independência, tinha um centro cultural não tinha, alguma biblioteca? É a praça Saldanha Marinho ali?

AF:

Sim, aham!

AM:

Ela fica ali no fim da Bozano, atrás do viaduto, aquele que fizeram ali, então tem a praça e atrás tem o cinema independência e do lado tinha um centro cultural e que tinha uma biblioteca, foi ali naquele lugar.

AF:

Deixa eu te perguntar uma coisa, dentro do grupo de vocês conseguia se levantar alguma discussão de bandeira feminista? Como por exemplo a legalização do aborto, a emancipação da mulher, vocês conseguiam fazer essa discussão dentro ou eram só mais discussões políticas referentes as posições gerais do grupo?

AM:

O grupo que tu falas que eu participava, o Convergência?

AF:

Isso, o Convergência.

AM:

Deixa eu te ... eu não sei se eu vou estar divagando do teu tema, é que me surgiu isso a partir da questão anterior e que ta relacionada a essa tua pergunta.

AF:

Pode falar!

AM:

Bom, dentro do movimento estudantil aqui em Porto Alegre, isso em parte se refletiu também lá em Santa Maria, mas de uma outra forma. Nós aqui havia uma, em Porto Alegre, um movimento estudantil com um peso muito forte de correntes trotskizantes, não sei se tu ... se essa referência te dá algum conteúdo, de linha trotskista, que não tinham relação com a tradição stalinista, já nos anos final dos anos 70, início dos 80, início dos anos 80 houve um debate entre duas teóricas, militantes políticas teóricas dentro do movimento trotskista internacional e não só do trotskista, mas do setor que não era diretamente vinculado com os partidos comunistas certo, que era entre a Mary Alice Waters que era uma militante americana do SWP e a Mercedes Petit que era uma militante trotskista aqui da América Latina, da Argentina, que é a corrente política que formou a nossa organização, a Convergência Socialista certo. Bom, nesse debate exatamente estava no centro dele, era essa questão. Qual era o centro? Como ia se dar a emancipação das mulheres? Se o movimento que a gente tinha que criar era um movimento, usando um exemplo assim hipotético né, de vários vagões de todos os movimentos de opressão e que esses, e todos esses movimentos de opressão dariam na sua dinâmica, cada um com sua dinâmica própria, dariam, desaguardariam num processo de mudança social radical, de ruptura com o sistema capitalista ou se o grande eixo, o grande carro chefe seria o da luta da classe operária, puxando consigo as diversas lutas dos setores oprimidos, não sei se tu compreende.

AF:

Sim, sim.

AM:

Então, nós já fazíamos esse debate com força dentro da convergência no início dos anos 80, eu entrei em 1980, aliás a primeira vez que eu tomei a palavra numa reunião tanto interna da Convergência, por que eu era uma pessoa tímida a recém entrando em uma corrente política já com dirigentes com uma experiência muito grande e tal, foi numa reunião pra discutir a questão das mulheres, discuti esse debate e, também, externamente, foi numa reunião do PT estadual lá em 1981 para também discutir uma resolução sobre mulheres num encontro aqui na Assembleia Legislativa, a gente já fazia bastante essa discussão, não havia consenso, claro que havia setores que minimizavam a questão, claro que nós mesmos fizemos uma

autocrítica naquela época, de que a maior parte dos nossos quadros militantes femininos estava dedicada a trabalho organizativo interno e não trabalho político, seja de representação pública da corrente ou de direção política. É claro que isso existia e isso estaria até hoje nos diversos grupos. Então nós fazíamos muito esse debate, não havia consenso mesmo dentro da Convergência, na época, sobre a política mesmo de cotas... para representação nas instâncias dirigentes, instâncias intermediárias. Não havia esse consenso e não era, não era uma discussão que tomava um espaço importante, mas ela existia, eu não sei se tu quer que eu complemente.

AF:

Não. Está boa a tua resposta.

AM:

Essas pautas... liberdade sexual, aborto, todas essas eram pautas nossas. Porque é como eu te disse, as coisas elas são de múltiplos fatores, a própria conjuntura exigia isso, por que era um processo por excelência democrático, de se querer derrubar barreiras, derrubar muros autoritários por todos os lados certo, de construir entidades, entidades livres, entidades representativas com participação de base, mas vamos nos lembrar que havia dentro do principal... da principal organização política surgida naquele momento, que era o PT, nós não podemos esquecer que existia a influência decisiva de setores da igreja que sempre obstaculizaram esse debate Aline.

AF:

Sim!

AM:

Esse debate ficava um pouco mais restrito as organizações que tinham sua estrutura própria diretiva que militavam dentro do PT, mas dentro do PT muita, nós quase não conseguimos avançar em muitas pautas e depois isso acabou até se concretizando nos próprios governos petistas, onde avanço sobre esse aspecto foi ínfimo ou inexistente. Pela influência da igreja e a capitulação dos dirigentes políticos. Aí já em um outro momento, em que não, que era um momento mais para eles de afirmação

eleitoral. E aí acabavam, acabaram capitulando para a igreja ou aqueles diretamente que são contra, são contra as pautas, principalmente a questão do aborto. A qual é um tabu, muito.

AF:

Que a discussão é muito grande ainda. Anna, tu me falou já anteriormente sobre o processo de redemocratização, que é um processo vivenciado por ti aqui em Santa Maria. Eu queria saber se tu tens alguma lembrança desse processo? Tanto anterior ao processo de redemocratização, como que era assim para o grupo esse sistema repressivo que se vivia no Brasil?

AM:

Olha até 1984, um pouco depois até, mas ... bem, repressão me lembro de um congresso da Convergência que eu fui como delegada de base em 1982, se eu não me engano em São Paulo, esse congresso foi na USP e me lembro de ver a polícia à paisana em cada esquina controlando toda a nossa militância que chegava para o, para o ... com o jornal, como se estivesse escondida atrás do jornal, nossa militância que chegava para o congresso. Havia sensos que a gente sabia que faziam, nos seguiam, isso era comum. Nosso próprio apartamento, nós morávamos várias militantes mulheres aí em Santa Maria na rua Amélia Rodrigues e os vizinhos mesmo relatavam que eventualmente entravam no nosso apartamento pessoas, não só conosco isso acontecia. Uma vez nós estávamos panfletando na porta do, isso já em 82, no colégio Maria Rocha e fomos presos por panfletar e nesse momento eu quero, eu sempre me lembro com muito carinho da enorme solidariedade que a nossa corrente teve do grupo que dirigia o DCE na época, do Resistência, que os companheiros assim que souberam que nós estávamos sendo presos, eles se mobilizaram, eles foram ao redor da delegacia, eles ficaram como se tivessem nos aguardando ali para que nada acontecesse, apesar de nossos embates políticos muito grandes, havia uma solidariedade que eu creio que obviamente também tem a ver com o fato vivermos em um regime repressivo, e havia então essa solidariedade entre as correntes. Hoje tu vêes mais um certo sectarismo, lá tinha óbvio o sectarismo, havia muita discussão política, o movimento estudantil daquela época debatia muitos assuntos políticos... queria se posicionar politicamente sobre tudo e não só pelo Brasil, mas também sobre o que acontecia na América Latina, Revolução Nicaraguense, sobre o que acontecia no mundo na época, a questão da

Polônia, com o surgimento do sindicato Solidariedade. Tudo isso efervescia o debate na esquerda, qual o papel seria o do PT ou teríamos todos que ter todo mundo do movimento democrático unificado num só partido para derrotar a direita. Mas havia uma solidariedade, nessa época me lembro disso ... muitas coisas, eu mesma fui seguida em Porto Alegre até minha casa quando voltei de Santa Maria para que houvesse um recenseamento da militância da Convergência, foi abordado o policial da PM2 que vinha me seguindo da sede até minha casa, ele subiu o elevador foi até a minha porta, do meu apartamento, para fazer e isso não aconteceu só comigo na época... vários outros companheiros nossos que estavam mudando de local, vindo ou de São Paulo para cá, ou do interior para lá e tal, sofreram esse tipo de perseguição. Pode-se dizer, teve muita coisa, eu ... e coisas interessantes assim que não são da repressão que são das coisas boas com as quais a gente pode vibrar, aprender e sentir que estava contribuindo Aline. Sabe que são as coisas assim que "puxa eu participei disso", essas coisas importantes por exemplo quando nós em uma executiva provisória do PT da qual eu fazia parte conseguimos levar o Lula e o Jacó Bittar... isso foi em 1983 eu acho, até o DCE de Santa Maria para fazer uma conversa política com o grupo da resistência onde alguns já viam a necessidade de romper com o partido, o PMDB, e vir a construir o PT, e nós conseguimos levar o Lula no DCE junto com o Jacó Bittar que era um grande dirigente sindical também na época e estive lá, isso foi muito importante que eu me lembro que a gente trabalhou por isso e isso aconteceu. A campanha das Diretas Já, Santa Maria teve um debate que teve em outros locais por na época, na época nós víamos da Convergência, e nós tivemos um papel importante nisso aí em nível nacional de que tinha que haver comitês unitários de todos que estivessem pelas eleições diretas, que não podia haver segregação do comitê digamos entre aspas "revolucionário" e do comitê com demais partidos, inclusive com o da própria burguesia, não que tínhamos que ter comitês pra fazer os atos e começarmos a ser cada vez mais massivos, nós tivemos esse debate e tivemos um comitê forte aí em Santa Maria das Diretas, tivemos um ato na época com 20 mil pessoas e eu me lembro de ter falado também em nome da juventude ao lado na época do Genuíno, do Alceu Colares e tal, era o ato de Santa Maria e eu estive falando junto com o Genuíno, o Alceu Colares, naquele ato de 20 mil pessoas ali também na praça Saldanha Marinho... Eu me lembro da nossa luta pela reconstrução das entidades que foi maravilhosa também, da UEE onde Santa Maria através da Jussara Dutra, é a que

eu me lembro, tinha sido presidente do DCE depois ela teve um papel importante também na UEE, as entidades secundaristas de Santa Maria que estava paralisada em 1983, nós demos um impulso, inclusive chegamos a ser a liderança, nossa corrente política, o Alicerce, durante um breve período do processo de reconstrução da entidade secundarista. Coisas também assim até com certa, uma parte mais cômica da história, mas importante Aline foi também em 1983 quando ... não sei se vocês sabem desse fato, mas quando começou o movimento se expressar nas ruas o movimento contra a ditadura, depois daquele período inicial que foi da luta estudantil e operárias que deu origem ao PT, das greves do ABC e tal, o movimento que acabou sendo o ... que deu origem as Diretas Já, questionando diretamente a figura do General Figueiredo, começou em, ele teve em Santa Catarina um princípio de manifestação com a presença do próprio [João Baptista] Figueiredo, que as pessoas foram as ruas e ousaram vaiar ao presidente e isso aconteceu em Santa Maria também, eu me lembro uma vez que eu ... logo em seguida, isso começou ser uma dinâmica daí tu já via que havia um enfraquecimento forte daquele governo. Logo em seguida, eu lembro que vinha pelo acampamento, pela rua e eu sabia que o Figueiredo ia estar lá, era um sábado de manhã se eu não me engano, e de repente eu começo chegar perto do centro, ali perto de onde funcionava o Banrisul, e eu ouço aquela figura passando um pito na população, chamando a população de mal educada. Quando eu vejo era o próprio Figueiredo passando um pito na população de Santa Maria que estava por ali, por que o pessoal estava vaiando ele. O povo começou a ter coragem de, na rua, em grupos maiores, se chocar diretamente contra o governante militar de plantão. São coisas bem bacanas assim, a gente participou de tudo isso e de muito mais coisas.

AF:

Muito legal. Tu lembra se vocês tinham alguma abertura com os meios de comunicação, para poder defender as bandeiras de vocês dentro do grupo. Ou se tinham assim alguma entrevista que vocês eram convidadas para fazer. Como era a relação de vocês com os meios de comunicação na época?

AM:

Não, a Convergência como eu te falei em Santa Maria era muito pequena, através do PT naturalmente que nós tínhamos um pouco mais de espaço, mas daí

obviamente era mais o Sergio que falava em nome do Partido, o Sergio Lopes. Bom o que aconteceu, que a nossa corrente secundarista uma vez teve a melhor... melhor divulgação sem precisar pagar nada, foi quando uma vez nós fizemos uma pichação, eu não participei, mas o pessoal fez uma pichação... como eu te disse antes, apenas um parênteses, as questões internacionalistas elas eram bem fortes nos debates, então era pleno o debate sobre o rumo da Revolução Nicaraguense que tinha ocorrido em 1979 e tinha sido, para esquerda tinha sido uma alegria Aline, que sempre que eu hoje estou com 55 anos, na época eu tinha 18/19, eu sempre que penso nos meus, nos companheiros que eu tenho mais carinho assim, inclusive eu incluo aí o pessoal do núcleo, que eu não sei se ainda existe, núcleo Victor Jara do PSOL, o Roberto Lisboa, o Mathias e todo aquele pessoal, sempre que eu lembro deles eu sinto que eles não tenham vivido aquela experiência de 1979/1980 quando houve a Revolução Nicaraguense, por que aquilo foi uma alegria para a juventude latino-americana inimaginável por vocês, uma revolução no pequeno país que tirava um ditador. A gente tinha dezoito / dezessete podia vibrar, participar, ir a reuniões e defender aquilo. Então em Santa Maria uma vez o pessoal fez uma pichação, se eu não me engano foi na Niederauer, se eu não me engano tá? Eu não tenho certeza. E (risos) o pessoal colocou "tirem as mãos ..." a ideia era colocar "tirem as mãos da Nicarágua, Alicerce da Juventude Socialista" mas o pessoal acreditou que tinha colocado isso. E no outro dia sai no jornal A razão, na capa do jornal A razão, a foto enorme da pichação "tirem as mãos da Nicagua, Alicerce da Juventude Socialista". Na pressa de não ter sido preso, eles comeram a sílaba, mas foi a grande divulgação que a nossa corrente teve em Santa Maria.

AF:

Que legal, que legal. Eu queria saber se tu tens algumas memórias desta tua militância então que envolve o movimento de mulheres, que envolve alguma luta de mulheres aqui na cidade, que tu gostarias de destacar.

AM:

Olha ... Tu sabe que, eu acho que eu te falei uma coisa que nós militantes feministas ... Aline, talvez eu fuja um pouco do teu objetivo agora nessa resposta, eu acho que eu não posso deixar de fazer. É o seguinte, nós militantes e tal, feministas de esquerda muitas vezes achamos que a nossa luta feminista ela é apenas no

partido... do partido para impor, para conquistar nossos espaços também de dirigentes, não só de organizadoras das tarefas internas ou de defender só as bandeiras do aborto, do direito à liberdade de contracepção e tudo mais. A luta atualmente contra o feminicídio que é uma das coisas mais terríveis que tem acontecido, que hoje está mais evidente na sociedade. Mas existe uma coisa que é a verdadeira solidariedade entre as mulheres pra fugir da cultura que nos é imposta, inclusive dentro das organizações onde tu muitas vezes faz uma disputa fratricida com a tua companheira e, nesse sentido Aline, é que eu, quando eu te falei da solidariedade que eu via em Santa Maria, e se eu me lembro que até hoje, apesar dos embates duríssimos políticos que se tinha, eu tenho amigas pessoais, tu vê que isso são trinta e poucos anos, que nós nos respeitamos, temos o maior carinho, tanto das correntes, das outras correntes, como eu tive amizade com as minhas companheiras de militância dentro da minha organização, que nos momentos mais difíceis, nós sabíamos das nossas dificuldades de fazer respeitar a nossa posição, como é o caso da Janes, da Cristiane que tu pode tentar entrevistar, que militamos aí. Então essa parte da solidariedade eu considero parte da luta feminista muito, muito grande e isso eu aprendi ouvindo uma grande dirigente de um partido de esquerda argentino chamada Nora Scipione... ela é uma grande dirigente que foi dos anos 60/70 de um partido de esquerda argentino e ela falava sobre isso, da solidariedade das mulheres intra muro das suas próprias organizações, isso é muito importante. Aí sem dúvida nenhuma para mim foi apresentar as candidatas mulheres nas eleições, foi uma coisa importante, a própria Janes foi candidata a vereadora, a nossa companheira de chapa junto com o Sergio para a prefeitura, isso foi importante. Foi importante iniciar a formação de grupos de mulheres, cujo esse debate com a Heleieth Saffioti foi um dos momentos. Havia até as discussões de como se chamariam os grupos, a Rosa Luxemburgo sempre era muito lembrada né nesses momentos. Eu vejo assim, que, que essa é uma época Aline que as pautas eram muito gerais e elas eram muito fortes; primeiro a pauta da redemocratização, que ela era uma pauta geral do ponto de vista do regime político certo, segundo a pauta das organizações, da criação de organizações livres, organizações classistas, estudantis e tal. Depois em seguida nos anos 80, quando veio a recessão, veio a pauta da própria recessão a pauta econômica, que teve uma participação de mulheres por que eu tendo de achar, não é que eu tendo de achar, me parece que pela experiência, que nos países onde a economia é mais dependente, o ... as

pautas mais gerais elas ocupam mais espaço, mas as mulheres participam igualmente dessas pautas, não sei se tu entendes o que eu quero te dizer.

AF:

Sim, sim!

AM:

Como pauta de, na época, o grevismo operário, que era forte naqueles anos, que segue no Brasil, mas que eram muito mais fortes com lideranças muito mais contundentes assim, que dizer a principal liderança Lula, CUT e tal. Os movimentos de mulheres e solidariedade, as greves dos operários do ABC, dos petroleiros, etc. São movimentos de mulheres também e propiciam o aparecimento da militância política da mulher, claro que avançando com as conquistas democráticas, nós vamos também começar a avançar na pauta que a gente tem que apresentar, que são nossas pautas específicas, mas elas não eram naquela época o eixo, sem dúvida nenhuma não eram.

AF:

Certo. É um prazer muito grande falar contigo Anna, estamos a mais de 45 minutos falando, sei que tu não está bem de saúde ainda, então eu te agradeço muito, foi muito interessante conversar contigo e quando vieres a Santa Maria está convidada para tomar um café comigo. Agradeço muito pela tua disponibilidade de me conceder esta entrevista que me ajudará muito em minha dissertação.

Transcrição 02 – Entrevista Cleunice Dornelles Fialho

Aline Flores:

Como foi a tua participação na política na cidade de Santa Maria na década de 1980? Como ela se dá?

Cleunice Fialho:

Normal. Assim, eu militava no movimento estudantil, então eu entrei na universidade em 1976 e saí em dezembro de 1978, era o curso de história bem curtinho, eram 3 anos, era aula de manhã e de tarde todos os dias, mas a gente conseguia terminar em três anos. Aí eu terminei em três anos, do movimento estudantil então 1979 eu já não era mais estudante, então todo aquele processo da volta da UNE, das eleições Diretas e tal eu já não era mais estudante, eu acompanhava assim por que meu marido ainda foi por mais seis meses e as minhas irmãs, então eu acompanhava bastante. Aí eu entrei no município, eu era contratada como professora municipal e aí a gente passou fazer movimento sindical, aí a Janes foi minha companheira nisso, nesse processo. Então, a gente fundou a Associação dos Professores Municipais, por que naquela época não podia ter sindicato, era proibido a sindicalização, ficamos uns dois anos organizando, nem sei se a gente chegou a ficar dois ali e ... é no primeiro processo de fazer uma campanha salarial fomos todas demitidas, então foi o início, para mim, do movimento sindical. Então, isso já era 1980-1981 quando nos demitiram então, só que paralelamente a isso a gente já estava atuando no Germinal, então eu fiquei uns dois ou três anos que a minha militância principal era o Germinal, por que eu não tinha entrado ainda no Estado e enfim eu estava desempregada, o meu único canal de participação então era o grupo feminista e foi isso. Depois entrei em 1983, entrei no CPERS, entrei no Estado, passei no concurso e aí eu comecei a militar também no movimento sindical e mais ou menos por aí começou o fim do grupo, por que o grupo se articulava assim: a maior parte das mulheres eram estudantes e gente muito recém-formada, então pessoal foi indo, foi entrando em outras formas de militância, foi indo embora de Santa Maria, enfim e de repente o grupo se desarticulou. Mas acho que ele foi muito importante na época assim, naquela época se a gente compara, início dos anos 1980, o Brasil com o agora, hoje está mais conservador. Tu entende? Hoje está uma coisa que eu nunca

imaginei que fosse dar uma guinada assim. A gente discutia a questão do aborto tranquilamente, ninguém nos apedrejava por isso, a gente chegou a lançar um panfleto grande que era “Nossos corpos nos pertencem”, alguma coisa assim, ou “Ninguém ... eu não me lembro, não era bem “nossos corpos nos pertencem” eu tenho até esse panfleto, se tu quiseres a gente manda para ti, que discutia justamente essa questão, era uma charge, um corpo de uma mulher, um Juiz, um Padre, um Médico e a questão do corpo é nosso, quem decidi somos nós, em relação a tudo com relação inclusive a necessidade de uma interrupção de gestação. E a gente participou de muitos debates, nós fazíamos debates sobre a questão do aborto normalmente na cidade, então era um debate que a sociedade fazia. Claro, coisas assim, na época pela primeira vez tu discutia virgindade publicamente como tabu, mas tu conseguias ter debates muito mais avançados do que se tem hoje, principalmente pós a primeira campanha de eleição da Dilma que isso veio com, para uma guinada à direita total. Então era um momento muito mais rico assim naquela época, até eu acho que tinha umas inflexões nossos erradas, a gente defendia, por exemplo, o aborto como um direito, na verdade não é isso é um ... tu tens o direito de decidir. O grande direito é a contracepção, o controle sobre o teu corpo enfim a contracepção livre.

AF:

Como era a atuação do grupo? Tu me disseste que vocês ficaram aproximadamente quatro anos atuando nele ...

CF:

Mais ou menos em torno disso, o tempo que foi mais forte. Se a gente pegar os documentos que a gente tem, a gente vai ver que dá isso, dá no máximo um tempo de quatro anos.

AF:

E a dinâmica Cleu, como é que foi?

CF:

Olha, a gente reunia semanalmente, a gente estudava bastante, debatia, a gente tinha tipo uma biblioteca que ia passando por todas nós, a gente cada ... era informal

a gente ia comprando os livros e a gente ia trocando e estudávamos, estudávamos mesmo de ler e debater e tal. E decidíamos os caminhos de atuação, então nós, o ponto forte era sempre preparar o oito de março, que a gente mesclava assim uma atividade cultural com a atividade de debate e buscava se inserir na sociedade dentro das coisas que estavam acontecendo assim. Na época era lutar por creche, lutar por delegacia da mulher, essas coisas e de tempo em tempo na cidade tinha alguns surtos assim de, que até hoje tem, de estupro, coisas assim, e a gente atuava bastante nisso, da gente receber mulheres que tinham passado por uma experiência desse tipo e a gente dava visibilidade para isso, fazíamos campanha. Teve uma época assim um estuprador, que estuprou várias mulheres na cidade, e era ... o nome dele eu não sei, mas era Buchada o apelido, e era uma coisa muito doida por que as mulheres que tinham sido estupradas por ele, viam ele andando no calçadão e a polícia não prendia, então a gente teve que fazer toda uma campanha muito grande envolvendo os meios de comunicação e denunciando, que a pessoa ... o cara estava solto, que as mulheres enxergavam ele e ele não era preso. Aí ele foi preso, só que queimaram o arquivo, prenderam ele e mataram, então tinha alguma coisa assim, sei lá. Então esse tipo de atuação nossa, nos credenciava bastante, principalmente essa luta contra a questão da violência sobre a mulher e a gente dar visibilidade para isso sabe foi ... era importante, as pessoas no início achavam assim o que é essas loucas? O que que elas querem? Mas depois as pessoas nos respeitavam assim, a ponto de qualquer debate importante na cidade chamavam o Germinal, assim, constituinte chamavam o Germinal para debater, eu fui em um debate sobre a constituinte que foi a FIC que organizou, a Unifra de hoje, então eles chamavam três entidades importantes da cidade por noite eu acho que na noite que eu fui, fui eu, eu não me lembro se era o Cezar Schirmer na mesa representando o MDB na época ou PMDB, e uma outra pessoa que devia ser da associação comunitária, uma coisa assim sabe, então eu fui para o debate, e teve, por exemplo, também nos chamaram para um debate sobre a questão do aborto, daí foi uma padre que era o ... ele era muito conhecido na época ele era lá da paróquia lá do Perpétuo e ele era um padre contra a ditadura que ele falava sabe, ele era um italiano, agora eu esqueci o nome dele, mas eu posso depois ver o nome, era ele e o doutor Ronald Bossemeyer. Então nós três, que dizer, olha o Ronald é uma sumidade, o padre e eu. E aí primeiro falou o padre, depois falou o Ronald que na época era ligado à infância, e aí eu comecei a falar e eu disse bom agora eu quebro

a minha aliança com a igreja progressista, aí eu comecei a falar e quando eu terminei o padre disse o seguinte, ele era italiano, que ele estava na Itália quando teve o plebiscito pela legalização ou não do aborto, e que ele votou a favor da legalização, então não rompi com minha aliança (risos) o cara estava comigo ali. Mas assim, a gente conseguia debater e segurar o debate, mesmo com o Ronald, que não era sobre medicina que gente estava falando, era sobre o direito da mulher, enfim, em questões muito mais profundas, então a gente conseguia segurar qualquer debate assim. E éramos chamadas, que dizer, éramos uma referência, eu me lembro que a gente largou um panfleto sobre as eleições diretas, coisas assim entende, a gente participava não só da questão do feminismo e aí sim a gente era referência mesmo na cidade, mas a gente participava de outros debates, qualquer debate.

AF:

Quantas mulheres participavam? Tu lembra? Se era um grupo pequeno ou era um grupo grande?

CF:

Olha, não era pequeno não. Eu acho que assim gravitava em torno de umas trinta ou quarenta mulheres no mínimo, e a gente ia assim em bairro, a gente levava a discussão, não ficava assim só na classe média entende, a gente levava.

AF:

Tu me falou dessa dinâmica de vocês junto com a política, que vocês não discutiam só questões femininas/feministas, mas questões políticas. Tinham alguma ligação com partidos ou não?

CF:

É que a maioria tinha dupla militância, um dos grandes debates. Todo mundo tinha dupla militância, assim, a maioria era movimento estudantil e o feminismo, mas tinha sim quase todas essas mulheres eram envolvidas com algum partido também, inclusive partido clandestino. Assim nós éramos mais ... algumas dessas mulheres eram do Partido Revolucionário Comunista e outras não, mas era mais ou menos esse o perfil.

AF:

Como era a relação do grupo com os meios de comunicação? Vocês tinham uma abertura para vincular as informações discutidas pelo grupo?

CF:

Bastante, na época existia tipo no jornal do almoço tinha um programa de entrevistas, que tinha aqui na cidade e também em Porto Alegre, era uma outra dinâmica de programa entende, então no jornal do almoço eles sempre convidavam alguém, tipo assim um sofazinho e tal, o convidado sabe e entrevistava. Nós íamos muitas e muitas vezes ocupar esse espaço, sempre nas vésperas de oito de março a gente era chamada e quando tinha uma outra coisa assim mais conjuntural sempre nós éramos chamadas e a gente conhecia jornalistas em todos os meios de comunicação e naquela época o controle sobre os meios de comunicação era bem menor, a liberdade que um jornalista tinha assim de levar a pauta era outra, não era aquela coisa fechada o editorial, a linha do jornal fortemente como hoje. Então nós conhecíamos jornalistas em todos ... jornalistas mulheres também principalmente né em todos os meios de comunicação e a gente sempre conseguia espaço, sempre conseguia no rádio, no jornal, eu não sei onde anda o arquivo da A razão mas tem, a história do Germinal está no arquivo.

AF:

Está no arquivo municipal, A Razão está toda lá?

CF:

Até uma coisa que eu gostaria de ... eu estou me aposentando, e era uma coisa que eu gostaria de lembrar assim, por que tem materiais que nós não temos guardado, mas tem lá.

AF:

Eu queria saber se tu tem alguma lembrança marcante do momento de redemocratização? Vocês sentiram algum tipo de repressão na atuação dentro do grupo? E qual foi a participação de vocês nos atos pelas Diretas?

CF:

Não, acho que repressão não. Eu pelo menos nunca percebi isso. Nós, o grupo se desfez, é assim se a gente pensar na importância que ele teve a gente consegue dimensionar mais agora do que na época entende, se desfez assim por que aquele grupo de mulheres começou a ir para outros setores entende, mas não foi pelo exercício de algum tipo de repressão sobre o movimento, não foi. Tem uma mulher que eu acho interessante assim, por que eu penso que ela continuou com uma militância muito ligada a questão da mulher, mas no grupo feminista ela era uma das mais jovens, ela era muito menina, a Márcia, que depois continuou trabalhando bastante com ... ela é advogada, a Márcia Soares. A Márcia Soares é um nome interessante eu acho, até no tempo do Germinal ela não atuou muito por que ela era muito menina e logo ela saiu da cidade assim, mas ela teve, ela participou, mas ela teve uma militância assim toda ... o trabalho dela foi ligado a questão da mulher dentro do direito, que é o grupo Themis, uma coisa assim que ela trabalha é bem interessante eu acho. Então, as mulheres não deixaram de ter algum tipo de militância entende, continuaram, mas assim o grupo se dissolveu. Mas isso não foi ... foi a vida né que foi levando, não foi assim por se sentirem reprimidas não.

AF:

Vocês sentiam algum tipo de machismo ligado as ações do grupo ou não?

CF:

O machismo na sociedade sempre existiu, isso nos mobilizava não nos reprimia, a gente não se sentia reprimida por isso, isso era o que nos mobilizava a trabalhar. Claro, que depois quando tu vai para outros espaços por exemplo tu vai pra ... eu fui para o movimento sindical, mas eu estava no movimento onde 90% são mulheres quase, mais ou menos, até acho que estou exagerando. É que aqui no Maria Rocha tem muito homem por que tem curso técnico, e no ensino médio tem mais homens do que no fundamental. Mas claro tu percebe mais aquela coisa quando você muda de espaço. Até os meus 22 anos eu só convivia com estudantes e estudantes militantes, gente que queria a revolução, que queria acabar com a ditadura, enfim eu vivia em um grupo digamos muito especial assim, que não era a média do que todo o estudante pensava na época, era uma vanguarda mesmo né. Aí eu venho para a escola, e aí tu entras em contato com pessoas "normais" assim, que nunca tinham

tido esse debate ou achavam que feminista era uma mulher que só queria pegar o homem das outras ou era uma mulher que era lésbica ou machorra sei lá e vendo tudo isso com muito preconceito entendeu. Mas aí é entrar, bem-vindo ao mundo real, então aí tu tem que fazer um outro movimento para tentar mostrar que não era, enfim mostrar um outro lado do mundo dentro do movimento sindical onde eu vivia, aí a gente enfim levava, sempre tentou levar dentro do CPERS essa discussão. Mas daí dentro do CPERS ela é bem-vinda, principalmente por que tu tem um universo de mulheres muito grande, claro que sentia o machismo sempre tem.

AF:

E a tua família como reagiu a tua militância? Ela viu bem a tua participação no grupo e na política neste momento?

CF:

Sim, sim tranquilamente!

AF:

Uma memória tua marcante deste período, tanto na política da década de 1980, no Germinal, alguma coisa que gostaria de destacar que foi marcante para ti?

CF:

Assim, muitas vezes foi desafiador por que teve momentos assim que eu tinha que responder muito pelo grupo, então é muito desafiador tu ter ... por exemplo no comício das Diretas tinham umas quinze mil pessoas ali na ... não foi na boca do calçadão foi na avenida Rio Branco onde é a SUCV sabe? Ali que estava o palco então enchia de gente pra lá, aí eu tive que falar pelo grupo ali foi um momento bem marcante eu acho, pena que eu não guardei o que eu escrevi, por que eu tinha, eu sabia que eu tinha três minutos para falar no máximo, então eu tinha que condensar né, tinha que preparar pra falar com muita propriedade marca ali a posições das mulheres naqueles minutinhos e na época era ... isso era muito controlado porque um segundo a mais, com várias forças políticas ali, um segundo a mais que um usasse já era um horror. E eu me preparei bem assim, escrevi, contei o tempo claro que na hora que tu pega o microfone dá um branco mais sai, não sai aquilo ... sai aquilo que tu pensava em dizer mas não exatamente do jeito entende. E na verdade

eu terminei tendo menos que os três minutos porque daí veio uma outra militante do movimento de Porto Alegre e aí eu tive que dividir o tempo com ela, só que ela falou qualquer coisa assim ela não teve essa preocupação de se preparar, enfim era uma outra forma de ver, a gente tudo era ... para nós tudo que a gente fosse fazer era a coisa mais importante mundo naquele momento. Mas foi muito bom assim, eu me lembro que eu terminei de falar e as minhas companheiras todas ali na frente sabe, foi legal, pena que eu não guardei, eu não guardei anotação daquilo que eu tinha, e na época a gente não gravava nada, então ali foi um momento que foi bem bom e eu estava grávida da minha filha, mas não aparecia, acho que nem eu sabia ainda que eu estava grávida, aí esse momento foi legal, acho que foi marcante pra mim e cada vez assim que a gente tinha que defender uma posição, defender o Germinal junto com outras instituições como eu te falei era muito desafiador entende, eu me desafiava muito assim, eu lembro dessa que estava o doutor Ronald e que eu tinha que ser ... eu tinha que ganhar a platéia, eu tinha que ganhar a platéia, tu não pode assustar as pessoas e tu não pode abrir mão de nada fundamental, então era bem difícil sabe mas a gente se preparava e ia eu acho que esses momentos foram os mais ... que foram mais marcantes mesmo pra mim assim, e os resto assim era a militância de cada dia quando a gente ia para as vilas, por exemplo, para fazer a discussão e as mulheres aceitavam aquilo começavam a participar, começavam a nos ver como iguais, que aquilo era um coisa importante, começavam a falar como elas viam, como era a vida delas, como se tivesse creche era importante pra elas, coisas assim entende, isso era muito bom.

AF:

E que eram pautas do grupo?

CF:

Que eram pautas do grupo!

AF:

Foi muito bom conversar contigo, te agradeço pela tua disponibilidade de falar comigo, vai ser importante a tua contribuição para meu trabalho.

CF:

Está bom, no que eu puder ajudar estou as ordens.

Transcrição 03 - Entrevista Guiomar Prates

Aline Flores:

Como foi a sua participação política na Cidade de Santa Maria na década de 1980? Por exemplo, se participou de algum partido ou de algum movimento social? E de que forma?

Guiomar Prates:

Bom, 80, foi 82, foi o ano que eu entrei para a Universidade. E eu entrei para a universidade assim, era muito, não tinha muita noção política geral e ali eu acabei tendo contato com pessoas que estavam, era uma época indo para o finalzinho da ditadura, de pessoas que clandestinamente faziam muita discussão a respeito da política brasileira e que lutavam contra a ditadura militar e tudo mais. Isso me chamou muito atenção e eu fiquei muito empolgada. Daí comecei a estudar e, enfim, aquela coisa de juventude, que acha que pode tudo, muda tudo aqui e agora. E, então, eu acabei me inserindo no movimento estudantil na época, acabei fazendo parte é da política na comunicação social, onde eu fazia o curso de jornalismo e também no DCE. Participei do DCE e também participei da União Estadual dos Estudantes desta época, o ano tenho que pesquisar direitinho, não lembro exatamente qual foi o ano, mas foi nesse período que eu fiquei na universidade, eu sai em 88, fiquei de 82 a 88 na universidade. Então a minha participação foi principalmente no movimento estudantil, e no movimento estudantil dessa época não tinha muita clareza assim dos os partidos que tinham, a gente vinha de um momento do bipartidarismo, quando a gente tinha a Arena e o MDB, então, assim, recém estava sendo legalizados, o PT estava sendo formado, o Partido Comunista do Brasil, que depois eu fui ter um contato maior, era um partido que era semiclandestino estava dentro do MDB na época e legalizou-se depois. Mas eu te diria assim ó que minha participação, ela se deu mais dentro do movimento estudantil, na corrente, numa corrente política que tinha aí que se chamava Viração, que ela englobava principalmente os simpatizantes do Partido Comunista do Brasil, era uma corrente minoritária no movimento estudantil daí a época. Eu lembro que eu

entrei, nós éramos cinco pessoas, mas tínhamos uma participação intensa, acabamos ganhando numa época o DCE que o presidente foi o Jonei, é Jonei Reis da Silva, ele é engenheiro hoje, acho que ele mora em Caxias ou alguma coisa assim, e o Mario Gagletti participava com a gente também, é uma outra pessoa que deve ter uma boa memória dessa época daí. E enfim, foi aí que se deu principalmente minha participação, ela começou pelo interesse, eu lembro que eu comecei a ler coisas que eu nunca tinha lido, nunca tinha tido acesso. Eu lembro uma das maiores felicidades da minha vida foi quando eu descobri que eu não era loca de não acreditar em Deus, descobri que era possível e que filosoficamente se explicava. Então assim, empiricamente eu não acreditava, achava estranho as pessoas viverem Deus para cá, Deus para lá, acredita em Deus, não acredita. Então assim, foi um período que eu comecei a leitura mais intensa e descobri o materialismo e que isso era uma coisa assim que historicamente existia, as diferentes correntes filosóficas, então me descobri muito aí, então acho que foi uma coisa muito interessante assim, um certo despertar para a realidade, sabe quando sai um pouco da situação de alienação da realidade, daquela coisa sem muito sentido, eu tenho essas lembranças que são interessantes.

AF:

Que são do início! Essa percepção tua do ativismo de mulheres, então, na política de cidade se deu, tu achas que se deu, mais pelas estudantes ou tu percebia essa participação delas nos partidos nesse momento que você se inseriu no DCE?

GP:

Eu não sei, eu acho, Santa Maria é uma cidade que ela é caracterizada por algumas poucas coisas, assim o movimento estudantil é muito forte, tem um centro militar muito forte, com base aérea e um certo comércio. Fora isso não tem muito, mas assim, do ponto de vista econômico na cidade, a minha percepção é que começava pelos partidos, pelos partidos não, pelo movimento estudantil, e partidos aí era informação, eu não tinha muito contato com PMDB, esses partidos oficiais da época, esse bipartidarismo. É, tinha um disputa muito grande assim entre as correntes mais à esquerda e o PT que se formava na época, não sei se dá pra classificar como esquerda ou não esquerda, mas enfim, dentro da esquerda se diferenciava muito, o que eu conseguia observar era mais pelo movimento estudantil mesmo, e aí eu

lembro que no próprio movimento estudantil a gente tinha uma discussão a respeito da participação política das mulheres, eu inclusive na época eu ajudei a fundar a União Brasileira de Mulheres aí em Santa Maria, então essa é uma coisa interessante, eu não lembro exatamente o ano que foi, também precisava ser pesquisado, eu tenho até uma revista “A Presença da Mulher” que ela registra isso, que a gente fundou aí, que eu fui a primeira presidente da UBM aí, foi nessa época, então assim, existiu uma conscientização da importância da participação feminina, não só participação, mas discussão das questões femininas. Por que participação sempre teve, agora como a mulher participa? O que ela discute? Que interesses que ela defende? É que eu acho que assim para mim ...

AF:

Isso se ela consegue chegar, se ela consegue chegar com essas bandeiras até onde, até onde consegue dar visibilidade. Por que participação sempre teve, mas que visibilidade foi dada a essas mulheres que participaram?

GP:

É uma discussão mesmo do papel social da mulher, de qual é o papel social da mulher. É um momento de muita ebulição essa década de 80 e a gente percebe. Assim, tinham muitas mulheres que participavam de muitas correntes estudantis, é, mas a gente percebia de qualquer maneira então uma certa, eu não sei se um preconceito, é muito forte para falar, mas assim, toda vez que uma mulher ia falar a gente ainda ouvia piada, eu cheguei a ouvir uma vez “é deixa de, como é que é, se eu fosse você tirava essa mini saia e botava um macacão, só fica falando de classe operária”, uma coisa assim sabe. Que a gente usava umas minis saias e a gente percebia nessa época uma certa, quando não tinha argumento, quando as pessoas que debatiam conosco não tinham argumento aí apelavam para isso. Ou era isso, você é tão feminina, tão bonita, é tão isso é tão aquilo, não fique brava, tipo assim, sabe quando você fica discutindo alguma coisa a pessoa invés de argumentar com você ela tenta passar a mão na sua cabeça e dizer assim “calma não é assim”, como se fosse nossa obrigação ser manso diante daquilo que se está discutindo sabe, isso é uma coisa que me incomodou muito na época, outra assim me fazia, não me empossava, muito pelo contrário, mas tinha muito isso ainda nessa época, na década de 80.

AF:

Essa UBM que tu me dizes, tu tens algum documento, alguma revista que trata que tu foste presidente? Como é que foi este período?

GP:

Tenho uma revista, é preciso pesquisar, por que depois posteriormente eu vim para São Paulo e fui editora dessa mesma revista por um tempo, eu tenho, mas preciso ver, preciso de um tempo para dar uma olhada e procurar, tem uma reportagem que saiu ...

AF:

Dessa fundação?

GP:

Da fundação da UBM sim!

AF:

Tu já me citaste sobre a redemocratização que viveu nesse momento, tu tens alguma lembrança desse momento? Do bipartidarismo, das primeiras eleições diretas? Esse processo de diretas?

GP:

Tenho. Lembro como se fosse hoje, da luta que a gente tinha pelas diretas já e que acabou não acontecendo e acabou passando no colégio eleitoral. Existia uma disputa no movimento estudantil, no movimento de esquerda em geral, aquela coisa de que vamos participar do colégio eleitoral ou não vamos participar do colégio eleitoral? Por que tinha, o PT inclusive se eu não me engano não assinou, se recusou a participar do colégio eleitoral e não assinou a convocação, assim o ... a eleição, não participou da eleição que elegeu Tancredo, que ele foi eleito ali, como vice o Sarney. Logo Tancredo morreu, logo que assumiu ou nem assumiu, sei lá. Enfim, tenho, eu lembro muito que a festa que a gente fez naquela praça, a Saldanha Marinho, no dia que passou a eleição direta no congresso, lembro até a roupa que eu estava, uma blusa azul e a gente ficou dançando no meio da praça

aquela música do Chico Buarque “Vai passar nessa avenida um samba popular” foi uma coisa bem marcante, assim muito interessante. Lembro disso.

AF:

Que lembrança marcante de um episódio, de uma manifestação, de uma reunião política tu tens da tua militância no período que trata a pesquisa? Alguma lembrança marcante que fica além dessa que tu me contaste?

GP:

Ah ... A gente fazia muita reunião, eu lembro da primeira vez que eu peguei o microfone para falar, era uma assembleia de estudantes na frente do DCE, tinha muita gente, muita gente, é nós, como te falei, o grupo político que eu participava era de cinco ou seis pessoas e eu lembro como se fosse hoje, assim, que a gente antes tinha destacado alguém para falar, para defender a proposta que a gente tinha definido que ia defender, eu não me lembro qual que era. E essa pessoa na hora, com milhares e milhares de estudantes, entre quatro ou cinco mil pessoas, ela não conseguiu falar, na hora ela disse “assim não consigo, não vou”, ficou com ... tremeu a perna e não foi. Aí digo, não, eu vou, aí fui falar, foi a minha primeira vez, menina eu tremia, eu fazia isso aqui com o microfone (gestos trêmulos) mas falei, foi minha primeira vez assim, sabe, e eles assim ó, ao que me consta nossa proposta foi vencedora por onze votos.

AF:

Que legal!

GP:

Esse dia teve que contar de um a um, e a nossa proposta foi vencedora, mas assim, foi a coisa mais difícil, uma das coisas mais difícil que eu já fiz, foi pegar aquele microfone e falar para aquele tanto de gente. Depois disso foi fichinha, aí fui fazer debate, aí fui dar entrevista em televisão, fui fazer um monte de coisa e foi mais tranquilo.

AF:

Já acostumou!

GP:

É, aí fica fácil.

AF:

Dessas mulheres que participaram junto contigo deste processo, tu lembras do perfil delas, se todas eram estudantes? Ou elas eram trabalhadoras? Ou tinham essa mistura, ou seja, mulheres de diferentes perfis?

GP:

Não, não que eu me lembre de estudante, de mulheres basicamente estudantes, a gente até fazia movimento junto com outros setores, eu lembro que a gente fez um movimento aí numas férias, uma turma ficou aí nem foi de férias para casa. A gente visitou todas as obras de construção civil que tinham na cidade para fazer a mudança do sindicato dos ... para tirar a diretoria pelega, fazer a eleição do sindicato da construção civil, aí a gente conseguiu fazer isso, a gente juntou muito operário lá tal, junto com eles apoiámos e eles fizeram a eleição do sindicato, e o sindicato passou a ter uma diretoria mais combativa, menos cartorial sabe. Então assim, eu lembro que tinham participação de outros setores, mas não lembro de mulheres que tivessem essa participação, lembro de algumas jornalistas é ... a Vera, que era da Rádio Imembuí e umas outras que eu me esqueço o nome agora, que faziam algum debate da questão feminina e tudo mais, mas em geral eram homens, mesmo nos setores, mesmo nos setores é de trabalhadores que se faziam movimentos conjuntos. As lideranças femininas eram basicamente do movimento estudantil.

AF:

Eu me questiono bastante sobre isso, por que quando tu me coloca que é quando tu entra na universidade que abre a tua cabeça para as questões que tinha dúvida. Me parece que por muito tempo esses movimentos e que essa participação feminina se deu por essas mulheres que tinham acesso à universidade, ou seja, estas jovens que quebram estes tabus, perdem esse medo de pôr a cara a tapa.

GP:

Com certeza.

AF:

Por que nenhum momento é fácil ouvir como “tira saia e põe o macacão por que essa discussão que você faz não é para você”.

GP:

Exatamente, eu ouvi essa frase literalmente assim, eu não lembro quem era a pessoa, era de uma outra formação política, no debate a pessoa virou para mim e falou assim: „tu falas tanto em classe operária, tira essa saia aí e coloca um macacão então”, bem assim, eu fiquei olhando para a cara dela... eu não sei se eu respondi. Eu fiquei tão surpresa com isso sabe. Aí teve uma outra vez, que era um momento assim de muita... que a pessoa chegou assim: „tu assim tão delicada bota pelo menos uma correntinha, alguma coisa assim, usa uma maquiagem”, tipo assim sabe. Era um machismo assim bem ... mas a gente ligava muito não, a gente ia para as cabeças, a gente enfrentava, eu pelo menos nunca me senti assim, certamente eu já fui discriminada né, mas isso nunca soou para mim como uma coisa assim, ai eu não vou, como algo paralisante, ou que me constrangesse, nunca nunca tive isso, sempre tive assim uma convicção daquilo que tava fazendo e me sentia forte o suficiente para continuar fazendo entendeu.

AF:

A próxima pergunta era isso, como era a aceitação das mulheres pelos homens nos partidos ou nos movimentos que participou? Por exemplo, eram espaços machistas por excelência ou esse problema se manifestava pontualmente? E de que forma?

GP:

Eu já falei um pouco, me adiantei um pouco, né. Na verdade assim, eu acho que tinha machismo mas por outro lado era um machismo assim, não era um machismo consciente, eu acho que existia um esforço pra deixar de existir, dentro dos movimentos eu acho que tinha um esforço pra deixar de existir, em que pese isso que eu te falo agora da resposta né de uma pessoa que era de outra função política, de um debate político, é uma, eu acho que existia um esforço sim e o tratamento é um tratamento mais igualitário possível, eu acho que sim, não me recordo de

posições machistas mais significativas, ou a gente tava acostumada com isso e achava que era normal e também não marcou, é possível né, é possível que se a gente tivesse isso marcado, fosse analisar hoje se percebesse como uma coisa machista. Mas quando a gente vai pra universidade e encontra todo esse ambiente o mundo ta se abrindo pra gente, então assim essa é só uma das, uma das dificuldades que a gente tem que enfrentar, porque assim a gente, eu me lembro que não tinha dinheiro, eu fui morar na casa do estudante, então essa era só mais uma das coisas que eu tinha de enfrentar pra poder me formar na universidade, eu trabalhava, eu fazia monitoria, eu fazia estágio, me virava, então esse era um detalhe, e a coisa era tão, era tão significativa pra gente, era tão satisfatória você se perceber enquanto um sujeito que está ali fazendo uma história, que isso é um detalhe que pra gente, que a gente passava por cima. Sabe... É essa a impressão que eu tenho.

AF:

Dentro desse movimento, dentro dessa construção, tu lembra de algumas bandeiras, se existiam algumas bandeiras feministas sendo discutidas ou sendo defendidas?

GP:

Eu acho assim, determinado momento se passou a discutir muito, muito isso, a questão da mulher, a questão da eman (sic), existia muito o próprio conceito feminismo né, da emancipação da mulher, da necessidade de emancipação, isso relacionado com a luta de classes, eu acho que tinha muito isso sim, se a, se poderia haver é ... a libertação das mulheres sem a libertação dos trabalhadores né, na discussão que se faz entre capitalismo e socialismo. Então tinha um pouco isso, essas bandeiras mais gerais né. É no movimento estudantil especialmente, não tinha muito, lutas mais gerais, a redemocratização da universidade, a gente defendia eleição direta para reitor, a gente defendia um maior crédito para assistência estudantil, defendia o restaurante universitário, quando tinha assim umas tentativas de fechar ou de aumentar valor de refeição, é transporte coletivo, contra o aumento do transporte coletivo, estas reivindicações específicas. Agora no debate mais geral tinha uma discussão mais ... acho foi um período muito rico na discussão teórica sobre o feminismo, qual linha feminista era mais correta, qual não era e sobre isso a gente teve várias discussões. Eu lembro de uma vez que eu participei de um debate

sobre o direito ao aborto num ... eu acho que foi no Curso de Administração, ali na Antiga Reitoria, não sei se ainda tem a Antiga reitoria, onde era o restaurante o universitário aí no centro, perto do DCE, aonde era o DCE. Não sei se o DCE, ainda é aí. É que tinha todo esse debate a respeito do direito ao aborto e o direito do corpo da mulher, e essa conversa tinha nessa época.

AF:

Eu percebi isso na pesquisa anterior aonde as discussões eram mais voltadas a isso, mesmo que elas tinham alguns sindicatos dentro do movimento que eu pesquisa, que defendiam as empregadas domésticas, a mulher negra, isso tudo em diferentes grupos dentro do movimento. Mas essa percepção dessa discussão, por que se tu for tocar agora em feminismo tem diferentes feminismos e que conceito se dá para esse feminismo? Me parece que nesse momento era mais de conhecimento de uma formação bibliográfica para defender o que é essa igualdade que se defende essa emancipação.

GP:

É também. Porque, o que acontece? Como a gente tinha ficado de 1964, 1968, que foi uma fase mais dura da ditadura militar, até mais recentemente, acho que assim, não tinha, era pouca bibliografia vinculada a nova realidade e as novas necessidades. Então era um momento de muita ebulição né, era de muito assim, existia um espaço para as pessoas se posicionarem. Eu acho que por muito tempo os movimentos sociais e os partidos de esquerda ficaram naquele gueto, aquela coisinha de reuniões pequenas, clandestinas, com medo né e tudo mais. Então eu acho que esse momento começa a aflorar tudo isso que estava represado né. Foi um período muito grande que os textos teóricos e a produção teórica a respeito era muito limitada né. Tinha, mas a difusão dela era muito limitada né, os livros que você encontrava nas livrarias eram livros ainda pouco trabalhados ou pouco livros ou poucos espaços que se tinham isso. Foi um momento muito rico nesse sentido, que possibilitava que se discutisse qualquer coisa, qualquer coisa né, e do movimento feminista e do movimento feminino e do emancipacionista é bem rico para se começar a se produzir. Inclusive, a concepção emancipacionista que deu origem a União Brasileira de Mulheres e as Uniões Municipais de Mulheres ela surge muito

nessa época, desse debate, desses materiais que te falei, que tem essa revista que eu vou pesquisar para você.

AF:

Tá. Tu lembras se em algum momento os meios de comunicação vincularam essa participação? Tu me falou de algumas jornalistas que participavam...

GP:

Sim, sim, eu acho que sim. Eu acho que se tinha mais espaço do que se tem hoje. Eu lembro inclusive que num 8 de março eu participei na TV Imembuí de um debate na TV sobre a questão da mulher. Eu não lembro muito bem. Se você procurar lá, inclusive deve ter uma fita lá com esse debate. Foi num desses de meio dia, jornal de meio dia, uma coisa curta, tipo cinco minutos, era eu e não lembro mais quem era também, só lembro que eu estava lá falando pela UBM num 8 de março.

AF:

E tu lembra o ano mais ou menos? Foi dentro desta tua participação na UBM?

GP:

Isso, foi. Eu não sei te dizer assim, mas eu prometo que pesquiso e te mando. Eu vou me lembrar. Também, é muito tempo né. Faz tempo para caralho.

AF:

Mas eu to achando que tua memória ta super viva assim, essa história de tu lembrar da tua roupa, foi uma coisa vivenciada com bastante impacto na tua vida assim né?

GP:

É, foi bem significativo. Mas eu aposto que muita gente que estava lá deve lembrar também, porque para as pessoas que estavam lá isso tinha uma importância muito grande.

AF:

Com certeza.

AF:

Guiomar, o teu contato com algum partido se deu quando? Não se dá nesse período?

GP:

Não. Se dá acho em 82, 83. Mas com o partido PCdoB, que é um partido clandestino ainda, que não era um partido legalizado, e eu passo a atuar organizada junto com eles, mas não é oficialmente, por que não está legalizado, pois é de uma forma clandestina.

AF:

Não tem filiação.

AF:

Tem alguma memória que tu queiras destacar do momento que você viveu na década de 80 que seja relevante ou que tenha ficado marcado de sua participação nesse período?

GP:

Ai fato, aquele fato específico não exatamente, mas fica assim, a nossa formação né. Tudo o que eu sou e não é o que eu faço, é o que eu sou, esse período me formou no que eu sou. Eu sou uma pessoa totalmente diferente do que eu era quando eu entrei na universidade e comecei a participar desse movimento. A minha noção de humanidade, a minha noção de generosidade, de sei lá, de defender os interesses públicos antes dos privados, acho, acho não, tenho certeza, esse é um grande legado desse período de debate, de conversa e de atuação política né. Eu acho que moldou, eu acho que esse período moldou o meu caráter adulto, digamos assim.

AF:

Foi muito bom conversar contigo.

GP:

É muito bom ter pessoas que se interessam por isso ainda hoje.

Transcrição 04 - Entrevista Maria Rita de Assis Brasil

Aline Flores:

A primeira coisa que eu queria que tu me falasse um pouquinho é como que foi essa participação, como que você chegou a se candidatar para vereadora? E como tu entrou para a política de Santa Maria?

Maria Rita Assis Brasil:

Pois bem, eu quando eu entrei na faculdade, eu e um grupo de colegas assim das variadas faculdades de Santa Maria, uns já estavam no movimento estudantil, eu ingressei porque eu entrei no primeiro ano e aí já comecei uma participação. Então, nós começamos a participar na época do DCE de Santa Maria que isso foi em 1973 eu acho, 1972/1973. Bem e nessa época o DCE de Santa Maria foi eleito digamos democraticamente onde tinha um colega que era presidente, não me lembro agora bem o nome, e o vice-presidente era o Cezar Schirmer, agora ex-prefeito de Santa Maria. Bem, o Cezar Schirmer ele convidou meu amigo, parceirão de sempre, o Adelmo Genro Filho para ser o secretário geral do DCE e eu tinha recém-casado, era menininha quase, e convidaram o Sérgio Vaigert que era meu marido, para ser o secretário executivo assim do DCE. Bom e nós então naquela participação do movimento estudantil numa época de bastante repressão, tanta repressão que na próxima eleição, aquela ali foi mais democrática por que não tinha uma participação mais da esquerda, mas a seguir perdemos o DCE por muitos e muitos anos, que eu acho que quando eu estava saindo, ou já tinha saído da faculdade e aí eu era vereadora. Foi quando se conseguiu como primeira eleição, que se teve vitória foi da eleição, para a direção da casa de estudante que foi o Sérgio Jacaré, nosso amigo o Jaca, que ganhou a presidência da casa. E depois teve a reunificação da UNE, aí essa cronologia eu teria que parar mais para pensar, mas certamente tu tens informações melhores que as minhas. Bem, em 1975 mais ou menos, alguns dos colegas e eu saíria da faculdade em 1977 e alguns dos colegas já em 1976 como o Memo, Memo é o Adelmo, é então com essa perspectiva de sair da faculdade alguns amigos lá da faculdade de engenharia e assim por diante, que era Milton Seligman, Beto Pozzobom, o Estilac estava na faculdade, Estilac Xavier. Bem, alguns já saindo da faculdade, e eu sai em 1977, nós entendemos lá pelos anos de

1975 uma coisa assim ou até 1974. É a partir de 1974, Cezar Schirmer era Deputado, se elegeu Deputado Estadual uma coisa assim, ou 1976. Bom mas 1974/1975 a gente começou a participar do MDB e no caso a gente fundou, e aí eu não me lembro agora assim, o MDB jovem e o Adelmo, o Memo foi o primeiro presidente e eu fui a primeira vice-presidente. Bem, então já começou ali essa militância partidária, por que a gente sabia que a vida estudantil primeiro ela era bem difícil, segundo ia terminar e nós queríamos dar uma consequência a esse nosso olhar frente a sociedade, enfim, frente a política que nós tínhamos. Bem, aí eu não sei se tu assistiu aquele áudio assim, eu ainda tenho sei lá a coincidência ou a contradição de ter sido filha de militar na época de ditadura, e então 1975 até isso, 1975 meu pai foi promovido a general e morava em Brasília, não é só isso que eu queria dizer, e eu estava de férias em Brasília que a faculdade estava de férias então fui passar uns dias lá com eles e quando eu voltei, foi muito curioso assim por que o nosso candidato ia ser o Adelmo, o candidato da moçada né dos jovens, do movimento estudantil e tal. E quando eu voltei eles me disseram então que o setor feminino do MDB, que era composto por muitas senhoras, senhoras para nós naquela época era mulheres moças, elas não eram juvenzinhas, eu que tinha 21/22 sei lá anos, 22 anos então que elas tinham me escolhido para ser a candidata do setor feminino, bem com isso nós tínhamos um outro companheiro de partido que era o, depois eu me lembro o nome dele, que foi o candidato pelo setor trabalhista e foi bem legal, por que bem eu tive que incorporar o cadeiraço como se diz em Santa Maria, fiquei dias com aquela geladeira nas costas né pesando. Bem, aí entendi que se eu sempre era pela participação das pessoas na política de certo eu não podia me negar a isso, e foi o que aconteceu. Então aí nós já militantes do MDB jovem, o Memo nosso candidato dos jovens, dos estudantes, enfim da esquerda mesmo claro, e aí eu fui escolhida a minha revelia pelo setor feminino e aí entendi que era então, avaliei com eles claro, nada era uma coisa pessoal, jamais sabe uma coisa sempre o grupo e então eu aceitei participar da campanha e isso foi o que eu fiz, cursando ainda assim o quinto ano da faculdade de medicina. Então tendo provas, tendo uma série de coisas. E sai no discurso feminista para a época assim e era feminista mesmo, e era uma época que o feminismo tinha essas bandeiras bem intensas assim, então é com um discurso feminista, mas para mulher da vila, a mulher do bairro. Eu cheguei em todas as portas possíveis assim, foi uma campanha muito preconceituosa assim. Jovenzinha demais eu pensava assim: Bom os meus

colegas e os meus amigos, os meus colegas e os meus professores eles me conhecem, eu não tenho que dizer nada para eles. Então eles vão votar em mim se acharem que devem votar. Então imagina uma campanha tão restrita assim, com muito pouco dinheiro. E aí foi que a gente fez e o Memo na época, o Adelmo, estava em Porto Alegre fazendo um jornal alternativo com o Sergio meu marido e aí eu fazia campanha durante a semana, ah o Gil, levando meu nome, o do Memo e o do Gil nas vilas assim e depois final de semana o Memo vinha. Enfim era dentro do possível e do necessário esse trabalho que a gente fez, essa campanha eleitoral e aí então chegou na eleição eu e o Memo nos elegemos o Gil não conseguiu a eleição. Então de qualquer maneira dois de nós, mais consequentes mais à esquerda, participamos e vencemos a eleição, pela primeira vez, o que também não é uma coisa muito fácil e sem grana.

AF:

Sim! Uma que eu me questionei agora no momento que tu estavas contando, eu vi sim o teu vídeo que tu falas que é filha de militar. Como foi com o teu pai nesse processo de eleição? Como que ele viu esse processo? Por que tu vens de viagem então e te depara com a indicação do teu nome para candidata a eleição pelo setor feminino do partido que você fazia parte. Como ele vê isso?

MRAB:

Primeiro indicado pelas mulheres, mas para ter um nome indicado por um partido precisa ter uma nova convenção, aí foi feita uma convenção muito singela, mas foi feita e formalizada tudo isso. Bem, o meu pai era uma pessoa bem conservadora assim, mas ele era médico também, então ele não era envolvido com questões políticas assim, ele era muito reflexivo, mas não era enfim não era um legítimo representante dos militares naquele momento, mas era favorável ao Golpe sem dúvida. Bem, aí quando eles ficaram sabendo minha mãe que ficou mais revoltada, minha mãe eu acho que era mais de direita mesmo, e o meu pai bom eles ficaram um tempo, a mãe ficou brava comigo. Não tinha telefone como hoje. Depois um dia meu pai disse, e eu por acaso faço aniversário no quinze de novembro, na época a eleição era quinze de novembro, e meu pai teria que vir aqui ao Rio Grande do Sul por que ia transportar os ossos, os restos mortais do avô do Mário Quintana, de um Paraguaio que morreu na Guerra do Paraguai aqui para o Rio Grande do Sul. Aí

então um dia falando, falei no telefone com o pai assim, e nisso não se falava mais por que era um antagonismo na minha cabeça pelo menos era absoluto da parte deles comigo. Aí um dia em um telefonema desses o meu pai disse, lá por setembro/outubro eu acho, a eleição era quinze de novembro, ele me disse que “Há pois é e tal, eu tenho que ir ao Rio Grande do Sul, vou de avião para buscar” [...] essa história toda e aí eu vou lá e tal, e no dia quinze de novembro eu vou está no Rio Grande do Sul, bem e meu título é de Santa Maria (emocionada) e Santa Maria eu tenho candidato (Lágrimas). Sempre que eu falo isso é uma emoção, aí foi isso. Mas um respeito da parte do meu pai, assim total com relação a essa militância e tal, e ele queria sempre entender a sociedade tal, ele depois quando saiu do exército, ele escreveu para o Tancredo Neves, escreveu para o Ulisses Guimaraes e para um outro que agora eu não to me lembrando. De três partidos, para ver se ele se filiava em algum deles. O Ulisses foi mais sumário, o Tancredo fez uma carta longa dizendo, era do PP se não me engano, não sei qual era o partido do Tancredo, e aí escreveu uma carta que ele tinha, e dizendo que era uma honra o meu pai entrar. Mas aí ele nunca, na verdade nunca teve militância.

AF:

Que legal! A tua percepção desse ativismo de mulheres dentro da câmara, tu lembras de mais alguma mulher como vereadora ou tu era a única?

MRAB:

Não assim ó, essa militância feminina ela começou conosco na cidade. Teve uma antiga vereadora que se chamava Maria Pavani, mas muito das antigas assim, que eu nem conheci nem nada. Depois eu fui a primeira mulher, depois de muito tempo, e logo como a gente tinha toda essa articulação política assim, e aquilo nós estamos falando de anos 1980/1970, não 1970, 1980 veio depois. A gente começou a discussão principalmente comigo do ponto de vista de uma mensagem, de um discurso para as mulheres, surgiu essa discussão, essa necessidade da discussão do feminismo, e aí eu comecei a ler e nós o nosso grupo era muito parelho não tinha muita diferença entre ser homem ou mulher. As discussões eram praticamente únicas. Então, eu, o Memo, o Sérgio, o Beto São Pedro também que trabalhou depois aí na câmara e tal, aliás foi vereador também e depois trabalhou como assessor de imprensa eu acho. E a gente fazia essa discussão e as namoradas, as

companheiras deles também participavam disso tudo. Então esse discurso digamos ele começou em Santa Maria conosco, isso nós estamos falando de anos setenta e poucos, setenta quem sabe cinco/quatro e era mesmo o 1969 da França, estava muito próximo ainda. Então aí, foi que a gente articulou esse discurso e depois mulheres aqui em Porto Alegre, também tinham as feministas mais sexistas, depois do PCdoB fazia uma discussão também sobre um feminismo assim junto da classe trabalhadora e nós fomos fazendo essa discussão. E aí era, na verdade, era só eu na Câmara de Vereadores, depois na outra eleição ocorrem outras candidatas eu acho. Uma delas era até uma que fez campanha do setor feminino, fez campanha para mim, que entrou mas eu não me lembro se ela entrou logo a seguir ou pulou mais um pouco assim mais algum mandato, que era a ... não me lembro agora o nome dela. Tudo isso faz muitos anos, mas parando eu me lembraria, mas tem lá naquele mural da câmara, enfim eram três irmãs que eram militantes antigas advindas do PTB depois entraram no MDB e ficaram com o PMDB. Bem 1984 que foi nossa última sessão, e eu já estava em Porto Alegre, foi a nossa digamos última discussão no sentido de sai do PMDB, que daí houve a transição MDB/PMDB e nós entendemos em Santa Maria, Memo e eu até o Tarso que militava aqui em Porto Alegre, todos nós entendemos que ainda não havia um motivo pelo qual nós precisássemos trocar de partido. O PT ainda não mostrava a que tinha vindo, e nós tínhamos todo uma articulação de interior aonde a penetração no PT seria bem mais difícil. Com todas as dificuldades que já se tinha para uma campanha eleitoral, que aquela campanha onde o Memo não se elegeu que foi em 1982, foi uma campanha eleitoral onde a esquerda não se elegeu. Se teve o 1978 que todo mundo se elegeu, até deputado do Paraná com 10 mil votos se não me engano, para deputado federal, na campanha de 1982 onde o Memo foi candidato, o dr. Adelmo foi candidato a prefeito ou vice com o Carlos Alberto Hobson, ali ninguém se elegeu. Bem, então nós avaliamos isso tudo e entendemos que trocar de partido só nos complicaria do ponto de vista de uma penetração eleitoral e ainda tinha uma posição, esse nosso grupo todo, que o PT era um partido institucional e não era um partido revolucionário, não era através dele, etc. Ele era um partido legal, institucional através do qual nós transitaríamos as nossas ideias institucionais. Então, foi só em 1984, que a gente discutindo e tal chegou a conclusão que aí era o momento de nós trocarmos de partido, alinhados então com o PT. Um único de nós que mais cedo foi para o PT foi o que é professor, se não me engano da USP agora, acho que é a

USP, que é o Aldo Fornasieri que sempre aparece em alguma coisa, algum escrito que se tem por aí, é uma pessoa muito legal.

AF:

Tu me disseste que no grupo de vocês a discussão era feita normalmente entre as companheiras dos teus colegas de partido. Mas como isso era visto dentro da Câmara, nas das tuas aprovações? Eu vejo que por muitas atas de sessões o teu nome aparece com discussões pontuais assim, e sempre levantando coisas. Tu era respeitada lá dentro? Como que era essa tua relação com os outros vereadores?

MRAB:

Olha era bem razoável, eles tinham respeito que a gente talvez tinha uma formação a mais assim do ponto de vista político até do ponto de vista digamos eu era universitária. Na verdade, a câmara naqueles anos 1970 assim, as câmaras são, hoje eu participo muitas vezes de sessões aqui na câmara de Porto Alegre, e tem pequenas variações assim, mas tem muitas dificuldades esse pequeno parlamento. Então, eu tinha, a gente tinha bastante respeitabilidade e também pelo fato de que não era só eu era um grupo, não se acusava, não se criticava, não se denunciava alguma coisa sem que se soubesse contra quem se estava falando, e mais a gente tinha uma posição à esquerda, quer dizer, era uma posição na época muito problemática assim, por que era né. Nós tínhamos até um que a gente chamava lá na câmara que era o vereador número 23 ou 22 sei lá, era um a mais, que era um cara tido do SNI que assistia todas as sessões. Então, digamos, passa aquela nossa imagem, as nossas posições de esquerda, demonstrava que a gente tinha bastante coragem. Tínhamos mesmo. Então isso tudo era muito respeitado, apesar de eu ser uma menina estar sempre de branco, agitada demais, o Memo mesmo dizia que eu era o Ajax, o furacão branco porque sempre de branco a 200 por hora assim. Enfim, mas a gente era bastante consequente no que fazia por que tinha um grupo político importante a volta.

AF:

Junto.

MRAB:

É.

AF:

Que lembranças tu tens, se tu tens alguma lembrança, desse processo de redemocratização, do bipartidarismo que tu me falaste já um pouco. Do processo de abertura, das diretas já, tu tens alguma lembrança marcante deste processo aqui em Santa Maria?

MRAB:

Pois bem, aí em Santa Maria eu tenho bastante marcante a questão da repressão, que o Memo no início do mandato ele disse, eu estava claro na Câmara naquele momento numa sessão, ele disse que o Figueiredo não tinha condições mentais de gerir o país e ele foi enquadrado em 1979 eu acho, que eu to me lembrando que a Letícia que era a mulher dele estava esperando bebe, quando ele foi nas primeiras audiências. Então, isso foi em 1979 para 1980 ele foi enquadrado, ou antes até, na Lei de Segurança Nacional, então isso me lembro bastante, me lembro bastante dessa pessoa que ia nas sessões da câmara, então como a gente vivia assim. Outra nas reuniões do setor jovem do MDB da mesma maneira sempre tinha alguém que aparecia isso era muito ruim. Bem já o 1985 das Diretas Já, o 1982 eu sai definitivamente de Santa Maria, mas assim a gente já tinha o movimento estudantil conosco, já tinha sido refundada a UNE então se eu puder me lembrar assim as coisas começaram a andar, para nós né, nós estudantes. A retomada da casa de estudante, depois a reconstrução da UNE que eu fui representando a câmara de vereadores, eu era vice-presidente nessa época, e o João Nascimento da Silva que era presidente não pode ir sei lá, eu fui como representante do legislativo municipal num grande ato que teve bem na entrada da universidade, ali onde tem quase que um vale enfim, não me lembro que prédio era aquele, não me lembro mais. Bem, então ali eu fui. Então essas coisas todas eram os raios de sol que significavam a redemocratização. Mas na verdade aí o 1985, o comício das Diretas já, etc. Eu já estava em Porto Alegre.

AF:

Eu quero te fazer uma pergunta bem pontual. Essas mulheres que tu me disseste que faziam parte do MDB e que te indicaram para você ser a candidata a vereadora

pelo setor feminino, tu lembrás do perfil delas? Elas eram estudantes? Elas eram trabalhadoras? Tu lembrás o perfil destas mulheres que participam do partido nesse momento contigo?

MRAB:

Sim, elas eram mulheres, cabos eleitorais de alguns vereadores. Essas três irmãs que eu me lembro por exemplo, elas eram de fé assim, iam de casa em casa e elas foram comigo. Mas elas eram também muito partidárias do Elói Ricaldi, que era um vereador se não me engano até ligado a, como é que eu vou dizer, a religiões afro. Então elas tinham um vínculo muito forte, elas me escolheram, poder escolher uma mulher no sentido de ter uma opção assim por fazer valer então a questão das mulheres. Mas elas tinham esse vínculo, e tinham outras que também tinham vínculos com outros. Me lembro até de uma querida amada que era mãe do Cezar Schirmer, que também era militante assim, muito entusiasta do filho, era uma família muito querida a dele, e essa, me esqueci agora o nome dela, também era umas pessoas que participava assim se não me engano ou mais com o Cezar, mas eu me lembro. Então sempre senhoras mais velhas, bem mais velhas que eu que tinha 20/21/22 anos por aí. Acho que quando eu me elegi eu estava fazendo neste dia acho que 23, foi setenta é 1976 eu estava fazendo 23 anos. E então eram essas pessoas mais velhas, eram cabos eleitorais na verdade, não tinham nenhum discurso a esquerda, o discurso feminista era aquele muito válido, mas aquele bem simples assim. É a mulher que sofre mais, é a mulher a questão da segunda jornada de trabalho, é ela que chega em casa, ele vai tomar sua caipirinha, ela chega e vai lavar roupa e vai dar banho em filho.

AF:

As bandeiras pontuais.

MRAB:

Mas iam até aí a discussão.

AF:

Dessas bandeiras, tu lembrás de alguma bandeira feminista que tenha ido para a votação dentro da Câmara ou alguma discussão mais pontual feminista? Essas

discussões desse viés mesmo, por que eu acho que o feminismo hoje tem diferentes discussões sobre o que é feminismo. Mas na época que estamos tratando, a década de 1980, ele está surgindo com bastante efervescência. Tem alguma coisa que perpassou por dentro da Câmara que tu lembre?

MRAB:

Olha eu como, até como uma questão bem pontual e importante assim, eu me lembro de uma discussão, que eu não sei se estava, mas certamente estava numa discussão nacional, que falou sobre o aborto e foi uma coisa, eu até lembro de um vereador, falando contra o aborto. Bom, e o aborto mobiliza até hoje conferências nacionais de saúde, qualquer lugar o aborto mobiliza. E aí eu me lembro que dele falando, imagina não sei o que e tal, e aí eu me lembro que eu disse uma frase bem coisa minha, ainda mais naquela época, eu digo: “Olha eu não tenho a menor dúvida que se os homens engravidassem o aborto já estava legalizado no Brasil e no mundo”. Isso em setenta e poucos era uma coisa muito emblemática assim. Outra vez teve discussões com relação a, que foi bem em 1977 que foi promulgada a lei do divórcio, e aí eu me lembro também de um vereador dizendo, imagina daí tu [...], ele deu a entender assim aí ele não está mais com aquela mulher e ainda fica pagando pensão pelo que não usa, que dizer um troço completamente absurdo. E aí a gente pulava, eu e o Memo para nós era uma delícia contrapor esse tipo de coisa.

AF:

O legal é que eu vejo que essa parceria que tu teve com o Adelmo foi muito forte, tanto durante a campanha né como dentro da câmara.

MRAB:

A vida inteira, eu sempre digo assim, que eu sempre me dei super bem com a família dele, então quando eu faço alusão a ele digo é meu outro irmão assim, por que foi tudo tão intenso, tão forte, muito tempo e tal. Então, eu me relacionava bem com o Sergio depois, mas eu tinha os meus assuntos com o Memo assim, por que eram aquelas coisas sabe, preciso falar contigo, e as vezes o Sergio não tinha essa paciência toda. Por que nós éramos, eu e o Memo, muito companheiros. Então eu tinha mais respeito ainda do que as vezes um casal que diz “há to podre, to

cansado, não sei que ” (risos) e vice e versa. Claro né, mas ele sempre aquela pessoa muito mais iluminada frente a todo mundo, claro.

AF:

Teve alguma política para mulheres aprovada na Câmara durante teu período como vereadora? Tu lembras de alguma política que foi aprovada? Pesquisando as atas eu vi teu apoio a greve de professores, onde estão presente algumas professoras nesta sessão. Mas alguma política específica de mulheres que foi aprovada neste período na câmara, você lembra de alguma?

MRAB:

Eu não me lembro, era tudo muito insipiente e a questão por exemplo de uma bandeira que é fundamental no município é a questão, por exemplo das creches. E isso não se colocava na época, naqueles anos apesar de as mulheres também trabalharem, elas não só não trabalhavam tanto como não se colocava ainda essa questão, por exemplo, eu me lembro que eu abordei sempre bastante a questão de medicamentos e tal, mas a questão da área da saúde que eu era estudante. Mas políticas específicas para as mulheres agora eu não tenho, era mais o discurso mesmo mas, digamos projetos de lei que nós tivemos foram fundamentais, foi fundamental aquele da questão dos comitês. É um exemplo das comunas assim de Paris e tal, que foi do Memo e que nunca conseguiu passar por que tinha cheiro de abertura, de espaço popular. Então a gente se detinha nas questões mais pontuais na medida que vivíamos um tempo muito complicado. E esse espaço mais democrático de dever do poder público, tinha muito menos naquela época.

AF:

Tu lembras se tinha alguma repercussão disso nos meios de comunicação? Dessas mulheres participando da política. Se tinha uma abertura para vocês falar nos meios de comunicação, que daí seriam a televisão e o rádio no momento.

MRAB:

Olha tinha, mas eu também me lembro muito da abertura assim com relação as nossas questões dadas pelo jornal A razão, que era o único da cidade, e os nossos amigos por exemplo o Memo era jornalista, a Letícia mulher dele na época era

jornalista. Nós tínhamos, eles eram da primeira turma de jornalismo, o Sergio era jornalista, o Jacaré estudando jornalismo e tal. Hoje o querido, como que é o nome dele, ta me fugindo os nomes. Bem, então os amigos eram jornalistas e eles davam um espaço para gente, então no jornal A razão aparecia muito. Depois também na rádio assim a gente dava muita entrevista e tal. Eu me lembro que na época daquela, da Lei de Segurança Nacional do Memo eu dei muita entrevista, eu fui retirada da sala junto com presidente do setor jovem estadual do MDB, então foi aquilo ali eu dei entrevista assim, para a época, corajosas para mim óbvias. Mas era uma coisa, aquilo ali era um tribunal militar, que julgava na Lei de Segurança Nacional, então era uma coisa que mobilizou o Estado inteiro e tal e eu fui retirada da sala, estava uma situação muito nervosa naquele momento. Mas com relação as questões das mulheres eram pontuais e do ponto de vista de projetos de lei assim não. Digamos as bandeiras do feminismo eu não tenho dúvida que assim que se falava, a questão da dupla jornada de trabalho, essa questão por exemplo do aborto, essa eu me lembro bem porque é bem emblemática, a questão do divórcio também, enfim eram posições assim para aquele tempo as melhores posições possíveis assim.

AF:

Para finalizar então a nossa entrevista, eu queria que você me colocasse sem tem alguma lembrança assim que foi marcante deste teu período aqui em Santa Maria, desse teu período como vereadora, que tenha ficado marcado para ti. Algum fato, algum episódio?

MRAB:

Bah não sei dizer. Eu acho que foi muito aquela, tu imaginas assim eu me casei com 18/19 anos fui morar no porãozinho da minha sogra, então digamos assim sai de uma família, até uma família relativamente conhecida e tal. Meus pais se mudaram da cidade, que meu pai foi promovido saiu, ele era diretor do hospital militar aí. E aí eu tive que me construir como individuo, então digamos eu me construí antes como individuo público e estou me construindo até hoje como privado (risos) como eu espero que todo mundo. Mas então, aquele sentimento do coletivo de a gente pensar juntos as coisas todas, aquela situação que a gente vivia assim de imensa dificuldade por causa da repressão, era aquela história que se falava do 477, do

288, essas coisas assim né, que já tinham uns colegas um pouco mais velhos que nós que foram processados por isso. Então a sensação de estar em Santa Maria vivendo exatamente no fio da navalha. Então deixar de ser alguém acolhida por uma família, com pai, com mãe, enfim e me casei com outro igual a mim, outro menino como eu, nós outros meninos ali, grupo de meninos. O Memo tinha família aí, mas vários outros não tinham, eram aqueles amigos que vinham e companheiros que vinham morar, vinham estudar em Santa Maria, iniciando a faculdade. Então um bando de piá, cheio de coisas na cabeça e eu na institucionalidade, então digamos esses compromissos e depois a construção do grupo germinal, que foi um troço muito legal, que daí foi quando a gente sistematizou a discussão, colocando as gurias na roda assim, colocando, sempre estiveram, mas oficializando a necessidade da discussão do feminismo com as mulheres. E abrindo na inauguração do germinal, que a gente levou a Clarissa Herzog, eu levei até de carro ela para aí assim, por que assim tudo era muito difícil. Então a gente que espero ela em Porto Alegre e foi levar de carro. Então tudo isso foi muito emblemático assim essa, digamos, a entrada no movimento estudantil, a entrada na militância partidária, depois a entrada nessa militância de gênero que hoje é chamada. Então, essa necessidade dessa construção desse eu político, não sei se dá para chamar desse jeito. Então Santa Maria, eu não nasci em Santa Maria, mas eu até tenho ali no meu *facebook*, mas eu sou de Santa Maria, como muita gente que não nasceu em Santa Maria e é de Santa Maria. Por que eu culturalmente sou de Santa Maria, eu me construí enquanto indivíduo assim em Santa Maria, e ideologicamente assim eu faço parte, fiz parte de um grupo que olha o mundo de um jeito assim bem mais aberto.

AF:

Tu lembra que algumas das integrantes do Germinal? Já que tu falou dele, eu estou tendo uma certa dificuldade de encontrar alguém para entrevistar. Já estou mantendo contato com uma mulher chamada Rita de Cácia aí de Porto Alegre, não sei se você conhece.

MRAB:

Sim, Sim.

AF:

Mas tu conheces mais alguém que posso me indicar?

MRAB:

Claro! Se eu não me engano ela é diretora do Maria Rocha, a Cleu, a Cleunice Fialho a “Cleuzinha”. Ela é excelente assim, tu conversando com ela tu vai gostar muito dela. Ela, eu acho que ela é sim diretora do Maria Rocha, e ela é uma das fundadoras. A Rita eu converso com ela sempre aqui em Porto Alegre, ela mora aqui. Depois tem a Letícia que era mulher do Memo na época, jornalista que mora aqui em Porto Alegre. Mas a “Cleuzinha”, tem a Circe também, a Circe se aposentou, Circe, esqueci agora o nome dela, ela até é minha amiga no face, a Circe ela também era e tal. Quem era mais que ficou em Santa Maria, por que na verdade a gente foi saindo, eu fui talvez a primeira que saiu até. Mas se tu procurar a Cleonice, ela é muito assim, muitas vezes ela não entra no face, foi o que as gurias me disseram, mas tu faz contato com ela, talvez eu tenha o telefone, mas ela é meio porco espinho assim nesse sentido da comunicação, mas ela é uma pessoa adorável. Se tu ligar para ela, ou lá para o Maria Rocha tu vai saber os contatos com ela.

AF:

Vou tentar contato com ela sim. Foi um prazer Maria Rita falar contigo, foi um grande prazer.

MRAB:

Meu também!

AF:

Já ouvindo tua entrevista naquele vídeo eu te achei uma mulher muito corajosa para a época, e fiquei cheia de dúvidas que aquela mulher hoje médica em Porto Alegre era a mesma menina que tinha sido vereadora aqui, e agora podendo ouvir tua história é genial poder tratar de tua trajetória em meu trabalho. Muito obrigada mesmo pela tua disponibilidade em falar comigo e me conceder esta entrevista.

MRAB:

Estou à disposição..

AF:

Está bom, um abraço e muito obrigada mais uma vez.

MRAB:

Obrigada e um beijo grande.

Transcrição 05 - Entrevista Vera Flores

Aline Flores:

Como foi tua participação na política da cidade de Santa Maria na década de 1980?

Como que ela iniciou e como ela se deu?

Vera Flores:

Olha eu tive por Santa Maria duas passagens né, primeiro eu entrei na faculdade aqui de jornalismo na UFSM 1976, eu tenho 59 anos né, aí eu fiquei dois anos na faculdade fui embora de Santa Maria, morei em Porto Alegre, morei em Salvador, e depois eu voltei para Santa Maria e eu acho que o período assim eu tive duas épocas de militância. Essa primeira fase foi em Porto Alegre, que dizer aqui na faculdade a gente era de diretório acadêmico era época do fim da ditadura, era época bem dura a direita dominava total aqui, eu entrei na faculdade por exemplo quando o Adelmo Genro Filho, tu deves ter ouvido falar que é irmão do Tarso, estava se formando vários amigos meus estavam se formando e eu entrei assim bem novinha com 18 anos entendeu. Eles eram inteligentes e eu já era meio rebelde então aí eu juntei a rebeldia com a ... eles liam muito, eles tinham muitos livros, então eu me envolvi muito com eles assim, aí isso ficou guardado. Aí eu fui embora daqui fui para Porto Alegre, fui morar em Porto Alegre e lá eu comecei a militar em movimentos tipo o da Anistia que tinha a parte dos exilados ainda, estava no fim da ditadura, já não estava mais sangrenta, mas as pessoas continuavam fora né. Então eu fiz algumas campanhas lá e tal, depois eu voltei para cá aí que eu entro mais, fiz faculdade de novo aqui, fiz outro vestibular e entrei de novo aqui e aí que eu fico mais no movimento estudantil e aí que surgiu o Germinal também. Eu queria ressaltar pra ti assim duas coisas assim que eu fiquei pensando sobre isso, é bom

essas coisas que a gente começa a pensar né, tem duas caracterizações assim que eu gostaria de fazer do momento que a gente viveu com o surgimento do germinal e da militância política, um, a Ditadura, entende, aquilo ali era uma coisa assim avassaladora em todos os pontos de vista, segundo, um conflito de gerações que era muito forte, por exemplo, assim, eu acho que a minha geração e a geração das gurias que eram do Germinal foi a primeira geração que saiu de casa cedo, eu sai com 19 anos de casa, que hoje até nem é comum mais eu tenho um filho de 31 que mora junto comigo entendeu, então assim ó mas naquela época minha mãe era empresaria e tal não era dona de casa, mas casou por que a irmã arrumou o casamento tu entende, sabe aquelas coisas assim, sabe eu acho que a nossa geração ela foi uma geração que quebrou barreiras, e o Germinal tem a ver com isso entende? Tem a ver com a política e tem a ver com isso, que é uma geração de gente que quebrou barreiras pra romper, pra transar com o namorado, isso não era comum antes. Então acho que a gente avançou muito nisso aí, saía de casa cedo queria ter sua liberdade seu dizer por conta própria o que pensava das coisas entendeu, ter opinião, minha mãe nunca ... minha mãe era da Arena tu entendes, eu sou petista, não tem ninguém da minha família que seja petista, só os meus filhos entendem. Então é uma barreira que tu tens que quebrar assim, eu acho que a gente quebrou esta barreira e essa luta de geração acho que é bem importante. Aí a gente entra na militância política né, eu achei aqui, claro eu gosto de achar também né, o comício das diretas em Santa Maria eu to aqui ó no palanque (mostrou a capa do jornal A razão) Gilberto Lucas Coelho ta falando, Genuíno ta aqui ...

AF:

Que legal.

VF:

Por que nós tínhamos assim essa militância muito forte sabe, é a militância política, isso aí influenciou o Germinal também, por que o Germinal se constrói de uma forma de uma forma diferente era uma época que tinha muitos movimentos de mulheres, hoje tu encontra assim o Partido da Mulher Brasileira, o não sei o que, política de cotas de mulheres, mas na nossa época foi surgimento do movimento de mulheres a nível internacional já tinha e a nível nacional também, e a gente assim acho que tinha duas coisas que nos diferenciava das demais, que o Germinal se diferenciava

dos outros grupos de mulheres, uma coisa não era sexista, que hoje em dia está na moda de novo tu vê algumas gurias que são feministas são contra homem, nós não éramos contra homem, o slogan do Germinal era "Queremos Pão e Rosas Também". Isso eu acho que quer dizer muita coisa. Então primeiro lugar essa coisa que a gente não era sexista, todos os grupos políticos da universidade tinham grupos feministas, na época tinham vários grupos feministas, então o nosso não ele não se caracterizava pelo sexismo e segundo ele não se caracterizava pelo aparelhismo, que era o aparelhismo, eram grupos ligados principalmente ao PMDB na época que queriam, aqui tem uma matéria que eu fiz para o jornal Movimento até ó, que eu também achei ó, que é sobre movimento de mulheres, que é a criação da federação das mulheres que o PMDB queria fazer, aí eu tava lendo a matéria até eu cito a Rita aí, Assis Brasil elas nos chamavam de grã finas eu nem me lembrava disso, por que? Porque nós queríamos discutir a questão política, mas prioritariamente a questão das mulheres que esse era nosso foco era discutir a questão das mulheres e elas queriam já fazer uma federação entendeu, meio aparelhismo assim. Então essas duas distinções eu acho que a gente tem, não era sexista e não era aparelhista, a gente queria discutir a questão das mulheres com o foco na questão política, política tinha muita importância para nós ...

AF:

Até por causa do período.

VF:

Total, total pelo período, nós éramos militantes políticas. Quem que nós éramos? Que é uma pergunta que tu faz aqui, nós éramos principalmente estudantes do movimento estudantil. Santa Maria pela sua configuração econômica, ela não tem indústria, ela não tem ... então tu não tinhas assim um movimento operário organizado ou ... então a gente era assim principalmente estudantes classe média, algumas já formadas profissionais liberais, poucas, e algum trabalho que vila que a gente tinha, não me lembro se é Vila Oliveira que tinha, umas vilas que tinha aqui tinha uns trabalhos. E a gente assim ó, por exemplo, uma vez eu e a Cleonice que tu falas nós escrevemos um texto sobre o aborto, não que nós éramos punk né? Era um negócio desse tamanho mais ou menos (mostra uma página inteira de um jornal) nós fizemos não sei quantos mil, nós distribuimos no Calçadão, gente era um

negócio, eu fico olhando isso hoje era impressionante. Outra coisa a gente tinha ampla, cobertura da imprensa, ampla!

AF:

Era uma pergunta que eu ia te fazer.

VF:

Ampla, ampla. Eu não sei, eu sou jornalista né, eu não sei se por que eu conhecia as pessoas, por que naquela época as pessoas não eram formadas ainda estavam estudando, então sei lá eu entrei uma vez e sai depois eu entrei outra entendeu. Então eu não sei se por que eu tinha essa facilidade não só por causa do jornalismo que é uma coisa que eu gosto muito, mas por que talvez os caras tenham sido meus colegas. Mas nós tínhamos, eu dava entrevista na televisão direto, na RBS aqui, direto ...

AF:

Com discussões do grupo?

VF:

Cara com o negócio de mulheres pra ti ter uma ideia uma vez nós inventamos, nos inventávamos horrores, as inventiva, nós inventamos um teatro de poesia no Bombril lotado, lotado pra nos assistir entendeu, eu declamava poesia, a Márcia Soares declamava uma poesia, a Rita declamava uma outra Rita, a Rita Assis Brasil já não ta mais aqui, o troço lotado que realmente a gente tinha o ... nós não fazia coisa pequena era coisas assim imensas, imensas, a gente tinha uma projeção, um conhecimento, eu até acho que eu fiquei pensando uma coisa que tu levantou ali nas tuas perguntas sobre o machismo, eu até acho que o machismo quando o Germinal começou ele meio que foi um tapa de luva até nisso, por que nós nos fizemos ouvi, que a gente era muito eficiente, a gente era muito eficiente, muito eficiente que eu digo nisso assim, a gente tinha não só as ideias, a gente reunia, discutia, fazia manifesto, largava na rua, dava entrevista , então a gente era um negócio vivo sabe, isso aí eu acho que também colocou os homens nunca foram assim contra o movimento entendeu, tem pessoas que ajudaram, homens que

ajudaram a pensar o movimento feminista, que a gente tinha essa relação muito política também, então não acho que tivesse havido um machismo, não que não houvesse entende, mas acho que o Germinal ele colocou as coisas mais nos seus lugares assim, a luta das mulheres é .. é difícil né, por uma questão de que a gente engravida, a gente amamenta entendeu, é não só o homem, mas como os animais entende, é uma relação natural na natureza não só humana mas dos animais também que ela é muito difícil, tu vê que as mulheres levaram anos para poder votar entende, tem lugares que a mulher ... bom o Brasil hoje a violência contra a mulher é um negócio absurdo, tivemos uma presidente deposta entendeu, que é mulher, não eu até nem acho que o governo dela tenha sido uma maravilha, o Temer também não é entendeu, pegaram ele com 500 mil na mala, e se fosse mulher? [...] O machismo é impressionante, tu assististe aquele filme As Sufragistas? Que ali mostra no final do filme o ano que cada país teve o direito da mulher votar entendeu, para ali um negócio absurdo. [...] Não que ele não existisse, existia, mas a gente estava tão focada naquilo ali, mas acho que isso aí é um conflito de geração ajudou muito, ajudou muito no sentido que temos que romper, temos que ir pra frente entendeu, sabe?

AF:

Aham! E esse movimento de mulheres o Germinal tinha alguma ligação com partidos políticos ou não assim?

VF:

Olha, ele tinha a ver com política e com, na época eu vou te falar de mim né, a gente tinha um partido clandestino comunista, hoje eu nem sou mais comunista nem sei o que eu sou mais atualmente de tanto tanta coisa que eu opino, opinião eu tenho bastante, mas eu não sei o que eu sou assim para configurar um perfil eu não sei. Mas na época a gente tinha esse partido e a gente tinha um grupo dentro deste partido que se relacionava com o Germinal, se relacionava que eu digo que a gente discutia porque o movimento, isso eu acho entendeu, de forma espontânea ele é positivo é bom, mas nós discutíamos antes o que fazer, que nem se fosse um grupo de amigos, um grupo de pessoas que militam ali entendeu, a gente impulsionava o negócio entendeu, eu era desse grupo então tinha tudo a ver com política, tudo a ver com política.

AF:

Mas não que tivesse ligação assim direta com um partido? Era um grupo, tu achas, de mulheres que se organizam não em prol de um partido, mas do grupo feminista...

VF:

Do grupo feminista total e absolutamente, total e absolutamente. Era um movimento de mulheres, e a gente se achava moderna, e a gente era entendeu ... vanguarda, moderna. A gente lia as Russas, agente lia tudo que saia, a gente estudava muito, sabe estudar por exemplo para fazer esse folheto que eu te falei do aborto, gente nós estudamos livros, hoje em dia ninguém estuda que estão no facebook ali. Nós estudávamos livro, a gente comprava livro, mandava pedi livro entendeu, por que aqui em Santa Maria também fora a Cesma não tem muita coisa né, mas quando não tinha a gente ... literatura para nós a gente trazia na época assim umas escritoras famosas do Brasil que escreviam sobre mulheres, Rose Marie Murarouma que eu me lembrei agora, a gente trazia aqui para fazer palestra, nós fazíamos e acontecíamos. Sempre, sempre com um foco nas mulheres, mas n as mulheres na política, mas com a questão da mulher, nosso negócio era ... é a questão do aborto a gente discutia, hoje eu não tenho mais posição sobre o aborto por exemplo, entendeu, não sou contra, mas também dizer assim que eu sou a favor (balança a cabeça fazendo sinal de negação)... Mas na época, a gente tinha posição sobre o aborto que a gente estudou para chegar naquela posição, entende, a gente fez um estudo, era tudo estudado, tudo era muito estudado para chegar naquela opinião. Mas a gente tinha foco nessas coisas de mulheres entendeu, contra violência e ligada a política, mas foco nas mulheres.

AF:

Acerca Vera desse processo de redemocratização que tu me falas que vocês viveram dentro do grupo Germinal, o que tu tens? Tu tens alguma lembrança específica desse processo de Direta Já, tu já me falaste do jornal, como é que foi vivenciar esse processo dentro do grupo aqui em Santa Maria?

VF:

Olha eu acho, eu sou daquelas pessoas que acho que por mais decepcionada que eu posso estar hoje um pouco com o PT eu sou filiada ainda, não vou sair também e se tu me perguntar em quem eu vou votar em 2018: vou votar no Lula. Então não to arrependida, eu sou uma pessoa que eu sou feliz com o histórico que eu tenho, não sou triste com isso. Eu tinha assim, eu tinha uma família, minha mãe era dona da Sibramas tu deve conhecer as lojas, não era rica mas eu não era pobre, eu poderia ter tido uma outra vida se eu quisesse assim uma outra ... não me arrependo de nada que eu fiz entende, eu acho que a militância política me deu uma ... como é que eu vou te dizer assim, um modo de olhar que eu não me arrependo entende, eu acho que isso aí é importante porque tem gente que se arrepende, tem gente que "ai podia ter feito outra coisa", eu até acho que podia ter feito outra coisa mas eu gosto do que eu fiz entende. Por exemplo assim, o movimento das Diretas, foi um negócio assim ... Germinal eu tenho maior orgulho disso, Resistência que nós tínhamos no movimento estudantil aqui, o ano passado a gente fez um encontro da Resistência nosso grupo do movimento estudantil aqui, a gente reuniu umas duzentas pessoas em Porto Alegre, teve gente que vieram de outro Estado para as festas que nós fizemos, foi assim uma coisa bárbara entende, por que? Porque são pessoas que não se arrependeram do que fizeram sabe, que acham que aquilo ali é a construção de uma história, construção de um pensamento. Eu sou de esquerda, e não quero mudar entende, eu acho os valores de direita muito desumanos, muito ... eu não tenho identidade, não adianta que eu não vou ter identidade. Eu gosto do bom, gosto de dinheiro, gosto de estrutura, mas eu sou de esquerda entende. Então não adianta, eu acho que essa trajetória do Germinal me ensinou horrores sabe ensina, a militância no movimento estudantil me ensinou horrores, a militância no PT também me ensinou horrores no sentido de emoções que tu vive, que tu ... tu entende, que tu sente, que tu ajuda, que tu ... isso aí colabora, que dizer, o processo da mulher na luta política, na coisa da dignidade, de não ser colocada para baixo é muito difícil por que junta a coisa da natureza com o negócio cultural entende, então tu luta, é uma coisa brutal por isso que a coisa parece que parou entende, ela teve aquela fase que ela deslanchou ali quando todo mundo meio que chutou o pau da barraca e depois parece que não avançou né, mas é por que é difícil porque tem a coisa da natureza junto né, a gente continua engravidando, amamentando, dando comida para os filhos, nós somos assim, os animais são assim, não é uma coisa racional é natural mesmo é da natureza. Então assim, pra ti mudar isso tem que ter

... contra a natureza tu não pode lutar contra, nem eu lutaria por que eu acho bom engravidar, mas ela coloca esse desajuste entende, entre homem e mulher, tu tem que lutar pela parte cultural que é o que resta né.

AF:

Com certeza. A formação do Germinal em Santa Maria, tu lembra que ano que se deu?

VF:

Nessas coisas eu sou péssima, eu sou péssima para isso. Deixo ver, deixa eu pensar, foi em 1978 ou 1979, não ... foi mais adiante 1980 ou 198...liga para Cleu e pergunta que ela deve saber. [...] A Cleu viveu intensamente também, conversa com ela, tu vai gostar de conversar com ela. Fale em mim e entra, ela vai te receber, vai lá!

AF:

Tá. Como que tu acha que tinha essa aceitação então? O machismo tu acha que não sentiu tão presente por que vocês se faziam ouvir. Mas a aceitação dos homens nesses espaços que vocês frequentavam, desses movimentos que vocês faziam, como era?

VF:

Não tinha problema, não tinha problema. Eu não me lembro, olha que eu sou implicantezinha (risos) olha que eu adoro uma briga, eu não me lembro. Eu até acho que tinha entende, eu não estou dizendo que não tinha, que é impossível não ter, conhecendo a face humana como conhece impossível não ter machismo. Mas eu sinceramente, eu me lembro dos guris, os guris que eu digo os que militavam conosco, era um apoio, eu sentia isso um apoio, mas claro que devia ter uma outra forma. Não sei se por que comigo não se metiam entendeu, sei lá, pode ser porque eu para antipática (risos). Mas eu não me lembro assim de uma, por exemplo assim "Queremos pão e rosas também" eu acho que até foi feito por um homem a frase, se não me falha a memória foi feita por um homem. Posso estar errada, pergunta para a Cleu isso, eu acho que foi, por que a gente tinha uma aceitação dos guris assim ...

AF:

Do movimento estudantil? Ou eles participavam do Germinal também? Ou ele era essencialmente feminino?

VF:

Não, era essencialmente feminino.

AF:

Era de simpatizantes?

VF:

É, de mulheres simpatizantes se reuniam bastante gente, e mas não era assim uma coisa que os homens não podem entrar entendeu? Eu acho que até deve ter tido alguma coisa que a gente levava os homens também entendeu, mas era um movimento de mulheres deixar, sendo bem claro.

AF:

Como é que tu percebeste a inserção de algumas companheiras de grupo que trouxeram bandeiras de partidos para a discussão dentro do movimento, teve algum caso assim? Como foi a aceitação do grupo?

VF:

A gente tinha muita ligação com os partidos, até porque antes do PT a gente era do MDB né, quando o Germinal surgiu não tinha PT, foi antes né, então a gente era do MDB aqui, PMDB ou MDB não me lembro se já tinha o P. É, mas assim ó eu acho que não chegava a esse ponto, se tu lesse, não tem como fazer xerox aqui né [...] Se tu lê essa matéria aqui tu vai entender um pouco, essa que eu fiz para o movimento, por que aqui era nós contra o pessoal do PMDB, nós com Germinal querendo discutir a questão das mulheres, e elas nos chamavam de grã finas por causa disso entende, então não existia uma coisa assim, cada grupo político tinha o seu movimento feminista. Tu entendes de movimento estudantil?

AF:

Sim!

VF:

Conhece ... já ouviu falar da democracia socialista, da DS que era do PT, a DS por exemplo tinha a liberta, que era um grupo feminista, nós éramos amigas e tal, mas era de outra ... então umas não entravam nas outras, cada grupo tinha o seu. O nosso era mais ligado a Resistência, algum político que nós pertencíamos entendeu, a DS por exemplo tinha o liberta que era mais ligado a elas. Várias tinham, tinham vários movimentos feministas na época, vários grupos. Não é que nem hoje assim, era uma época que tinha movimento feminista, bem organizado assim. Claro nós eu acho que éramos as mais organizadas [...] É que nós temos uma característica, que acho que vem desse grupo político que a gente pertenceu, que a gente é muito organizada. Se tu visses essa festa que eu te falei da Resistência, era um negócio que ninguém fazia o que nós fazíamos. Nós tínhamos van que levava do centro de Porto Alegre até o local que era bem longe, tinha camiseta, tinha adesivo. Nós sempre fomos assim, bem multifacetado assim de ... tu entendes, nos cercava de tudo que é lado o negócio, aí então as pessoas pensavam como que iam se deslocar, então vamos contratar uma van, e o que as pessoas vão vestir? Vamos fazer uma camiseta e um adesivo tu entende. Então um negócio assim, a gente sempre foi assim, uma característica nossa, uma eficiência assim. Eu acho que o Germinal retratava isso também assim, a gente era eficiente, a gente dava entrevista, passava em rádio dando entrevista, em TV. Dava entrevista em tudo que era lugar, acho que um programa da Globo uma vez eu acho fiquei quase uma hora no ar falando entendeu. Um negócio que hoje tu olhas, tu dizes? mas isso era fato. Tinha época, não sei se tu conheces a Sandra de Deus, jornalista.

AF:

Sim!

VF:

A Sandra é coordenadora, agora me lembrei, ela tá de coordenadora da comunicação da UFRGS. A Sandra era da rádio Imembuí aqui. Nós passávamos dando entrevista, várias pessoas que a gente dava entrevista. Tinha esse acesso assim que de fato quando a gente fazia as coisas, elas tinham relevância então nós adquiríamos um respeito assim sabe, que a gente era bem organizada mesmo.

AF:

Eu queria uma memória da tua militância. Uma memória marcante que ficou e que tu falasses um pouquinho para mim se vocês sentiram essa repressão da ditadura aqui em Santa Maria, nessa movimentação de vocês.

VF:

Não, eu não senti. Eu não me lembro assim, por que eu acho que a gente pegou o fim do fim. Depois assim a gente era uma coisa que muito ... movimento de mulheres classe média assim, não chegava a afetar um ... entende um Não me lembro assim, pode ter acontecido um fato daqui, outro dali, que eu não me lembro direito entendeu. Mas eu não me lembro de uma coisa assim que tinha uma repressão não ao movimento em si, é que a gente o Germinal ele deve te ... acho que ele foi de 1981/1982 por aí entendeu, e já não tava no auge da Ditadura, 1980 ele é ... isso aí já estava bem no fim da Ditadura, não tava no ... eu acho que já tinha vindo a Anistia, não me lembro que ano que é a Anistia [...] Eu acho que já tinha vindo a Anistia [...] Eu tenho impressão que Anistia no Brasil já tinha passado aí, eu acho que foi em 1979 por aí a Anistia. Eu acho que o Germinal vem depois disso, então quando vem a Anistia já ta tudo mais sereno entendeu, já não ta no ...

AF:

Já não é uma coisa tão presente.

VF:

Não.

AF:

E de memória marcante, o que que marcou na tua vida desse período de trajetória aqui?

VF:

Tu diz memória Política?

AF:

Isso. Memória pessoal também, uma memória pessoal que tu achas que foi importante para ti, que ficou marcada.

VF:

Olha eu de memória pessoal eu tenho um caso que foi no lançamento do Germinal, que foi ali onde era ... eu chamo de Laurolândia, mas não é assim, lembra onde era do Padre Lauro ali na (risos) eu tenho umas manias de dar uns apelidos para as coisas. Lembra que tinha, eu não sei como ta hoje ...

AF:

É tipo um teatro?

VF:

Eu não sei, mas tinha um auditório enorme, ali foi o lançamento do Germinal e eu estava falando e eu tinha um filho pequenininho e ele entrou, passou por todo aquele povo, lotado, mãe...mãe não sei o que, e daí eu disse "Por isso que nós precisamos de creche", e até hoje as pessoas me olham e dizem: Vera me lembro de ti no ... Uma memória marcante para mim pessoal foi essa, política foi eu acho esse comício das Diretas foi um negócio marcante. Deixo eu ver o que mais assim ... quando teve aquela ... o movimento estudantil também teve coisas marcantes, a gente fez aquela Assembleia ... não era Assembleia Constituinte, Constituinte Universitária, não teve uma aqui. Foi a primeira que teve eu trabalhava na A razão já, cobri pela A razão, teve uma página, aí eu já era jornalista mais claro que dialogava, acho que era o Pimenta era o presidente do DCE, o Pimenta foi presidente do DCE? Foi né? Foi! acho que o Pimenta era presidente do DCE e eu trabalhava na A razão, Claudemir era me chefe, Claudemir que hoje tem um blog eu não sei onde que ele ta. E eu acho que foi assim, eu já não estava mais no movimento estudantil, mas foi uma coisa bárbara, por que não tinha nem eleição para reitor aquela época, nós lutávamos pela eleição para reitor, eu acho que foram essas coisas assim. O comício das Diretas para mim foi uma coisa muito importante, e uma escola né, uma escola total política, uma escola para a vida, é bárbaro eu acho bárbaro, acho bem legal.

AF:

É muito bom conversar contigo, eu agradeço tua disponibilidade de vir a Santa Maria e falar comigo.

Transcrição 06 - Entrevista Janes Teresinha Fraga Siqueira

Aline Flores:

Como foi a sua participação na política de Santa Maria na década de 1980? Por exemplo se participou de algum partido ou de algum movimento social. E de que forma?

Janes Siqueira:

Sim! Na verdade eu comecei um pouquinho antes né, mas na década de 1980 foi que começaram os movimentos para fundação do PT. E eu já estava participando então de movimentos sindicais, que na época não eram sindicatos que eram associações, como por exemplo a associação de professores municipais. O CPERS não era sindicato naquela época, funcionário público não podia ter sindicato, não sei se tu tens essa informação, mas ela é importante ta?

AF:

Sim.

JS:

Então aí começou, eu até comecei um pouquinho assim, participei bem pouquinho do MDB, mas quando começou a luta pela formação do PT eu quis participar, então eu me desfiliei do PMDB e fui participar da luta pela formação do PT ta. Para fundar o PT a gente precisava ter filiados suficientes, cada cidade que queria ter o PT como partido fundado e participar das eleições a gente teria que ter um número de filiados. Então eu comecei minha participação com vários militantes que desejavam fundar o PT e nós traçamos estratégias para isso, então a gente fazia reuniões né, antes da fundação a gente conseguiu lugares para as reuniões, era na casa de colegas e depois teve uma sede na Floriano Peixoto e conseguimos, nós fizemos estratégias como por exemplo mapas de vilas, de lugares que nós já tínhamos ido conhecer.

Então, no domingo por exemplo, nós nos juntávamos todos e íamos para a vila e decidíamos qual era a vila que começaríamos, qual era a rua, quantos militantes iriam. Chegávamos nas casas, batíamos palmas, nos apresentávamos e perguntávamos se queriam nos escutar, que nós éramos militantes para fundar o PT. Então, sempre tinha muita mais de uma conversa com cada família, com cada pessoa, as vezes nós tínhamos que voltar àquela vila, por exemplo a Vila Urlândia, vários locais. Então, aí depois à tardinha, quando nós terminávamos o trabalho na vila, nós voltávamos a sede para fazer uma reunião de avaliação né, e ficávamos até de noite lá e o mais interessante era a conversa com as pessoas, que em geral eram muito gentis, abriam o portão para a gente, abriam a casa, nos convidavam para entrar, nos escutavam e nós explicávamos assim ó: nós queremos fundar um partido, que caráter tinha esse partido, aquilo que nós desejávamos a nossa utopia. Que era um partido diferente, que nós temos uma política diferente, que nós não iríamos fazer a compra de votos dando rancho para as famílias, prometendo vaga na escola, era a troca. Então eles nos perguntavam várias coisas, nós pedíamos as vezes uma reunião com todo mundo da família que queria participar, primeiro, nós convidávamos para participar de uma reunião conosco, fazia algum evento para angariar dinheiro, que nós mesmos ajudávamos nesses eventos, como por exemplo galletos, reunião dançante, shows, nós tivemos até um show do Edinaldo em Santa Maria né, no dia 30 de abril. Nós tivemos shows de um cantor do Chile, que morava no Brasil, do Chile não da Argentina, que morava no Brasil Talo Pereira. Nós tivemos várias coisas assim, tinha um artista que morava ... um filho de um artista que morava na serra que também fazia reuniões na casa dele, e nós fazíamos churrasco, janta, nos encontrávamos e então nós tinha uma vida social entre nós, uma discussão política, a gente fazia grupo de estudo também, nós fazia grupo de estudo que a gente convidava jovens que queriam participar, nós começávamos com textos do Pulitzer, do Trotski, textos importantes assim, que as pessoas queriam também ler e saber, tipo uma formação política e vimos um número de filiados, inclusive esses filiados já começaram a participar depois de organizações de galletos, ajudavam, de risoto, aí nós já estávamos em outra sede que era lá no final bem pra baixo na Avenida Rio Branco né. Então a participação começou assim, depois de fundado o partido, nós começamos a participar das convenções em Porto Alegre em geral nós candidatávamos a delegada, eu fui muitas vezes delegada né, e a gente fazia até na Câmara de Vereadores nós fazíamos. Então nós conseguimos

formar o partido e dois colegas nossos, até muito interessante que era um casal de namorados, de companheiros que fundaram sozinhos praticamente o partido em São Pedro, eles conseguiram ter o número de filiados adequado pra isso. E aí nessa época, depois quando chegou, depois veio as convenções né, a escolha do presidente do partido, de secretário geral, de tesoureiro e tudo mais e os candidatos né, que a gente queria ter candidato próprio, então aí eu até fui candidata a vereadora aí nessa primeira eleição de 1982. Não sei se tu quer de incluir mais alguma pergunta que eu não tenha esclarecido?

AF:

Não ficou bem bom! Nesta eleição que tu se candidataste para vereadora e que tu me relataste que vocês tiveram candidatos próprios, é nessa eleição que tu apareces no jornal a razão então como uma mulher de destaque, quem sabe por ter uma trajetória então sempre digo tu me disseste que tu fazias parte de um sindicato que ainda não dava para chamar de sindicato ainda de professores é isso como que era tua movimentação?

JS:

Eu era professora municipal, eu fui professora municipal na escola na escola municipal Fontoura Ilha e depois na escola Duque de Caxias, eu era ... fazia um trabalho de assistência social mas como eu não tinha esse título eu era auxiliar social e nós tínhamos um plano de carreira no município que foi engavetado pelo prefeito que assumiu e nós começamos a fazer uma um abaixo assinado denunciando isso né, e pensamos inclusive na casa ... ali no RU da faculdade medicina do centro ali, nós pensamos em fundar uma associação de professores municipais, aí começamos a nos informar com os professores da Universidade Federal que tinha uma associação deles, com o CPERS e conseguimos fundar Associação de professores municipais a APM e deixar ela legalizada em seis meses fizemos a primeira assembleia no Centro Cultural, que hoje é o teatro ali, e depois disso o prefeito demitiu toda a direção da Associação. Toda a direção da Associação mais cinco professores que eram colegas, eu era vice-presidente Associação porque eu já estava no Estado nesse momento, eu já tinha entrado no estado também, e a colega a Cleonice Fialho era a presidente né, e na primeira greve dos professores estaduais eu ainda não era do estado mas íamos nas reuniões para ver, ao mesmo

tempo que aprender nos inteirar e as vezes é aberto a palavra para nós então nós dava também uma opinião lá então nós estávamos dentro desse movimento por que na outra escola queria ir a fundo, já tava essa luta pelo final da ditadura, e nós queríamos nós tínhamos lutas incluía assim ó: nós queríamos uma Assembleia Nacional Constituinte, escola pública e gratuita de qualidade, já tinha os primeiros movimentos feministas em Santa Maria né que até tinha o grupo germinal, mas eu não participei ativamente do germinal eu ia nos encontros nas palestras que eles promoviam mas assim como militante não, por que? Por que nós as mulheres do PT vamos dizer assim da época nós achávamos que o movimento feminista tinha que ser junto com os homens, não só um grupo feminista, que eu não sei a gente estava certo não entendi teria que rever isso aí até hoje, mas nós achávamos que era muito clube do bolinha que nós tínhamos que estar no palanque junto com os homens, lutando na rua junto com os homens, e que aí eles teriam que nos respeitar como tal entende? Mas as mulheres eram muito combativas maravilhosas e teve muitas palestras a gente até foi eu até tenho comigo ata de uma reunião que foi um dia antes do dia Internacional da mulher no dia Internacional da mulher ia, uma vez foi a uma escritora que eu não lembro nome dela agora. E uma vez foi a mulher do Vladimir Herzog, foi em Santa Maria também palestrar no dia 8 de março. Então a gente fazia, tinha comícios, atos públicos né, essas coisas né que eu acho que eu acho que tu tens outras perguntas que vão perguntar isso também.

AF:

Sim! Qual é a tua percepção então sobre esse ativismo de mulheres na política de Santa Maria? Como que era o ativismo dessas mulheres, por exemplo quais espaços eram ocupados por elas e qual a expressão desses espaços, a expressão disso frente a cidade?

JS:

Eu acho que uma coisa importante de falar na segunda pergunta, é te dizer assim ó, que quando a gente começou a construir o PT, dentro do PT tinha muitas ... muitos ... na verdade tendências, tendências que era tendências trotskistas, tendências leninistas, e que tinha seu próprio jornal sua própria imprensa e então tinha O Tempo, O Trabalho, Convergência Socialista. Eu militei primeiro no trabalho depois na Convergência Socialista, então esse povo era muito lutador mesmo, então há ... a

gente queria negar não só a ditadura como o modo de governar e assumir o poder né, mas qual é a minha percepção então deixa eu te colocar assim ó há ... sobre o ativismo de mulheres no ativismo da cidade né?

AF:

Isso!

JS:

Olha, eu poderia te dizer que no início ... quando a gente é jovem a gente tá meio que se lixando, me desculpe o termo, por que pensam da gente, a gente que mais é fazer as coisas, tentar fazer. A gente tanto tinha percepções, tanto tinha na visão dos outros um acolhimento e uma simpatia, como tinha um medo das mulheres tipo assim. Eu morava num prédio em que as moças que moravam ali não, não faziam amizade comigo, meus amigos eram, todos outros entende? Então eu acho que, eu diria que da ... da ... era assim os movimentos feministas que havia um pouco em Santa Maria, a gente foi levando mulheres trabalhadoras de vila e tudo mais a esse ativismo que havia um estranhamento também com a gente né, por que era muito ousado, era muito ousado enfrentar a ditadura ainda naquele momento, mesmo sendo no final. Eu acho que em 81 aconteceu até um golpe de sorte né, que foi a bomba do Rio centro, por que ... porque nesse movimento todo muitas vezes a gente foi reprimido, então eu escrevi aqui que havia uma luta acirrada dos militantes para legalizar o PT e um grupo feminista germinal tudo bem. Mas assim, queria te dizer que essa percepção dentro do PT, e nós não aceitávamos, nós tínhamos uma percepção de que o grupo o feminismo era uma luta tipo clube da bolinha ou do bolinha entende e que nem todas as mulheres ... era como se existisse em Santa Maria mulheres do PT, do germinal, do PMDB e as outras mulheres que eram as mulheres certinhas tipo tradicional. Nós tinha muita simpatia de alunos de pessoas até de mulheres da vila que depois se entrosaram com a gente de outras pessoas que militavam também de estudantes da Universidade mas a nossa própria família como a minha teve um estranhamento entende, um medo então mas como eu me coloquei eu coloquei pra minha mãe assim que aquilo era que eu queria mesmo entende, então havia um estranhamento de uma coisa tão tipo assim que a gente ia desviar a ideia da jovem que a gente tava corrompendo a ideia dos jovens. Isso até quando nós fomos demitidas no município o prefeito chegou a dizer isto nós

entramos contra ele e contra os estudantes e que nós vamos readmitidas no município, mas aí eu já morava em Porto Alegre. Então eu acho que havia um estranhamento tá, essa percepção assim ó avião desejo que terminasse a ditadura mas havia também um como é que eu vou te dizer assim ó aquela percepção de que mulheres éramos nós assim ó nós íamos em tudo com companheiros da época políticos, artistas que tinham pessoas muito legais eles eram à frente do seu tempo outros não eram tinha um bar aí é um bar grande até perto da casa Eny no calçadão, que não era calçadão naquela época, que só entrava homens só entrava homens inclusive nem banheiro de mulher tinha, banheiro feminino não tinha e nós resolvemos que nós íamos frequentar esse bar de vez em quando entende e nós fomos e aí às vezes os colegas militantes acompanhavam nós e tudo mais mas nós nunca fomos ofendidos por esses homens pelo contrário uma vez a gente foi ofendida por um cara da rua e um homem desses nos defendeu entende então nunca me senti ofendida assim teve uma coisa muito interessante até que aconteceu mas era se sentia ... a palavra parece senso comum mas se sentia diferente né, é tipo assim ó elas não são as mulheres comuns pra casar entendeu, tipo assim.

AF:

Sim! Que lembranças tu tens desse processo de redemocratização, tem alguma lembrança marcante na cidade desse processo de abertura das Diretas Já?

JS:

Olha pois é, as minha lembranças do processo de redemocratização começaram aí em Santa Maria, que aí já havia uma luta né, eu lembro assim que a gente lutava contra o aumento da comida no RU, e eu já não era mais ... eu já era professora, aumento de passagem de ônibus, uma vez nós fizemos um ato numa praça que tem na Dr. Bozano lá pela terceira quadra, antes de chegar nos bombeiros, naquela praça de cima, quando foi nomeada uma ministra da Educação, parece que era Ester Figueiredo o nome dela, e nós fizemos um ato público ali muito grande, inclusive o ... na época o Marcos Rolim estava que foi um deputado conhecido, uma pessoa que também era um militante estudantil e na época ele entra a gente tava no PMDB, no MDB na época, e depois da passeata a polícia nos seguiu. Uma outra vez foi dentro da Universidade, a polícia entrou na Universidade e nos cercou com armas nós ficamos sentados cantando um Hino do Geraldo Vandré. Então os

momentos marcantes assim foi ... era marcante essa organização que nós fazia, essa de coisa de buscar as pessoas e mostrar pra eles nossos sonhos, nossa utopia, de lutar contra uma Ditadura, de ao mesmo tempo luta contra a repressão da mulher, a repressão do jovem, e as vezes até uns dois anos atrás eu lembro que eu disse para uma turma de alunas minhas na universidade que eu estranhava isso no interior, que eu estranhava coisas que elas estavam me dizendo que lá na década de 80 nós estávamos lutando contra. Então é como se houvesse tido de um tempo para cá um retrocesso em certas ideias, em certas lutas da mulher, em certas ideias de casamento, de companheirismo, de né. E eu estranhava, aí depois eu me dei conta que esses alunos eram tão jovens que não tinham ouvido falar Ditadura Milita, onde é que tá os livros de história, aonde está as aulas de história né? E nós fazia, como eu trabalhava com políticas educacionais também eu fazia grupos de pesquisa que eu incluía esse tema para ser pesquisado, os alunos gostavam, mas hoje a gente vê nos jovens, em alguns jovens lutando contra uma barreira, mas que se vê que as meninas também têm uma vida muito ainda antiga né. Não é que, aqui eu não to falando de coisas como casar ter filho não isso é uma escolha pessoal, eu estou falando de mentalidade né, de mentalidade porque as vezes mudam as coisas no sistema, mas a mentalidade das pessoas demora mais para mudar continuam preconceitos, continuam mulher falando de mulher. Então isso é terrível, mas então a minha lembrança marcante ... deixou ver se eu escrevi alguma coisa interessante aqui para ti que eu possa te dizer tá? Mas eu acho que o mais marcante foi ir nas vilas pra conversar sobre um outro jeito de fazer política e na possibilidade de os trabalhadores terem o seu partido que se preocupar ia com os trabalhadores e não com a burguesia então isso pra nós essa porque nós não fazíamos isso só porque nós lia ou ouvia os discursos do PT, nós estudávamos, nós estudávamos livros tinha hora do estudo também nesta as tendências vocês entendem eles levava muito a sério o estudo tinha imprensa internacional, que a gente vendia inclusive jornal internacional jornal da própria tendência então isso é uma coisa muito importante uma coisa que eu quero te contar assim ó naquela época também não existe o voto do jovem de 16 anos, nem do militar o que era soldado e nem do analfabeto. E uma vez numa casa eu sentei na porta da casa com um senhor e ele: "porque que a senhora está conversando tudo isso comigo se eu sou analfabeto e nem votar eu voto", e aí eu disse pra ele que a nossa ida ali não era não era só pra ter que era uma militância de ideias e que nós éramos contra que o jovem de 16

anos, que o soldado, que o analfabeto não votassem porque ninguém era analfabeto porque queria que existia uma política antissocial, vamos dizer assim uma política de exclusão do saber, então conversar com ele e saber as opiniões dele então eu acho que isso foi marcante essa conversa que depois essas pessoas ficaram amigos da gente ir convidar pra tomar café nos convidaram pra um monte de coisa então é uma coisa muito humana né, muito boa eram pessoas simples e isso eu acho que foi uma coisa muito marcante.

AF:

Janes, o perfil dessas mulheres que participaram contigo da formação do PT tu consegue traçar para mim o perfil delas? Que mulheres eram essas? A que classe elas pertenciam? Quais eram as suas profissões?

JS:

Olha eu já era professora tinha umas que eram estudantes, algumas eram estudantes, algumas tinham assim uma classe que era mais alta e outras eram estudantes não tão ricas entendi, estudantes de ser social que veio da classe trabalhadora tá, outros eram ... eu tive dois companheiros por exemplo que eram ... de dois ou três até mais eu acho tanto mulheres quanto homens que eram não dá pra dizer que eles eram burgueses mas eles eram quero dizer burguês é um modo de vida também né mas eles pertenciam a classe média alta.

AF:

Sim! Mas as mulheres na sua maioria eram estudantes então como você disse?

JS:

Olha se eu lembrar nome por nome assim eram tinham uma ou duas inclusive que nem estudavam ela só trabalhavam, e trabalhavam elas não eram militantes de ser assim o secretário-geral do Partido ou não mas elas estavam ali entende era um jovens muito jovens mas elas eram trabalhadoras tipo cuidar de criança trabalhar na casa de alguém entende e outras eram melhores de vida uma delas até o pai dela também foi prefeito de uma outra cidade do interior e ele não era nem do PT mas ela era muito jovem ela tinha 15 ou 16 anos, e ela foi estudar em Santa Maria estudou história inclusive né então era bem misturado assim né, a gente procurava todo

mundo que pudesse apoiar mas essa o perfil dessas mulheres militantes não dá pra dizer que era um só classe trabalhadora pobre não era até uma luta pelo uma sociedade melhor era uma luta por um ... não tinha esses perfis elas eram estudantes até vindas de outras cidades, vindas de outras cidades. Eu me criei em Santa Maria, então eu estudava o meu pai era um trabalhador e a minha mãe era uma dona de casa nós éramos em 11 filhos, mas eu já tinha me formado na Universidade eu já tinha feito dois cursos, e depois fiz o concurso para professora do município. E no início mesmo em 1981 eu já estava no estado e no município em 1980 eu estava só no município.

AF:

Como que era aceitação dos homens de ter vocês nesses espaços do partido? Assim como você sentiam essa aceitação na hora de uma fala de vocês, na hora de colocar alguma opinião que vocês tinham sobre o assunto que estava sendo discutido dentro do partido. Vocês tinham respeito por parte dos homens ou tinha algum tipo de preconceito?

JS:

Da pra dizer que tinha mais respeito do que preconceito se bem que eu acho assim que o machismo aparece nos mínimos detalhes, subliminar, por que tem uma cultura toda uma civilização toda que é assim e eles te obrigavam eles tinham eles queriam ser diferentes pelo menos os mais próximos de nós, como presidente do PT que é um companheiro de Santa Maria, que era professor, ele morreu infelizmente bem jovem o nome dele era Sérgio Lopes e outros companheiros né e se eles não eram nós pegava muito duro com eles se eles faziam alguma coisa o pessoal das tendências e do PT se eles mostravam mais séria de machismo a gente pegava muito duro com eles inclusive na própria tendência era discutido isso não vou dizer dentro do PT aí eu não vou dizer dentro do PT entendi lá na cúpula maior lá Lula, do Clóvis. Inclusive eles vinham a Santa Maria as vezes e tinha uns encontros com a gente, jantavam, faziam reuniões. Mas lá em Santa Maria os colegas companheiros muito esforçado em ser diferentes e respeitar a mulher e tudo mais sabe eles eram era legal isso aí era bom.

AF:

No que se refere algum movimento de mulheres tu me falou mais ou menos em uma questão anterior que vocês acreditavam que não era O movimento só de mulheres que ia dar essa igualdade essa emancipação da mulher para as mulheres. Tu chegaste a participar de um movimento só de mulheres ou não? Outu preferias participar de movimentos que eram em conjunto como a formação do PT?

JS:

Eu participei eventualmente do germinal eventualmente quando assim ó eu fiquei muito pouco tempo no MDB E as colegas companheira que fundaram esse grupo eram do MDB então eu participei eventualmente só que ali naquele momento nós tínhamos uma crítica também depois né que no movimento de mulheres eram como se todas as mulheres fossem iguais, tipo toda mulher muito rica, toda mulher muito pobre. Na defesa de direitos e contra injustiça podemos ser iguais mas se uma mulher muito pobre fosse fazer um aborto naquela época ela perigava morrer enquanto que a muito rica podia ir para os Estados Unidos ou em um país da Europa E fazer ou ter um atendimento médico melhor. Então nós quando eu fui para o PT a nossa discussão é essa né que o movimento feminista podia existir mas junto com o partido não o movimento feminista exclusivamente feminista podia poder podia tinham o direito A gente respeitava muito elas e elas respeitavam a nós elas nos cobravam a participar aí a gente dizia que pra nós a luta tinha que ser junto com os homens. Por que por exemplo se eu tivesse na minha casa com meu companheiro lutando na vila ele tinha que me respeitar como companheira política além de mulher entende e não só por que eu era mulher, não é que eu não tivesse que arrumar a cozinha porque eu era Mulher e feminista,não eu vou arrumar a cozinha se eu puder se eu não puder eu não arrumo eu arrumo se eu quiser mas ele tinha que me respeitar como companheira política que tava lutando pela construção de uma sociedade de uma outra sociedade de uma eleição de uma coisa que na época era muito forte por que ter 21 anos de ditadura não era uma brincadeira, não foi uma brincadeira.

AF:

Como que tu percebeu a inserção e se teve a inserção de algumas bandeiras Feministas dentro do partido Janes? Tinha alguma bandeira que vocês defendiam que era também feminista para discussão dentro do partido?

JS:

Olha o que eu me lembro assim que a gente lia livros que tinha ver com feminismo por exemplo tinha um muito bom que eu até perdi esse livro que eu emprestei e nunca mais me devolveram que era da de uma autora americana que o nome do livro era sexo contra sexo ou classe contra classe tá, depois ela também tinham de texto num livro sobre o aborto né então esse tipo de coisa nós apoiávamos está essa discussão afinal é sexo contra sexo classe contra a classe está eu tinha uma amiga que era do Rio de Janeiro depois ela foi estudar na França e que ela era muito feminista ela morava no rio era professora de história também era muito feminista ela escrevia sobre feminismo tudo mais e a gente se dava bem mas eu discordava só do puro grupo feminista não que não tivesse que existir tinha que existir mas quando nós íamos participar, como por exemplo como está a na ata ali nós tinha uma credencial pra entrar alipara as mulheres entrarem na reunião que foi no dia 7 de março e nós representantes do PT fomos sem nos credenciar bom daí e elas deixaram nós participar foi legal aí nós participamos eu até propôs algo que foi aceito que todos tivessem direito a voto todas que estavam ali entendi então esse tipo de coisa quando a gente ia para as convenções e Porto Alegre a gente vinha pra as convenções de Porto Alegre do partido e não do feminismo né se tinha aqui um movimento aqui em Porto Alegre que tinha claro que tinha mas tinha movimento dentro do PDT, do PMDB é mais forte está eu até depois vim a conhecer essas pessoas mas eu não participava ativamente de movimento feminista não eu gostava mesmo do estudo da política da sociologia da história E dessa militância mesmo de ser representante ser uma como também era no CEPRS sindicato foi assim entendi de eu ser escolhida para ir lá no congresso né, e competir com outros colegas e outros homens e ter o voto mais votos pra ser pra ir na convenção né então era isso eu não eu nunca participei ativamente do movimento feminista não agora eu não acho que não deva existir por que hoje mesmo a gente está vendo o que acontece no próprio Senado né contra as mulheres no próprio mundo político porque hoje só tem uma lei lá mas que muitos políticos aí de carteirinha que a anos não sair de lá botam suas parentes no Congresso e aí eu acho que não eu não posso votar numa mulher porque ela é mulher que eu tenho que voltar no programa.

AF:

Com certeza!

JS:

Eu posso ter votado na Dilma porque ela era mulher e por que era Dilma e por que representava o PT, assim como eu posso votar na Luciana Genro, mas eu não vou votar na Ana Amélia Lemos por exemplo.

AF:

Sim, com certeza!

JS:

Então a minha participação em grupo feministas sempre foi muito restrita.

AF:

Janes, a respeito dos meios de comunicação. Como era o acesso que vocês tinham aos meios de comunicação? Da formação do PT, e eu te pergunto isso por que como eu já te disse pesquisando o jornal A razão durante a escrita da monografia eu encontra pouquíssima coisa sobre o PT, e daí lá pelas tantas eu encontro uma mulher sendo destaque do jornal que até então não tocava nem no assunto de formação de um partido de esquerda em Santa Maria e essa mulher em destaque, e eles tratando de ti, que eu não sei se tu tem essa reportagem mas eu tenho e posso te passar, tratando de tua figura como uma figura muito expressiva na cidade, uma figura muito forte, determinada, e que vem aparecer. Eu queria saber como era esse contato de vocês com os meios de comunicação? Se eles davam uma abertura pra discussão do partido, como é que funcionava?

JS:

Eu creio que eles não davam muito a gente que lutava por né, a gente tentava fazer acontecer e por exemplo quando nós tínhamos a associação de professores municipais nós tinha muitos jovens jornalistas da A razão, que era, hoje tem outro nome. Jovens jornalistas eram nossos amigos, eram conhecidos nossos então a um nós conhecia o fulano que tava estudando jornalismo e assim ia, nós fazia abaixo assinado, nós ia de escola em escola Nós fazia acontecer, quando nós panfletava na frente do banco na época em que receber os professores entendi nós íamos pra rua sairmos cedo de madrugada até correndo da polícia às vezes entendi mas assim

ó a gente fazia acontecer enquanto partido. Eu creio que eu sei o que estou falando, porque eu saí também no jornal na época em que nós fomos demitidas da escola municipal. Saímos na capa do jornal, daí foi uma coisa assim ó ele colocou na clandestinidade a nossa associação né o prefeito e depois ele readmitiu cinco professores que não eram da direção por que elas falaram contra nós elas aceitaram para poder voltar ao trabalho. E a presidente, a vice-presidente, o tesoureiro e a secretária geral não foram readmitidos, ficamos cinco lutando na justiça. Viemos a ganhar, eu já estava em Porto Alegre, eu fiz um acordo com a diretora da minha escola e voltei pra Santa Maria para ter o gosto de assumir o meu lugar. Fiquei um mês lá e pedi demissão, vim embora de novo. Entendi que era uma coisa muito importante. Mas, então, quando o partido se concretizou em temas de lei legalmente e tinha candidatos né pra perfeito para governador o Olívio Dutra na época que era já que já ia eles foram em Santa Maria o próprio Lula né e que nós tínhamos uma série tinha eu estava olhando ali nos documentos que eu guardo nós tinha 44 filiados né eles se obrigaram a colocar os nossos nomes ele entende. Mas naquela época se tu não sei se tu sabe que a propaganda eleitoral da época a gente não falava nada só aparecia a foto todo mundo era pra todo mundo né então talvez tenha saído isso na verdade eu fui presidente da associações de professores municipais depois eu fui secretário-geral do Partido depois de um colega que saiu e depois eu era delegada sempre nas convenções e depois eu fui candidata vereadora então eles já era teve um momento em que eles tinham que abre alguma coisa mas não era tão aberto não está. Eu não sei se eu respondia pergunta pra ti não sei se eu sei a resposta que na escola que eu trabalhava no estado no Cilon Rosa o diretor pediu pra mim pra mim pedir o meu afastamento que eu tinha por direito, A gente podia pedir um afastamento para concorrer às eleições sem perder o emprego eu era nomeada eu tinha feito concurso aí eu disse pra ele que eu ia pedir porque realmente eu queria me dedicar a essa luta política né e ele pediu pra mim pra não entrar com nenhum comento nenhum panfleto na escola que ele não queria propaganda política escola porque os alunos gostava muito das aulas gostava de conversar comigo e tal um dia eu fui lá levar um documento E tal e eu cheguei tinha colegas candidato do MDB os outros partidos do PDS talvez não sei né e que estavam lá fazendo propaganda e eu morava perto da escola Cilon Rosa eu voltei pra casa peguei a minha pasta cheia de panfleto colado E fui pra escola E depois como na madrugada eu encontrava também alunos que alguns militavam com a

gente que eu ir aí na escola de dia e o diretor saiu de lá de dentro assim como se fosse um alguém que fosse caminhando bem devagarzinho até chegar e dar o bote em mim entende talvez tentando me assustar eu não me assustei eu fiquei ali panfletando, então era muito difícil sim os colegas de escola eu sentia mas esse preconceito de colegas professores não de colegas da militância ou das pessoas mais simples das vilas pelo contrário ela eram muito maravilhosas mais colegas da escola professores formados sim, alguns tinham admiração pela gente e outros tinham um preconceito né então era isso depois o diretor quis me botar a disposição para outra escola eu não aceitei mas daí ele me tirou da sala de aula me botou na biblioteca os alunos ir na biblioteca essa coisa toda entendi mas era daí eu vim embora a Porto Alegre E eu vim trabalhar em Porto Alegre e aí eu convivi com o movimento das diretas já em Porto Alegre aí a gente ia nos comícios aí eu estava estudando na UFRGS né e continuava militando então eu convivi com esse movimento em Porto Alegre o das diretas já e o fim de toda a ditadura.

AF:

Eu queria para finalizar então Janes que tu me relata-se se tu tem alguma memória da tua militância que tu gostaria de destacar? De militância é claro envolvendo esse período que tu me falou envolvendo a participação das mulheres que tu gostaria de destacar pra mim e o porquê de destacar ela?

JS:

Olha eu destacaria a unidade que houve né dos militantes dos companheiros tanto de a unidade não só do povo do PT ta de outros partidos também, como o MDB, mulheres do germinal , a unidade que houve pela luta contra a ditadura militar e pelas diretas ta, isso eu destacaria e também destacaria, isso eu quero dizer que a gente teve unidade para isso, mas não quer dizer que nós não tínhamos diferente métodos, diferenças ideológicas por exemplo muitos companheiros que estavam, companheiros no germinal e companheiros do MDB nós convidava pra ir no PT, que nós achava que teu lugar era lá, nós achamos que tu vai ser melhor entende, porque é um partido que tá nascendo é uma coisa nova e eles diziam que não fazia diferença lutar por justiça e nós achava que fazia né depois essas pessoas acabaram indo pro PT quando não passou aí Emenda Dante de Oliveira pelas diretas já e depois que foram colégio litoral e eles acabaram indo pro PT mas eu

destacaria também como inesquecível esse trabalho de militância com as vilas com as pessoas trabalhadoras que nos recebiam na sua casa ficavam nossos amigos fazia um café pra gente que nos ajudava fazer risoto almoço colaboravam ser filiavam entendi que fazia ali uma lista de colaboração que ia levar dois quilos de arroz para o risoto quem ia levar tomate quem ia levar o azeite quem ia dar não sei o que de frango entendi então não só os militantes do PT, como as pessoas que estavam filiados que eram da vila e uma delas que trabalhava no restaurante estou no risoto e porque a gente fazia na sede no domingo pra vender pra gente poder ter dinheiro pra pagar o aluguel da sede pra poder ter coisas para o partido entendi então eu acho que isso assim era muito importante e nisso já tinha as nossas ideias de lutar por uma constituinte soberana com uma assembleia Nacional constituinte por escola pública e gratuita de qualidade para todos que não tem o que existe até hoje né na educação nós já tínhamos as ideias do Paulo Freire aí em Santa Maria naquela época o Paulo Freire foi fazer palestra duas vezes foi a Marilena Chauí, foi não estava sempre nesses lugares nesses lugares a gente ia né assim como shows né que a gente promovia e tudo mais né o que se tornava inesquecível né as pessoas os estudantes da Universidade nos respeitável né respeitavam a gente como uma lutadora e não como uma mulher que estava tendo liberdade demais entende mais ou menos isso né E então a gente teve muitas coisas boas quando a gente ficava tem uma esquina aí também eu nunca esqueço toda vez que eu vou aí perto daquela escola que incendiou aquela escola que tem uma banda escocesa fica ali perto da avenida Medianeira quase perto da antiga rodoviária ali em frente a gente panfletou muito A gente botava até banquinho uma outra coisa interessante que é inesquecível nós fazíamos festa de São João na Ásia pra Porto Alegre em festa de São João entendi nós fazíamos muitas coisas era uma vida política mas também social de afeto uns pelos outros também existe um afeto existe uma coisa de companheiro a colega ou a amiga precisar de ajuda estava triste por alguma coisa a gente tava junto a gente ia pro restaurante e a janta fora no final de semana a gente fazia encontro na casa de alguém então isso era muito bom isso era muito bom mesmo.

AF:

É um prazer muito grande estar podendo falar contigo, te agradeço muito pela tua disponibilidade de falar comigo.

JS:

Eu também gostei muito.